



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
MESTRADO EM HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

SAMUEL FERREIRA DE SANTANA

NEWTON ELIAS DE SANTANA ENTRE O SAMBA E O PODER PÚBLICO:
táticas de permanência e institucionalização do samba em PE (1970-1999)

Recife

2022

SAMUEL FERREIRA DE SANTANA

NEWTON ELIAS DE SANTANA ENTRE O SAMBA E O PODER PÚBLICO:

táticas de permanência e institucionalização do samba em PE (1970-1999)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Filosofias e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como quesito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Área de Concentração: Sociedade, Culturas e Poderes.

Orientador: Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos

Recife

2022

Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

981 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2023-134)

981 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2023-134)

SAMUEL FERREIRA DE SANTANA

NEWTON ELIAS DE SANTANA ENTRE O SAMBA E O PODER PÚBLICO:

táticas de permanência e institucionalização do samba em PE (1970-1999)

Texto para defesa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Filosofias e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Área de Concentração: Sociedade, Culturas e Poderes.

Aprovada em: 26/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Ribeiro dos Santos
Orientador (Universidade de Pernambuco)

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto
Membro Interno (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Geovanni Gomes Cabral
Membro Externo (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

A escritora Conceição Evaristo certa vez nos lembrou que: “ a memória bravia lança o leme recordar é preciso. ” Sob a latente ordem me coloco a perguntar: como recordar o que não se viveu? Laços que sequer chegaram a dar nó(s), histórias dos meus mais velhos que aos berros da intolerância foram silenciadas por um tempo. Pois bem, o tempo passou, e no que se apresentava enquanto dias festivos envoltos de uma alegria barulhenta, escuto vozes dos meus, timbres altivos, donos de sua própria história. Não durou muito para que ao vai e vem das águas lembranças sob o ritmo marcado da percussão, alertasse com grande maestria as vozes da ancestralidade. A eles, meus mais velhos, dedico este trabalho. Aqui deixo registrado muito mais que uma pesquisa histórica, mas uma possibilidade de me reconectar com os fragmentos históricos deixados como legado pelos meus. Saber que sou um Santana Rebeldes, me estimulou a produzir este trabalho, e creio que a garra mantida no nome vai me impulsionar a escrever em tantos outros Carnavais.

AGRADECIMENTOS

Festejar algo significa estabelecer encontros, em coletividade, em movimento contínuo. A partir deste pensamento, tornam-se mais negros os processos de construção do presente trabalho. Ao olhar para trás, noto o quanto conseguimos construir até aqui. Sim, “construímos”, no plural, pois como nos lembra a intelectual Jurema Weneck: “nossos passos vêm de longe”; portanto, seria petulante da minha parte carregar sozinho os méritos desta pesquisa que se estabeleceu por intermédio de tantas mãos. Desta forma, deixo aqui registrado os nomes que em conjunto ajudaram a dar forma aos fazeres culturais e luta da classe de sambistas representada por Newton Elias de Santana.

Na viagem intensa que é a vida, tive a sorte de embarcar com três seres especiais, que me inspiram e encorajam, meus primeiros apoiadores. A primeira, minha mãe Ivanice Santana, popularmente conhecida como “Dona nice”. Minha força visceral, porto seguro de carinho e acalanto. Se hoje acredito que posso ocupar espaços que me foram negados historicamente, devo a ela tal êxito. Lembro com carinho que quando criança, por repetidas vezes, olhava em meus olhos e dizia: “estou criando você para ser um doutor”. Quando mares da insegurança assolam meu barco lembro deste dito e sigo remando. O segundo, meu pai, Regivaldo Santana, companheiro de viagens e o melhor contador de histórias. Pastor e homem de extrema sensibilidade, que com toda calma do mundo tem se colocado à disposição para se desconstruir e me amar por inteiro, sem preconceitos. A terceira, minha irmã Lídia Santana (vulgo minha boneca preta), confiante fiel, que mesmo distante se faz perto. Leveza e companheirismo para uma vida toda. Sem o amor deles nada disso seria possível.

Toda nova experiência causa um certo medo, ainda mais quando se trata do meio acadêmico, por vezes hostil, competitivo, um mar sem fim de egos inflados. Em um momento delicado de fechamento de ciclos e abertura de outros, contei com a ajuda do grupo de professoras que compõem o curso preparatório à pós-graduação para negros e pardos, o Alafiá; executado pelo Coletivo de Acadêmicas Negras (CAN) – Luiza Barros. Às professoras Denise Botelho, Hercília Melo, Flávia Clemente, Teresa Vital e Valdenice Raimundo, minha gratidão pelos ensinamentos ancestrais e intelectuais.

Enquanto parte do Programa de Pós-Graduação em História, deixo registrada minha profunda admiração, respeito e carinho pelo professor Flávio Weinstein Teixeira, que de primeira topou a empreitada de assumir uma orientação primária. Seu olhar crítico, paciente, e sobretudo, humano acompanhou parte da vida desta pesquisa que pulsa gratidão. Nessa jornada de orientações, tive o privilégio de encontrar o professor Mário Ribeiro dos Santos, que chegou para co orientar e se fez orientador no dia a dia, a cada reunião, indicação bibliográfica, puxões de orelha, leituras minuciosas e no clássico “não podemos deixar a peteca cair”. Obrigado por ser calma em meio ao caos e acreditar quando não havia esperança para seguir. Tê-los comigo foi um diferencial que me fez enxergar enquanto possibilidade.

Aos professores José Bento Rosa da Silva e Luiza Nascimento dos Reis, a quem posso chamar de amigos, minha gratidão pelas oportunidades dadas, conselhos e momentos de comemoração. Suas existências enquanto agentes de enegrecimento de um departamento\universidade pautada na branquitude me estimulam a também ser ponte para outros pretos que desejam seguir a carreira acadêmica.

Aos professores (as) Bartira Ferraz, Antônio Rezende, Antônio Torres Montenegro e Durval Muniz meu obrigado pelo compartilhar de conhecimento, sempre de maneira didática, crítica e forte. Sigo com seus ensinamentos escritos em meu caderno e talhados em meu coração.

Munido das reflexões de Benjamin sobre o ato de narrar, percorri léguas à procura de excelentes narradores, para desembaraçar, ou melhor, embaraçar mais ainda os recortes que surgiam sobre a vida do Newton, já que viver e narrar não se colocam de forma retilínea. Destaco aqui, as contribuições potentes de Reginilson Elias de Santana, Nilzon Elias de Santana, Laureci Santana, Dinha Santana, laços familiares perdidos no tempo e reatados através da presente pesquisa. Bem como Geraldo Melo Filho, Paulo Cabral e Walderson Melo personalidades importantes para a construção narrativa em tela.

Não poderia esquecer de Dona Zuleick Lopes de Araújo, bibliotecária do Instituto Histórico de Jaboatão – IHJ, que no auge dos seus 83 anos me recebeu com toda disposição e carinho, dando total liberdade para pesquisar no acervo e a honra de passar horas tomando um café “bem passado”, como dizia. Aos técnicos do Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emerenciano – APEJE, em especial, o seu Justino que me ajudou com toda paciência a manusear os documentos, com quem garanti boas conversas regadas a vinho pós expediente. A FESAPE, representada pela figura de seu vice-presidente Francisco Carlos, que abriu as portas

do acervo dando total liberdade para o fazer da pesquisa, participando ativamente como consultor.

O que seria de mim sem o amor dos amigos? Quero dar nomes aos que escolhi hospedar em meu coração deixando mais leve a caminhada até aqui. Mayra Medeiros, Mirella Cibalde, Fernanda Yara e Sabrina Rodrigues meus amores da graduação. Hanna Jook, Giovanni Sellaró, Hyago Àtilla e Jonathas Duarte, corações unidos pelo desespero entre disciplinas e prazos do PPGH, parceiros de outra vida. Eduarda Nunes, Sheyla Xavier, Isabella Puente, João Pedro companheiros de luta contra o racismo estrutural, unidos pelo Coletivo Afronte. Elóia Santos e Soly Maria, travas no sistema que costuram a vida com fios de ferro, fazendo da cruz encruzilhada e meu coração de morada.

Joan Kleber, dono de lábios cor de jambo que me sopram aos ouvidos pensamentos de fortaleza. Menino pássaro com quem tive o privilégio de compartilhar os prazeres e dissabores diários da vida a dois. Que desceu no poço das tristezas súbitas por diversas vezes para me resgatar, abraçando não só o belo, mas o feio que guardo secretamente. Que por horas a fio me escutava falar sobre a pesquisa, sempre com brilho nos olhos. Que me ensinou sobre o amor.

A equipe Mandume Cultural, corporificada na existência de Isabelle Ferreira, Wellington Silva e Sandir Barros, a qual me possibilitou olhar além dos muros da universidade e produzir o escoamento das produções acadêmicas para a sociedade civil por meio de projetos culturais.

Por fim, agradeço a CAPES pelo incentivo em formato de bolsa de estudos que me deu uma maior segurança para seguir e concluir esta pesquisa.

Axé a todos (as) e (es) !

“Escrever a memória vivida é uma questão de
escrevivência!” (EVARISTO, 2017, p.9).

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar os processos de resistência da cultura das escolas de samba em Pernambuco, durante o período de 1970 a 1999. A partir de uma perspectiva de história a contrapelo, busca-se lançar luz na narrativa dos sambistas pernambucanos para compreender suas táticas de “luta” nos dias de Carnaval, demarcadas por uma linha tênue entre: a defesa combativa de uma ideia de festa anti tradicional e a adesão dos traços tradicionais de forma política como meio de inserção e permanência. Para isso, evocamos a trajetória do sambista Newton Elias de Santana, importante articulador no processo de institucionalização do samba em Pernambuco e representante legal dos sambistas entre os anos de 1970-1999, o qual se insere na pesquisa como “linha de costura” que perfaz toda construção narrativa. Por meio de sua considerável participação na propagação do samba na região e transitar em diferentes espaços do fazer cultural da cidade, apresentamos o nosso personagem em três perspectivas: sambista, mediador e produtor cultural. Ao destacar e dialogar com suas redes de sociabilidades, conseguimos pontuar os lugares ocupados pelo mesmo e seus representados, bem como, seu poder de agenciar diplomaticamente no campo de disputas simbólicas em torno do universo tradicional do Carnaval no Recife. Para imersão na temática, mobilizamos um corpus documental constituído por periódicos, textos manuscritos, fotografias e relatos de memórias, obtidos em entrevistas, utilizando a metodologia da História Oral, os quais foram analisados sob a luz de teóricos da História Cultural. A leitura do aporte teórico possibilitou o entendimento de alguns conceitos que nos ajudaram a pensar os signos no entorno das táticas de permanência das agremiações de samba. A formação das redes de sociabilidades, as discussões erguidas pela classe de sambistas pernambucanos e as táticas empreendidas pelos mesmos através da figura do Newton Elias - em sua mediação entre sambistas e poder público para a idealização de entidades como: UNESPE e FESAPE, são algumas das temáticas que iremos abordar neste estudo sobre o protagonismo de um personagem negro, periférico e amante de uma forma de expressão negada, despotencializada e invisibilizada pelas autoridades instituídas e organizadoras do Carnaval de Pernambuco que representou e agenciou o samba da região de formas múltiplas.

Palavras-chave: escolas de samba; Rebeldes do Samba; Newton Elias de Santana.

ABSTRACT

The present dissertation aims to analyze the processes of resistance of the culture of the samba schools in the Pernambuco, during the period from 1970 to 1999. From a perspective of history against the grain, it seeks to shed light on the narrative of the samba dancers from Pernambuco. to understand their tactics of “fighting” on Carnival days, demarcated by a fine line between: the combative defense of an anti-traditional party idea and the adherence of traditional traits in a political way as a means of insertion and permanence. For this, we evoke the trajectory of the samba artist Newton Elias de Santana, an important articulator in the process of institutionalization of samba in Pernambuco and legal representative of the samba musicians between the years 1970-1999, which is inserted in the research as a "sewing thread" that makes up all narrative construction. Through his considerable participation in the propagation of samba in the region and transiting in different spaces of the cultural activity of the city, we present our character in three perspectives: sambista, mediator and cultural producer. By highlighting and dialoguing with its sociability networks, we were able to point out the places occupied by it and its represented, as well as its power to act diplomatically in the field of symbolic disputes around the traditional universe of Carnival in Recife. For immersion in the theme, we mobilized a documentary corpus constituted by periodicals, handwritten texts, photographs and reports of memories, obtained in interviews, using the Oral History methodology, which were analyzed in the light of Cultural History theorists. The reading of the theoretical contribution made it possible to understand some concepts that helped us to think about the signs around the tactics of permanence of samba associations. The formation of sociability networks, the discussions raised by the Pernambuco sambistas class and the tactics undertaken by them through the figure of Newton Elias - in his mediation between sambistas and public power for the idealization of entities such as: UNESPE and FESAPE, are some of the themes that we will address in this study on the protagonism of a black character, peripheral and lover of a form of expression denied, depotentiated and made invisible by the established authorities and organizers of the Pernambuco Carnival that represented and managed the region's samba in multiple ways.

Keywords: samba schools; Samba Rebels; Newton Elias de Santana.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Dona Maria Corina acompanhada de seu filho Newton Elias na formatura do científico.	38
Figura 2 - Retrato do Joaquim Elias de Santana.	39
Figura 3 - Newton Elias e Maria Corina comemorando o término do curso.	45
Figura 4 - Anúncio para a inauguração de Brasília. Esso, Brasília: Edição Arquitetura e Engenharia, 1960.	50
Figura 5 - Conjunto de músicos em ensaio para o baile da Rebeldes. Newton Elias de Santana no vocal.	62
Figura 6 - Ata de fundação da Rebeldes do Samba escrita por Newton Elias de Santana.	66
Figura 7 - Newton Elias e amigos em roda de samba promovida pela escola Amadores do Ritmo em 1952.	73
Figura 8 - Newton Elias discursando em evento organizado pela Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes em 1984.	74
Figura 9 - Cartaz sorteio e divulgação de evento promovido pela Rebeldes do Samba em 1991.	83
Figura 10 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 11 de janeiro de 1974.	90
Figura 11 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, segunda-feira, 22 de março de 1976.	90
Figura 12 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 10 de fevereiro de 1978.	91
Figura 13 - Recorte de Jornal não identificado.	93
Figura 14 - Recorte do Diário da Manhã 1984 .	94
Figura 15 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, quinta-feira, 7 de junho de 1984.	94
Figura 16 - Edital de Convocação da Nova Diretoria da FESAPE em 1988 .	95
Figura 17 - Informativo sobre a posse da nova diretoria da FESAPE em 1989.	96
Figura 18 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, terça-feira, 12 de dezembro de 1989 .	98
Figura 19 - Recorte de Jornal (sem identificação).	109
Figura 20 - Recorte de Jornal (sem identificação) 1993 .	110
Figura 21 - Recorte de Jornal (sem identificação).	111
Figura 22 - Newton Elias em debate com pesquisadores no auditório do Jornal do Commercio, 1991.	114
Figura 23 - Newton Elias realizando entrevista para veículo jornalístico.	116

Figura 24 - Newton Elias com amigos e familiares em roda de samba em meados de 1965.	120
Figura 25 - Newton Elias nomeando Laureci Elias vencedora do concurso de samba de improviso em 1966.	121
Figura 26 - Newton Elias em ensaio aberto na Rebeldes do Samba.	122
Figura 27 - Nota do Diário de Pernambuco sobre o Encontro de Compositores de 1984.	124
Figura 28 - Newton Elias anunciando a vitória de Belo Xis e Mussolini, 1984.	125
Figura 29 - Newton Elias entregando o certificado e troféu ao vencedor no Festival do Pagode, 1987.	127
Figura 30 - Recorte de Jornal (desconhecido).	129
Figura 31 - Newton Elias, Roseana (filha), Laurenice Elias (filha) Elias apresentando a campeãs do concurso “Rainha do Samba”.	132
Figura 32 - Recorte do Jornal Diário de Pernambuco. 1989.	133
Figura 33 - Brasão da bandeira da Rebeldes do Samba.	137
Figura 34 - Newton Elias realizando a entrega dos troféus no final do curso de contabilidade básica.	142
Figura 35 - Recorte de jornal (desconhecido).	142
Figura 36 - Modelo de Cabeçalho do Correio do Samba.	151
Figura 37 - Modelo de nota de rodapé com alguns dos patrocinadores do Correio do Samba	151
Figura 38 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.	152
Figura 39 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.	153
Figura 40 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.	154
Figura 41 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.	155
Figura 42 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.	157
Figura 43 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCR	Associação dos Cronistas do Recife
APEJE	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
CFPMC	Centro de Formação Pesquisa e Memória Cultural Casa do Carnaval
CPC	Comissão Permanente do Carnaval
CREA	Conselho Regional de Engenharia e Agronomia
CTU	Centro de Tecnologia e Usinagem
DDC	Departamento de Documentação e Cultura
FCCR	Fundação de Cultura Cidade do Recife
FECAPE	Federação Carnavalesca Pernambucana
FESAPE	Federação das Escolas de Samba de Pernambuco
HDBN	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
IHJ	Instituto Histórico de Jaboatão
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MEC	Ministério da Educação
NOVOCAP	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
UNESP	União das Escolas de Samba de Pernambuco
UNESR	União das Escolas de Samba do Recife
UESP	União das Escolas de Samba de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO CADÊNCIAS DE PESQUISA – TRAJETÓRIA MEMÓRIAS E RELATOS.....	15
2	SAMBANDO COM UM “REBELDE”: FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA	36
2.1	HERDEIROS DE UM SONHO REBELDE	37
2.2	“MOÇO, EU FIZ ESTA CIDADE!”. MEMÓRIAS DOS ELIAS DE SANTANA SOBRE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA”	49
2.3	“HERÓIS DA PÁTRIA” NO DESPONTAR DE UM SONHO REBELDE.....	55
3	NA TRAMA DA FOLIA: MEDIANDO EM TERRITÓRIO DE DISPUTAS	68
3.1	FORMANDO REDES DE SOCIABILIDADES	70
3.2	ENTRE O SAMBISTA E O PODER PÚBLICO	85
3.3	“NÃO SE DESENVOLVE CULTURA NENHUMA COM A MORTE DE OUTRA”. O SAMBA INVADE O “TERRITÓRIO DAS PALAVRAS”	99
4	EXISTIR PARA RESISTIR: TÁTICAS DE PERMANÊNCIA DO SAMBA EM PERNAMBUCO.....	118
4.1	EVOCANDO UM COMPASSO DÚBIO ENTRE A RESISTÊNCIA E A RESILIÊNCIA: CONCURSOS, ENCONSTROS E FESTIVAIS.....	119
4.2	ESCOLAS DE SAMBA EM DIÁLOGO COM O SOCIAL: OFICINAS EDUCATIVAS NA REBELDES DO SAMBA.....	135
4.3	CONSTRUINDO UM “TERRITÓRIO DAS PALAVRAS” NOSSO: ANÁLISE DO CORREIO DO SAMBA	146
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS.....	163

1 INTRODUÇÃO: CONSTRUINDO CADÊNCIAS DE PESQUISA – TRAJETÓRIA MEMÓRIAS E RELATOS

*“A hora do encontro é também, despedida
A plataforma dessa estação, é a vida desse meu
lugar. É a vida. [...]”¹*

Certa vez, escutei que o tema de pesquisa chega a cada pesquisador de forma particular e singular. Nos encontros e despedidas da vida como canta Bituca, tive o prazer de bater de frente com o universo das escolas de samba no Recife, da forma mais inesperada possível. Quem diria que uma conversa entre pai e filho resultaria em tantas descobertas, ou melhor, em um forte achado de memórias arquivadas² pela intolerância.

Criado em um ambiente evangélico, dentro de uma lógica pautada na escritura sagrada do Cristianismo, afastado das “produções mundanas³” - executadas por parte da família do lado paterno -, vivi até certo tempo com os olhos e ouvidos tapados para o mundo da folia. Propositamente, ao criar uma esfera de questionamentos sobre meus avós paternos (esquecidos nas lembranças rememoradas nos almoços em família), obtive uma resposta inesperada que acabou se tornando o primeiro acorde de uma estrada melódica com o samba: -“Seu avô foi fundador e patrono de uma escola de samba, lá em Jaboatão” – disse meu pai, enquanto nos balançávamos na rede. No primeiro momento levei como brincadeira, já que olhava, enquanto leigo no assunto, mergulhado em um senso comum ilustrado pelas redes televisivas, que centraliza a existência das agremiações de samba nos eixos Rio de Janeiro/São Paulo.

Mesmo descrente me deixei levar pelos instintos da curiosidade inerente ao historiador, que em outra conversa, desta vez, com uma pesquisadora das expressões culturais populares – a Prof. Dr(a) Isabel Martins Guillen -, resultaram nas respostas necessárias para dar início a uma longa jornada de estudos. Nesse primeiro momento, além da confirmação da presença de escolas de samba no Recife, pude conhecer parte da historiografia pernambucana que se debruçou sobre o Carnaval ao longo do século XX⁴ e a partir dela identificar um baixo índice

¹ ‘Encontros e Despedidas’, canção de Milton Nascimento.

² RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

³ O termo é costumeiramente utilizado pelo grupo de evangélicos pentecostais, e se refere a toda e qualquer prática baseada fora dos preceitos da “escritura sagrada”. Portanto, para o grupo citado, tornar-se “mundano”, implica no afastamento do fiel das diretrizes bíblicas.

⁴ A obra consiste em uma compilação de pesquisas (dissertações e teses) que investigaram as diversas facetas do carnaval no Recife. GUILLEN, Isabel Cristina Martins; SILVA, Augusto Neves da (org). **Tempos de folia: estudos sobre o Carnaval no Recife**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018. Ainda sobre

de pesquisas que abordassem de forma exclusiva, a produção das agremiações de samba em solo pernambucano. O tema, que passa por anos sendo tratado de forma sucinta, chega a ter uma análise mais completa em 2011 com uma pesquisa desenvolvida no mestrado (PPGH - UFPE) pelo historiador Augusto Neves da Silva⁵ e três anos depois, com a tese de doutorado (PPGSA - UFRJ) do antropólogo Hugo Menezes Neto⁶. Tais estudos serviram de base para os primeiros passos de um recém-chegado no universo das escolas de samba em Pernambuco.

Notada a pouca produção, enxergo uma possibilidade de unir o útil ao agradável: a oportunidade de conhecer mais sobre os feitos do meu avô paterno por meio de sua atuação na Rebeldes do Samba⁷ e ao mesmo tempo contribuir para uma historiografia do Carnaval em Pernambuco, pontuando o protagonismo da cultura negra nos dias de folia da região, atrelado ao samba.

Assim, na metade da graduação, iniciei um projeto de iniciação científica, com o intuito de investigar as oficinas de alfabetização, corte e costura e contabilidade básica, criadas e mantidas durante os anos de 1980 a 1999 pela própria escola, visando instrumentalizar os moradores da comunidade para o mercado de trabalho.⁸ Utilizando da História Oral, recortes de jornais (*Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco* e *Diário da Manhã*) e documentos (manuscritos e fotografias) da família passei a entender a agremiação de samba para além de uma propagadora de alegria, no festejo, uma vez ao ano, mas como um lugar onde a transformação social acontece de forma efetiva.

Munido de um aparato documental inicial, segui para a conclusão do curso apresentando uma monografia centrada na história, trajetória e memória da Rebeldes do Samba, sob um recorte temporal de 1962 (ano em que foi criada) a 1999 (ano em que seu patrono e fundador

o tema, temos: SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. 2º ed, revista e ampliada. Recife: Cepe Editora, 2019. ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo**: entrudo, mascaradas e frevo no carnaval do Recife. Recife: Editora Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996. VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A fresta do Estado e o brinquedo para os populares**: história da federação carnavalesca. (1935-1949). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiquês e ganzás**: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Recife: Editora SESC Pernambuco, 2010.

⁵ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

⁶ NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo**. As escolas de samba no carnaval do Recife. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

⁷ Fundada em meados de 1962 pelo Newton Elias de Santana, a agremiação Rebeldes do Samba surge como meio de produzir o samba em Jaboatão dos Guararapes de forma independente.

⁸ SANTANA, Samuel Ferreira de. **Na cadência de um samba negro recifense**: história, trajetória e memória da Rebeldes do Samba. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). CNPQ, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

vem a óbito).⁹ O percurso da referida escola alocada na comunidade das Malvinas, município de Jaboatão dos Guararapes, foi por certo tempo meu alvo de pesquisa (graduação e início do mestrado), contribuiu no que diz respeito à educação, lazer e cultura de sua região, ganhando registros nos anais da história.

As lacunas deixadas mediante o recorte extenso foram transformadas na problemática que fundamentou a elaboração do pré-projeto de mestrado em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2018. Ainda centralizando a Rebeldes do Samba como ponto de partida, o foco analítico nesse primeiro momento seria compreender os processos táticos de resistência da referida escola, frente ao debate que era alimentado por alguns intelectuais da época, marcadamente aqueles tidos por mediadores culturais¹⁰ que, pautados por uma ótica regionalista, buscavam por meio do “território das palavras”¹¹ verbalizar nos principais jornais (*Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco*) suas ferrenhas críticas a qualquer tipo de integração das escolas de samba a toda programação cultural carnavalesca, tida como “tradicional”.

O que podemos chamar de ‘encruzilhadas da pesquisa’, às vezes nos levam a lugares muito diferentes daqueles que nós imaginávamos chegar. A cada etapa cumprida no Programa de Pós-Graduação, a cada novo documento ou fala captada, a proposta seguia se reformulando, dando vazão a novos questionamentos. Um corpo sem freio que ganhava forma. Resgatando Guimarães Rosa e seus dizeres a respeito da travessia¹², entendo que quando estamos abertos a seguir, podemos chegar na terceira margem do rio, um ponto totalmente outro daquele que havíamos forjado no começo e porque não dizer na elaboração do pré-projeto?

Unindo os achados documentais antigos e mais recentes - relatos orais, recortes de jornais (*Correio do Povo, Diário de Pernambuco, Diário da Manhã e Jornal do Commercio*), fotografias, manuscritos, *folders* de eventos e atas de reuniões, todos apontavam como figura principal o Newton Elias de Santana; e na maioria, ficava empretecida sua atuação múltipla nas

⁹ SANTANA, Samuel Ferreira. **O samba na terra do frevo e maracatu: história, trajetória e memória da Rebeldes do Samba (1962-1999)**. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

¹⁰ Os mediadores culturais foram assim definidos por Michel Vovelle: “posso logo afirmar que é em termos dinâmicos que entendo o intermediário cultural, como seu próprio nome sugere, transitando entre dois mundos”. A imagem do mediador cultural assume diversas feições. Presente entre o universo dos dominantes e dominados adquire uma posição excepcional, privilegiada e ambígua. VOVELLE, Michel. **Os Intermediários Culturais**, In: Ideologias e Mentalidades. Tradução de Maria Julia Cottvasser. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, PP. 1991, p. 207-239.

¹¹ SANTANA, Samuel Ferreira de. **Mensageiro da “verdade” no “território das palavras”**: articulações de intelectuais recifenses em defesa do silenciamento das escolas de samba nos jornais (1950-1960). Recife: ANPUH – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2019.

¹² ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 22.ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

produções culturais do samba em Pernambuco: enquanto sambista, produtor cultural e articulador entre poder público e sambistas. Tal fato, despertou o interesse pelo personagem que mesmo com um histórico firme de atuação no Carnaval da região - comprovada através dos documentos -, não possuía tanta visibilidade na história do samba em Pernambuco.

A partir do mapeamento com o nome do nosso múltiplo sujeito, percebo também que, no campo historiográfico não havia uma produção a nível acadêmico que tratasse de sua trajetória ou de qualquer outro sambista pernambucano. Assim, à medida em que seguia, percebia que o sambista além de compor e cantar sambas enredos, construiu um longo caminho em instituições culturais, bem como na defensoria do samba em Pernambuco – atuando enquanto tesoureiro da Federação Carnavalesca de Pernambuco (FECAPE), presidente da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco (FESAPE), produtor de festivais, cd's de sambas enredos e um jornal (Correio do Samba), chegando a representar a forma de expressão no *Festival Internacional de Folclore de Saga* no Japão.

A partir desse momento, não tinha mais como evitar, a voz dos sambistas, e sobretudo, do Newton Elias clamava por ser ouvida. Visto isso, reelaborei o projeto colocando sua figura como ponto de partida para entender mais sobre as táticas de permanência do samba em Pernambuco. Feitas as mudanças necessárias segui os compassos marcados do Newton Elias, buscando entender as relações existentes entre as narrações históricas e documentais, onde as mesmas acabam por adquirir certo distanciamento e aproximação ao longo do tempo criando uma disputa pela representação da realidade.

Adentrando no campo investigativo redefinido, esta dissertação tem como objetivo analisar os meios de permanência forjados pela classe de sambistas, utilizando como fio condutor a trajetória de vida de Newton Elias de Santana como meio de compreensão do contexto de disputas carnavalescas, no qual estava inserido. Sua atuação na produção do samba em Pernambuco nos faz tencionar a estruturação argumentativa que coloca os sambistas enquanto oposto dos intelectuais e ajuda na reflexão sobre a assimetria presente nos diálogos estabelecidos no campo de disputas dos dias de Momo.

Por se tratar de uma pesquisa inserida no universo do Carnaval, fez-se necessário o aporte de produções que se debruçaram nos estudos da festa de forma mais local, como: *O folclore no carnaval do Recife*, da antropóloga Katarina Real¹³, que por meio de um olhar antropológico nos aproxima da diversidade do carnaval de rua do Recife, pautado num conjunto

¹³ REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Fundação Joaquim Nabuco. 2. ed. Recife: Editora Massangana, 1990.

de regras gestadas pelo Estado e ressignificadas pelos agentes fazedores da festa. O trabalho da historiadora Rita de Cássia Barbosa, intitulado: *Festas, máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no Carnaval do Recife*¹⁴ ganha espaço neste estudo, justamente, por contribuir com o entendimento das relações sociais e suas tensões nos debates em torno da festa. A tese *O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940*, de Lucas Victor Silva¹⁵, que apresenta uma análise dos modos como o Carnaval e seus foliões foram representados na imprensa, na literatura e entre trabalhos de intelectuais como Gilberto Freyre e Pereira da Costa, possibilitando entre as fontes relacionadas a classe de sambista um diálogo assimétrico sobre variadas perspectivas de festa.

Além dos já citados, “bebi” de pesquisas que ajudaram a compreender a dinâmica de controle encampado por instituições mediadoras, as quais atuaram no sentido de coadunar os interesses dos grupos ordinários aos interesses dos grupos políticos e sociais dominantes, como *A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: história da Federação Carnavalesca (1935-1949)*¹⁶, do historiador Francisco Mateus Carvalho Vidal; e o livro do Mário Ribeiro dos Santos, *Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)*¹⁷, o qual traz um olhar analítico, também, sobre a atuação do Estado e demais instituições responsáveis pela organização da festa, no que diz respeito ao controle e a ordem nos dias de Momo no Recife.

Consultei a dissertação do Augusto Neves da Silva *Quem gosta de samba bom pernambucano não é?*¹⁸ com o intuito de destacar os motivos que levaram uma parcela significativa dos intelectuais da época, a deslegitimar o fazer das agremiações de samba. Por se tratar de um trabalho pioneiro, no que diz respeito aos estudos centrados nas agremiações de samba no Recife, impulsionou pesquisas posteriores a estipularem nortes mais específicos, com um apontamento de acervos e instituições portadoras de fontes relacionadas ao tema. Além disso, tal escrito nos leva a questionar uma visão que coloca determinado grupo de intelectuais no lugar de homogeneidade, quando na prática cotidiana, esses estão propensos a colidirem em

¹⁴ BARBOSA, Rita de Cássia. **Festas, máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife.** Recife: Editora Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

¹⁵ SILVA, Lucas Victor. **O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 a 1940.** Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

¹⁶ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: história da federação carnavalesca. (1935-1949).** Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

¹⁷ SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945).** Recife: Editora SESC Pernambuco, 2010.

¹⁸ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é? (1955-1972).** Op.cit.

uma pluralidade de pensamentos, fato que se aplica também ao caso dos sambistas que apresentavam concordâncias e discordâncias ao longo da história do Carnaval em Pernambuco.

Dentro desta perspectiva, destaco a importância da tese de doutorado do antropólogo Hugo Menezes Neto *Tem samba na terra do frevo: as escolas de samba no carnaval do Recife*¹⁹, o qual entrega aos pesquisadores do tema valiosas contribuições sob um olhar histórico-antropológico dos embates simbólicos travados nos dias festivos. Por meio de sua análise das narrativas historiográficas e literárias sobre o frevo, possibilita a compreensão de antigas rivalidades, além do tema Carnaval, entre Recife e Rio de Janeiro, que acabam sendo transferidas para as escolas de samba. Neste aspecto, a citada tese me ajudou a pensar em como tais rivalidades são partes constitutivas da construção do frevo como elemento representativo do Carnaval e da identidade pernambucana, tanto quanto da posição desprivilegiada ocupada pelas escolas de samba. Além disso, contribuiu com a reflexão da festa sob uma perspectiva etnográfica dos bastidores do processo ritual presente nos desfiles, abrindo destaque para as relações do samba produzido entre Rio de Janeiro e Recife, mediante a visão dos sambistas pernambucanos.

Análises do festejo no eixo sudeste também serviram de suporte, entre elas destaco: *Carnavais e outras f(r)estas*²⁰ e *Ecos da folia. Uma história social do carnaval carioca (1880 - 1920)*²¹, a primeira organizada por Maria Clementina Pereira Cunha, e a segunda de sua autoria. Os referidos trabalhos possibilitaram-me pensar sobre os sujeitos sociais como o grande protagonista da festa, sendo a prática desses agentes, muitos dos quais dominadores dos saberes, que dão o tom e dinamizam a folia. Esta vista sempre a partir da sua pluralidade, da relação tempo-espço, repleto de conflitos e tensões, que distanciam um olhar único e homogêneo para a festa. *Os cronistas de momo. Imprensa e Carnaval na primeira república* do Eduardo Granja Coutinho²², ajuda a visualizar como e em quais circunstâncias históricas surgiram a reportagem e a crônica carnavalesca. *O Carnaval em branco e negro. Carnaval popular paulistano (1914-198)*²³ da antropóloga Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, levanta um estudo em detalhes sobre o carnaval paulistano, onde a vida dos bairros da cidade revela-se através da folia.

¹⁹ NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo**. As escolas de samba no carnaval do Recife. Op.cit.

²⁰ CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Carnavais e outras f(r)estas**. São Paulo: Editora Unicamp, 2002.

²¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**. uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²² COUTINHO, Eduardo Granja. **Os cronistas de momo**. Imprensa e Carnaval na Primeira República. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

²³ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Carnaval em branco e negro**. Carnaval popular paulistano (1914-1988). São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

O escrito do antropólogo José Sávio Leopoldi, *Escolas de samba, ritual e sociedade*²⁴, me possibilitou realizar uma reflexão e problematização do termo sambista, muito trabalhado nos primeiros momentos da presente dissertação. A partir da classificação entre os termos – sambistas e sambeiros – analisados pelo autor, pude compreender que dentro de tal dinâmica – entrecruzada com as fontes orais - que Newton Elias configurava-se enquanto um sambista por sua forte ligação com o samba desde a sua tenra infância. Fato que possibilitou entender sua faceta enquanto sambista que se coloca de determinada forma narrativa e dialoga com as demais (mediador e produtor).

Por fim, pontuando a existência e resistência das escolas de samba além do circuito Rio de Janeiro/São Paulo, contei com as contribuições do escrito *O samba conquista passagem. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis*, da pesquisadora Cristiana Tramonte²⁵, a qual percorre os caminhos estratégicos de reconhecimento e permanência das agremiações de samba no sul, nos permitindo criar pontes entre os fazeres culturais em suas regiões de atuação, como também, ajuda a pensar os processos educativos que perpassam pelas escolas de samba como manifestação central desta cultura, que resvala nas táticas forjadas por tais agremiações salientadas na presente pesquisa.

A partir do que foi citado, pontuo que minha dinâmica de trabalho se faz, sob a ótica da trajetória de vida. A escolha visa perceber as multiplicidades com que o Newton Elias se insere em suas práticas culturais e não uma busca pela totalidade. Esta se apresenta enquanto premissa metodológica. Portanto, não se trata de um trabalho biográfico, pois entendo nosso personagem enquanto um sujeito polifônico, representante de uma classe, que por vezes aparece também nos jornais, rádios e televisão

Partindo do pressuposto de que a trajetória de vida poderia me conduzir a caminhos de entendimento sobre o personagem, seu contexto de atuação e produções, surgiram diversos questionamentos: Quem foi Newton Elias de Santana? Como ingressou no universo do samba? Quais e como foram formadas suas redes de sociabilidade? Quais foram as táticas de permanência forjadas por ele para seguir produzindo o samba em Pernambuco? Como foram recebidas em seu momento histórico, como são lembradas e por quem são lembradas?

Buscando fortalecer os diálogos a respeito da trajetória de vida, contei com as contribuições feitas por François Dosse²⁶, em sua obra *O desafio biográfico: escrever uma vida*,

²⁴ LEOPOLDI, José Sávio. **Escola de samba, ritual e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

²⁵ TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem**. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis: Editora DIÁLOGO - Cultura e Comunicação, 1996.

²⁶ DOSSE, François. **O desafio biográfico**. 2. ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2009.

na qual o autor apresenta uma espécie de cartografia da escrita das biografias, fazendo compreender como o historiador profissional se relacionou com o biográfico durante o decorrer dos últimos dois séculos. Nesse percurso, constato que a presente pesquisa “bebe” das fontes do que o pesquisador chama de “idade hermenêutica”, que dentre outros fatores, estabelece um vínculo maior com a história oral, valoriza o indivíduo e a narrativa. Segundo Dosse, a idade hermenêutica caracteriza-se pelo “retorno do sujeito após um longo eclipse ao peso das estruturas”²⁷, como também, uma “variação do enfoque analítico, pela mudança constante da escala, que permite chegar a significados diferentes com respeito às figuras biografadas”.²⁸

Ainda nessa linha temática, realizei a leitura de *O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação* do historiador Benito Bisso Schmidt,²⁹ o qual, além de traçar uma linha de trajetória da biografia, pontua as principais dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores interessados no tema, apresentando enquanto proposta o uso do cotidiano como foco de análise na construção biográfica. Tal método causou certa aproximação e reflexão sobre seus benefícios, sendo um deles “a possibilidade de compreender como o indivíduo enfocado transitou, ou não, entre as exigências da vida diária e as dimensões mais amplas da existência, em um contexto histórico específico”³⁰. Por último e não menos importante, tive acesso ao trabalho do historiador Geovanni Gomes Cabral³¹ em sua tese intitulada *Arte, História e Narrativa. A trajetória do poeta José Costa Leite*, na qual o autor, ao construir uma narrativa sobre a vida e produção de seu sujeito de pesquisa, aponta caminhos e suportes teórico metodológicos que acabam por facilitar a navegação nos mares da trajetória de vida.

Enquanto análise de uma trajetória que foge da norma colonizadora, que constantemente visa produzir uma história dos vencedores, partilho da ideia de Boaventura de Souza Santos sob a reflexão de Nilma Lino Gomes referente à construção de um “pensamento abissal” resultante da colonialidade dos saberes, a qual “cria uma dicotomia nos contextos de poder, uma divisão entre universos socioculturais separados por um abismo que se apresenta intransponível e que não possibilita a convivência e a copresença igualitária desses dois universos, suas culturas,

²⁷ Idem., pp. 252.

²⁸ Idem., pp. 359.

²⁹ SCHMIDT, Benito Bisso. **O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação**. Porto Alegre: Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n.6, 1996.

³⁰ Idem., pp. 187.

³¹ CABRAL, Geovanni Gomes. **Arte, história e narrativa. A trajetória do poeta José Costa Leite**. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

conhecimentos e sujeitos.”³² Portanto, em busca de uma construção de narrativas mais igualitárias me disponho a pensar por métodos mais próximos à decolonialidade, fator que me aproxima do que Boaventura chama de “pensamento pós abissal”:

Para ser bem sucedida, essa luta exige um novo pensamento - um pensamento pós abissal [...] O pensamento pós abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do sul. Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia dos saberes na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.

[...] Como ecologia de saberes, o pensamento pós abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico.³³

Desta forma, pode-se compreender uma interligação entre os conceitos de pensamento pós abissal e ecologia dos saberes, tendo em vista que ambos prezam pela legitimidade das diversidades epistemológicas e suas conexões, dando espaço para outras formas de conhecimento além do que se pensa enquanto ciência.

Subjacente a esses novos modos de produzir história, cintila o conceito de escrevivências, formulado por Conceição Evaristo, sobretudo, no que tange à possibilidade de criar narrativas onde sujeitos negros possam aparecer em primeiro plano, numa perspectiva “do negro” e não “sobre o negro”. A compreensão da leitura ressoa na ideia de articular a presente pesquisa em primeira pessoa do singular (introdução) e plural (capítulos), fator que abraça com carinho a afetividade que transborda na escolha do tema. Tais existências soam altamente transgressoras, e por isso, também, seguem ocupando uma margem, que em contrapartida acabam por tencionar o centro. Desse modo corroboro com Conceição Evaristo, quando afirma que:

[...] O ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por sujeitos negros, que historicamente transitam por espaços culturais

³² GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça**. São Paulo: Educ. Soc, Campinas v. 33 n. 120, 2012, p. 732-733.

³³ SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. São Paulo: Educ. Soc, Campinas v. 33 n. 120, 2012, p. 731.

diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação.³⁴

A partir do que foi citado, pontuo que o direcionamento à trajetória de vida do Newton Elias, é justamente perceber as táticas para formação de suas produções a partir dos recortes de sua vida e seleção dos mesmos, para estabelecer uma narrativa que centraliza no protagonismo negro dentro da construção do samba no Carnaval em Pernambuco.

Enquanto artífices de narrativas, como nos lembra Michel de Certeau³⁵, estamos em contato constante com as fontes históricas. Por meio do que foi reunido, esta dissertação foi ganhando forma, sambando no compasso das fontes. Embalado pelas batidas do surdo, tamborim e da cuíca, parti em busca da realização de entrevistas, visitei arquivos, desbravei caixas, acessei longas pastas digitais e digitalizei/printei uma diversidade de documentos. Enquanto ser múltiplo, Newton Elias nos deixou uma variedade considerável de fontes as quais faço questão de reforçar seus usos. Foram reunidos manuscritos, fotografias de família, jornais, entrevistas, folders de eventos, editais de convocação e atas de reuniões. Atento aos detalhes pertinentes a cada fonte, segui ‘dissecando’ as mesmas, buscando criar um entrelace com a escrita que visa dar conta de uma trajetória de vida.

Saliento, que o suporte documental e referencial utilizados para analisar a trajetória de vida do Newton Elias, dialoga com as mudanças que a escrita da história passou ao longo do tempo. As contribuições do que hoje conhecemos como História Cultural³⁶ são diversas. A nova leitura possibilita entender que a cultura está vinculada a uma série de significados construídos, compartilhados e vivenciados pelo homem em seu tempo. Portanto, temos a partir daí uma ampliação dos trabalhos, bem como dos aportes metodológicos, que ganham um enriquecimento pela variedade de fontes, ajudando a melhor compreender os sujeitos e suas práticas culturais.

Buscando aporte de abordagem historiográfica na Micro-História³⁷, fui lidando com diferentes desafios tendo em vista os distintos recortes dos objetivos estudados, imersos em

³⁴ EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.

³⁵ CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p.47.

³⁶ Sobre História Cultural ver: BURKE, Peter. **O que é história cultural ?**. Tradução de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Rio de Janeiro: Editora Estampa, 1998. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

³⁷ A respeito da Micro-História, ver: BARROS, José d’Assunção. **Sobre a feitura da micro-história**. OPSIS, v. 7, n. 9, 2007; VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas da história: micro-história**. São Paulo: Campinas, 2002;

múltiplos contextos de atuação. Utilizando de tal perspectiva trabalho com uma escala de observação reduzida, focando em objetos específicos com o intuito de apresentar novas realidades, que em sua maioria não são prioridade de uma história geral, abrindo a possibilidade de desenvolver narrativas de sujeitos anônimos, como é nosso caso. O trabalho com os relatos orais, jornais, fotografias, manuscritos e tantos outros que acabaram somando na construção da narrativa, possibilitou a reflexão de como a diversidade de fontes acabou por constituir representações do passado no tempo presente. Assim, entendo que não consigo criar uma conexão com o passado do Newton Elias sem a ideia de representação³⁸ que transborda do acervo documental.

A primeira fonte que me abraçou sem pressa de soltar foi a oralidade. Para esse contato inicial foi necessário um levantamento por meio do Facebook dos usuários e possíveis parentes com o sobrenome “Elias de Santana”.³⁹ Mapeando os perfis segui confirmando o vínculo dos selecionados, abrindo espaço para uma conversa prévia sobre o trabalho, bem como as entrevistas que seriam realizadas mais à frente. Um contato indicava outro e assim realizamos uma espécie de encontro com os parentes - antes desconhecidos, e alguns amigos e conhecidos do personagem em questão. Após o conhecimento, foram selecionadas 7 pessoas, totalizando 20 sessões. Sem dúvida alguma, um dos melhores momentos da pesquisa, pois para além de acessar fragmentos da vida do Newton Elias, consegui reatar laços familiares perdidos no tempo.

Mantendo um diálogo com Verena Alberti, entendo as relevantes contribuições do uso de relatos de memória, que tanto me ajudou a visualizar as diferentes formas que grupos elaboravam e efetuavam as suas vivências, situações de aprendizado e decisões estratégicas.⁴⁰ Porém, destaco que ao trabalhar com a fonte oral não procuro reconstituir um ‘elo perdido’, por outro lado, as histórias relatadas são compreendidas antes de tudo, como acontecimentos lembrados. Assim, de acordo com Verena:

As recordações não são meras exposições da memória, mas um olhar que atravessa o tempo múltiplo, um olhar que reconstrói, decifra, revela

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

³⁸ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

³⁹ Tal processo metodológico de busca se deu através do contato com o escrito sobre a família Cazumbá do professor José Bento Rosa da Silva, ver: SILVA, José Bento Rosa. **Família Cazumbá. A peculiaridade de descendentes de africanos nos últimos anos da escravidão e no pós abolição**. Recife: Editora UFPE, 2018.

⁴⁰ ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**, In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky (org). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p.165.

e permite a passagem de um tempo a outro e, especialmente, trazem a possibilidade de atualizações do passado no presente.⁴¹

De forma a tatear o território de narrativas do nosso sambista, entrevistei um de seus filhos, o Reginilson Elias de Santana. Desde o nosso primeiro contato, o entrevistado, sempre me apontava nomes que poderiam contribuir com o colher de dados sobre a trajetória de seu pai. Nossa conversa teve como espectadores seus dois filhos (Débora Santana e Daniel Santana) e esposa (Josicleide Santana), que ao descobrirem detalhes da vida do Newton (antes desconhecidos), percorriam por diferentes níveis de expressão facial – indo das gargalhadas a rostos de surpresa pelos feitos do sujeito histórico em questão. Por se tratar do meu primeiro contato com a oralidade captei que esse momento serviu, sobretudo, como um “caminho das pedras narrativas”. Por ser um integrante atuante da Rebeldes do Samba durante os anos 80 e 90, ‘Tio Nilson’ como é chamado, apontou-me alguns nomes, que em muito contribuíram com a proposta da presente pesquisa.

Quanto ao uso dos documentos orais, Regina Beatriz Guimarães Neto⁴² continua chamando a atenção. Para a historiadora não se trata de um molde próprio de se fazer história, mas saber situá-lo no tempo, em seus diferentes contextos de produção, linguagens e características da escrita. As entrevistas relacionadas à vida de Newton Elias, não podem, de forma alguma serem vistas como “reconstituição fiel do passado”, fato, inclusive, impossível tendo em vista o grau de seletividade da memória, mas pode chegar a ser ponto de partida no entrecruzamento com outras fontes documentais, nos permitindo uma compreensão do passado pelo presente.

Nelson Elias de Santana, atual presidente da Rebeldes do Samba e irmão mais novo de Newton Elias, foi o segundo entrevistado. Um sujeito de múltiplas tarefas, tal qual seu irmão. Professor da rede básica de ensino, advogado e “sambista em tempo integral” – como afirmou. Atarefado, tive que disputar por um dia na sua agenda cheia para as primeiras gravações. O percurso do Recife a Jaboatão em meio ao trânsito caótico da cidade o transformava em uma verdadeira viagem cansativa, mas gratificante, por poder aprender e partilhar de tantas vivências captadas e relatadas sob a lente de Tio Nino, como é conhecido por seus pares. Baseadas previamente, em conformidade com a estrutura pensada para a escrita do trabalho, mobilizei as

⁴¹ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História, Op.cit, p.165.

⁴² A respeito da História Oral como metodologia de pesquisa, ver: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da memória, fontes orais e a escrita da História, In: Cidades da mineração: memória e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX. Mato Grosso: EdUFMT, 2006. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Historiografia, diversidade e história oral:** questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. História oral, desigualdades e diferenças. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2012. MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

perguntas que começaram centradas na vida do entrevistado e que depois cruzavam com questões ligadas às suas experiências em conjunto com o seu irmão. Diante da sua espontaneidade em narrar, algumas perguntas surgiam na hora da entrevista, enriquecendo ainda mais o conteúdo coletado.

Com toda cautela apreendida durante o desenvolvimento das disciplinas de metodologia e oralidade, procurei não interferir no seu espaço de fala, evitando o máximo de restrições. Cada entrevista tinha a duração, em média, de três a quatro horas, isso quando não estendíamos a conversa para além da entrevista. Ao passo que as perguntas eram feitas, obtinha respostas, algumas com pausas dramáticas, abrindo espaço para o colher de fotografias da família, que por conseguinte, acarretavam em lágrimas sutis, sem muito alarde. Tais sentidos emitiam signos banhados no encontro do lembrar e o esquecer.⁴³ Entre um intervalo e outro de memória tive a oportunidade de acessar e capturar algumas imagens da família, como também, conhecer seu escritório repleto de troféus, documentos da Rebeldes do Samba, placa de cidadão jaboatonense ganhada pelo irmão e anos depois por ele – item revelado com o maior orgulho –, manuscritos do Newton Elias em sua primeira reunião com a diretoria da escola citada e alguns sambas enredos de sua autoria e do irmão.

No mesmo dia, tive a oportunidade de conhecer a Laureci Elias de Santana (irmã de Tio Nino), a terceira entrevistada. Naquele primeiro encontro após o término da entrevista com seu irmão no pavilhão da escola, entre perguntas, respostas e memórias percebi que não poderia perder a oportunidade de entrevistá-la. E assim, fiz. No final de semana seguinte marcamos um encontro em sua casa, localizada na Comunidade das Malvinas. A irmã do meio, é professora aposentada da rede pública de ensino e porta bandeira da Rebeldes do Samba. Apaixonada por samba e Carnaval – como afirmou –, me permitiu conhecer suas memórias da festa, bem como a relação de Newton Elias como brincante e coordenador das produções de samba em Pernambuco por meio da sua narrativa, sempre aliada aos álbuns de fotografia. Através das nossas trocas - que durou uma tarde inteira -, pude compreender mais sobre o processo de inserção de seu irmão no universo do samba.

Refletindo com os escritos do historiador Antônio Torres Montenegro a respeito da prática com a entrevista, concordo que é de suma importância estabelecer um bom contato com o entrevistado antes, durante e depois. Para Montenegro, “a postura de um entrevistador deve ser de um parceiro que não conhece a pressa e a impaciência e está disponível a ouvir as histórias

⁴³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever e esquecer**. 2º edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

dos entrevistados com o mesmo cuidado, atenção e respeito, tenham estas significado ou não para a pesquisa em tela.”⁴⁴

Caminhando para a quarta entrevista, cheguei ao Instituto Histórico de Jaboatão, onde encontrei Juleicka Lopes de Araújo, a terceira entrevistada. Por se tratar de uma antiga cidadã jaboatonense, bibliotecária do instituto e muito conhecedora dos fazeres culturais da região, em muito ajudou na construção de uma percepção da atuação do Newton Elias no que toca às produções culturais no referido município. Percorri por suas alegres memórias dos dias festivos, indo do que entendo como “o despontar de um sonho rebelde” – com a ocupação da diretoria do Clube 13 de Maio, até a criação da Rebeldes do Samba, passando pelas tão comentadas festas dos ‘irmãos Elias de Santana’, os desfiles das agremiações da região sob a coordenação do nosso sujeito histórico, concluindo com seus projetos de incentivo social, ligados à educação, esportes e lazer.

É válido pontuar que, não perdi de vista que se tratam de entrevistas de terceiros sobre a atuação de nosso personagem, o que acaba por colocar um (ou mais de um) filtro que me faz considerar: quem são os depoentes, que relação mantinham com Newton e em que situação são postas a falar dele e de sua atuação.

A quinta entrevista foi realizada com uma das filhas do Newton Elias, a Edjane Maria Elias da Silva. Devido à pandemia do COVID-19 (2020) tive que adaptar as práticas metodológicas às restrições atuais, assim, realizei as entrevistas via Whatsapp. Por ser a filha mais apegada ao pai, teve a oportunidade de atuar como sua secretária durante vinte e um anos, duração de sua atuação enquanto presidente da FESAPE. Integrante do pequeno grupo que auxiliava o sambista no desenvolver prático de suas táticas de enaltecer a produção do samba em Pernambuco, Dinha, como é popularmente conhecida, apresentou além do Newton pai, um grande estrategista e incentivador das agremiações de samba. Através do laço criado com a mesma, tive a oportunidade de ter o conhecimento da existência do prédio da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, localizado atualmente na rua Floriano Peixoto, no edifício Vieira da Cunha, centro do Recife.

Dialogando ainda com uma rede bibliográfica centrada nos relatos de memória, destaco outro aspecto que merece ser ressaltado: a questão da descontinuidade temporal, tendo em vista, que o narrador elenca os fatos por ele entendidos como mais importantes pautados no fluxo de tempo/experiência. Assim, fica a cargo do historiador um olhar mais apurado das singularidades

⁴⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral, caminhos e descaminhos**. São Paulo: Revista brasileira de História, v.13, nº 25/26, 1993, p. 55-65.

do tempo da memória, observando seus modos de construção. Processo minucioso que busquei desenvolver em conjunto com a escrita.

As três últimas entrevistas continuaram seguindo as restrições da Organização Mundial de Saúde, sendo realizadas via Whatsapp. Nesse momento, contei com as contribuições do sambista Paulo Cabral (Deixa Falar), forte articulador no campo das escolas de samba em Pernambuco e ex-vice presidente da FESAPE em meados dos anos de 1990. Walderson Melo (Estudantes de São José⁴⁵) radialista aposentado da Rádio Continental (organizador do programa “sambas e pagodes” que contou com contribuições do Newton) e irmão do sambista Waldeck Melo (*in memoriam*) que juntos configuram o grupo conhecido como “a velha guarda” da agremiação Estudantes de São José. E por fim, o deputado Geraldo Melo Filho, personalidade política da linhagem do ex-prefeito de Jaboatão dos Guararapes Geraldo Melo, com quem Newton Elias estabeleceu laços de amizade de sua juventude até a vida adulta.

Ao finalizar o processo de entrevistas, realizei as transcrições e conforme arquitetava cada capítulo - dispondo da cartela de fontes utilizadas - voltei as fontes orais que foram estudadas a partir de uma análise de conteúdo⁴⁶. Os relatos de memória captados e inter cruzados com as demais fontes dispostas, possibilitaram-me o entendimento de que essas trazem à baila um passado que se mantém vivo e presente em cada rememoração.⁴⁷ Estas abriram espaço para o contato com os significados que os sambistas e envolvidos atribuíram a sua manifestação cultural, como também, as táticas que criaram para superar os ataques que surgiam. A partir disso, pude acessar o campo dos sentimentos, desejos e anseios dos personagens que participaram direta e indiretamente das agremiações de samba no Recife.

Caminhando para uma análise dos periódicos, coloco de antemão que tenho em mente as armadilhas de sentido tão comuns na documentação, sobretudo no trabalho com os jornais, que são aspectos lembrados no processo analítico do historiador. Os recortes dos periódicos não representam o passado em si, mas vestígios dele. Portanto, compreendo que toda documentação é permeada por sentidos, guardando a marca de quem o produziu e lhe deu destaque. Desta forma, como bem lembra Lilia Schuwarcz: “Nenhum objeto tem movimento na sociedade

⁴⁵ A escola de samba Estudantes do São José foi fundada em 10 de janeiro de 1949, por um grupo de estudantes que desfilavam pelas ruas do bairro São José (Recife) durante os dias de Carnaval, trajados com um saiote usado na época pelas colegiais.

⁴⁶ A respeito dos estudos referentes à Análise de Conteúdo ler: BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2011.

⁴⁷ POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. GOMES, Ângela de Castro. MOURA, Gerson. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). Rio de Janeiro: Ed. Vertice, 1989, p. 4.

humana exceto pela significação que os homens lhe atribuem, e são as questões que condicionam os objetivos e não o oposto.”⁴⁸

A experiência de visitar cada acervo, seja digital ou físico, deu-se de forma distinta, com singularidades nos achados. Fazendo o caminho contrário dos historiadores, em sua maioria ávidos pela ritualística dos arquivos físicos e seus documentos, por vezes, empoeirados, comecei consultando o Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Por meio das facilidades tecnológicas encontrei uma pasta com cópias digitalizadas do Diário de Pernambuco, de suas primeiras publicações por volta de 1825 até 1999. Seguindo o recorte centrado nas publicações entre os anos de 1970 a 1999, consegui notar algumas diferenças do Newton Elias no virar da década, sobretudo no quesito engajamento e compromisso com o samba para além de sua região – Jaboatão dos Guararapes.

No Arquivo Público Jordão Emerenciano (APEJE), primeiro acervo físico visitado, o foco foi nos recortes de jornais entre os anos de 1970 a 1999, enfatizando nas pautas carnavalescas. O arquivo conta com uma vasta quantidade dos periódicos de maior circulação na região – *Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio*. Tais documentos ajudaram a observar as mudanças marcantes dos dias de Momo ao longo do período citado; um “carnaval espetáculo” ganhava espaço, como pontua o antropólogo Hugo Menezes⁴⁹, onde as agremiações de samba ao mesmo tempo que sofriam perseguições eram ovacionadas e convocadas a desfilar pelo grande público, apagando um pouco do brilho das entendidas enquanto “produções da terra”. Por se tratar de um acervo que ainda está passando pelo processo de digitalização, tive que fazer todo trabalho de forma manual: escolha do documento, captação e, por fim, a digitalização do mesmo.

Visando dialogar com suportes metodológicos do universo das fontes documentais acredito que o trabalho com os periódicos, para ser percebido pelo historiador em toda sua complexidade, deve ser submetido a uma forte crítica. Nesse sentido, concordo com a proposta do historiador Jacques Le Goff⁵⁰, que reconhece em todo documento (testemunho histórico, escolhido) um monumento (ato de poder e intencionalidade de uma perpetuação de certa visão do passado). Assim, a noção de documento/monumento, resulta de colocações críticas do historiador em face dos documentos, observados como produto dos jogos de força presentes

⁴⁸ SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação, In: BLOCH, Marc. **Apologia da História: o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 08.

⁴⁹ NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo: as escolas de samba no carnaval do Recife**. Op.cit.

⁵⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 547-548.

nas sociedades históricas. Portanto, é preciso desestruturar sua construção e abrir a possibilidade de uma diversidade de leituras.

Trilhando os caminhos documentais do samba em Pernambuco, encontro o Instituto Histórico de Jaboatão (IHJ), fato ocorrido devido a indicação de um dos entrevistados. Entidade civil e sem fins lucrativos, erguido e mantido através de contribuições de uma diretoria composta por 14 integrantes, surpreendeu-me no quesito recepção e carinho. Tive a sorte de ser acompanhado pela 1ª bibliotecária – Dona Juleicka Lopes, no auge dos seus 83 anos. O acervo conta com um número significativo de livros cuja a autoria assina alguns nomes jaboatonenses, como também alguns cadernos com compilações do Jornal de Jaboatão e Gazeta Nossa, pelos quais, mediante ao recorte temporal previsto, busquei os registros das produções culturais desenvolvidas pelo Newton Elias.

Imbuído das discussões referente ao uso dos periódicos como fonte histórica, destaco a discussão da historiadora e jornalista Ana Paula Goulart Ribeiro que alerta para o uso das mesmas:

Os discursos jornalísticos produzem, no interior de seu campo de efeitos de sentido, uma certa ideia de objetividade, que é o que lhes confere nas sociedades contemporâneas ocidentais (como já dissemos anteriormente) o estatuto de porta-vozes das verdades factuais. E fazem isso segundo operações específicas, próprias a cada veículo-suporte. Identificar e descrever as operações é fundamental para o historiador que trabalha com esse tipo de material. O seu interesse não pode estacionar nos conteúdos dos discursos: trata-se de descrever também as suas formas de funcionamento.⁵¹

Além do encontro com os acervos institucionais salientados, tive a oportunidade de conhecer e pesquisar nos acervos domésticos do samba de Jaboatão dos Guararapes, que estão espalhados nas casas das diversas famílias da periferia do município. No nosso caso, centralizados na Comunidade das Malvinas (Jaboatão dos Guararapes). Através das entrevistas pude ter acesso às fontes históricas dispostas na casa dos irmãos Nelzon Elias de Santana e Laureci Elias de Santana que além de apresentar e explicar a história por trás dos porta retratos expostos na sala, disponibilizaram o acesso aos álbuns de família, escritos e recortes de jornais guardados. Aproveito do meu ímpeto metodológico para levantar uma discussão a respeito dos acervos domésticos, visando não só contar a história do Newton Elias e de sua família, mas produzir uma história social. Pois os acervos domésticos não falam apenas sobre seus detentores, mas falam sobre a vida social.

⁵¹ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A mídia e o lugar da história**. Lugar Comum. Rio de Janeiro: UFRJ, nº11, 2015, p. 43.

A memória dos locais aponta para a possibilidade de que esses possam se tornar sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa a memória dos seres humanos. Além de solidificarem e validarem uma recordação corporificam uma continuidade da duração que supera a recordação de indivíduos, épocas e culturas que está concretizada em artefatos. Enquanto o espaço se tornou uma categoria neutralizada e vazia, a atenção volta-se para o local com sua significação inespecífica cheios de segredos.

A pesquisadora Aleida Assmann, ao pontuar e analisar o termo “locais das gerações”, destaca: o que preenche determinados locais de uma força de memória é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família. Nesses locais os membros nasceram e morreram em uma corrente inquebrável de gerações. Esses locais da família detém o progresso, estão relacionados a duração e continuidade⁵². O ato de dispor das fotografias e outros materiais vinculados às memórias da família, faz com que os irmãos Elias de Santana construam e ofereçam uma imagem de si aos frequentes visitantes e pesquisadores que ali aportam.⁵³

O que temos em nossas casas é uma espécie de acervo que passa por processos que à museologia é muito cara, como a ideia de musealização de constituição de acervo. Dentro do processo em questão, são realizadas um conjunto de etapas onde os objetos operados por seres humanos passam por uma seleção, pesquisa, salvaguarda, extroversão (exposições) e o descarte. Algo parecido fazemos em nossas casas: selecionamos o que guardar e o que será descartado, pensamos em como vamos guardar, onde, o que ficará exposto e o que será guardado mais intimamente. Portanto, entendo que tal processo de musealização doméstica familiar configura-se enquanto construção do acervo doméstico.

Para além dos relatos de memória e recortes de jornais, elegi para esse texto algumas fotografias. Fugindo da ordem de pensamento que direciona às imagens o papel de apenas ilustrarem, coloco-me a interpretar e entender cada uma inserindo as mesmas na tessitura da narrativa. Por intermédio da imagem “seria possível obter informações que os textos da época não foram capazes de fornecer, ou não tiveram interesse, nem era sua função ou objetivo descrever”⁵⁴. Dito isto, busquei utilizá-las como documento complementar e não descritivo.

É válido destacar, que essas novas abordagens valorizam duplamente a fotografia porque dão ênfase não somente aos temas que nelas aparecem retratadas, mas à forma como

⁵² ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011, p. 320.

⁵³ NATAL, Vinicius. **Memórias e Culturas nas escolas de samba do Rio de Janeiro**. Dramas e esquecimentos. Rio de Janeiro: Editora Novaterra, 2016, p. 13.

⁵⁴ LIMA, Solange Ferraz de; & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. In: O historiador e suas fontes. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (Orgs). São Paulo: Contexto, 2009, p. 37.

esses temas são constituídos, e dessa forma podemos compreender a fotografia como imagem/documento e como imagem/monumento.

De acordo com o historiador e fotógrafo Boris Kossoy é justamente pela materialidade e pela representação a partir do real da imagem fotográfica, que ela serve como documento real, isto é, como fonte histórica. A realidade da fotografia não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência.⁵⁵

Os registros selecionados para a presente pesquisa são em sua maioria de origem familiar, ou seja, momentos importantes registrados, imagens de crivo amador com recortes do cotidiano dos familiares, como também, momentos captados em determinadas instituições vinculadas ao samba. Ao todo foram coletadas 349 fotografias, encontradas nos seguintes arquivos: acervo da família, FESAPE e APEJE.

Como a fotografia desde a sua invenção esteve associada à ideia de realidade, da comprovação do real, acaba-se criando uma ideia equivocada na mente do “historiador natural”. Portanto, vale pontuar que a mesma não representa a total veracidade dos fatos ou uma visão neutra da realidade, devido, justamente, à interferência subjetiva de quem registra os acontecimentos. Sobre este aspecto, Burke⁵⁶ nos alerta que a imagem pode ser retocada ou alterada, pode ser usada para induzir uma ideia, uma posição do público; o fotógrafo pode arrumar a cena antes de fotografá-la e pode ter motivos implícitos e explícitos para a escolha da composição.

Compartilho por fim, da análise de Miriam Moreira Leite⁵⁷, quando aponta que não devemos procurar na fotografia uma espécie de comprovante das análises históricas verbalizadas, mas sim informações, dimensões e relações que as verbalizações não tem condições de proporcionar. A partir do dito, entendo que os registros devem passar, por exemplo, pelo mesmo critério de análise do texto, sendo, portanto, questionados.

Mediante a trajetória da pesquisa, aporte teórico metodológico e aparato documental relatados, organizei a trajetória de vida do nosso personagem em três capítulos que dialogam à medida em que as fontes são colocadas. O primeiro, *Sambando com um rebelde: fragmentos de uma trajetória*, tem como intuito destacar aspectos biográficos do multifacetado, Newton Elias, no qual busco apresentar um Newton sambista, centrando em pontos essenciais de sua trajetória, tendo como fonte principal os relatos orais. A partir dessa dinâmica metodológica de narrativa

⁵⁵ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 115.

⁵⁶ BURKE, Peter. **New perspectives on historical writing**. 2. edition. Editora: Polity Press, 2001, p. 252.

⁵⁷ LEITE, Miriam Moreira. **Morte e fotografia**. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org) *Imagem e memória (ensaios em antropologia visual)*, 1. ed. Rio de Janeiro: Gramond, p. 41-50.

centrada na oralidade e vinculada à análise de jornais, acervos bibliográficos e manuscritos, busco compreender no jogo de lembrar e esquecer, aspectos de sua formação familiar – que perpassa por uma construção de identificação com o samba, deslocamento da família à Brasília, sua volta a Jaboatão dos Guararapes, ocupação da diretoria do Clube 13 de Maio e sua inserção no mundo das escolas de samba por meio da criação da Rebeldes do Samba, em 1962.

No segundo capítulo, *Na trama da folia: mediando em território de disputas*, busco apresentar o processo de formação das redes de sociabilidade⁵⁸ de Newton Elias, buscando por meio dessas, evidenciar mais ainda seu percurso no universo do samba em Pernambuco, abrindo espaço para a aproximação com o Newton mediador. Para isso, utilizo como ponto de partida a análise das entrevistas realizadas, entrelaçadas com recortes de jornais e fotografias que apontam a formação desses vínculos, naturalmente e estrategicamente pensados para o desenvolver de um projeto maior, de institucionalizar o samba no Estado. Junto à análise citada, pontuo o processo de formação enquanto mediador entre sambistas e poder público, buscando entender os processos de negociação com as instituições que comandavam o Carnaval. Partindo dessa perspectiva, procuro amarrar tais diálogos com uma análise dos discursos feitos pela classe de sambistas, que por meio dos jornais de grande circulação, dialogam assimetricamente com os intelectuais da região, contando suas versões dos fatos, reivindicando atenção do poder público e, na maioria das vezes, buscando por uma legitimação dos conversadores da terra com menos rebeldia e uma maior diplomacia.

No terceiro capítulo, *Existir para resistir: táticas de permanência no samba em PE*, problematizo o momento onde a trajetória de vida do sujeito de análise se une a um conjunto de táticas de permanência desenvolvidas pelos sambistas sob a representação legal de Newton Elias. Nesse ponto, apresento um Newton produtor cultural. Aqui, divido em três partes suas táticas, começando pelas primeiras rodas de samba, festivais e concursos criados por vezes entrincheirados em resistência opositiva e em outros momentos com um tom de adequação e resiliência, bem como modo de manter as agremiações associadas a FESAPE. Na sequência,

⁵⁸Para compreendermos melhor a dinâmica das redes de sociabilidade recorri ao aporte teórico de Jean-François Sirinelli, o qual ajudou a compreender melhor a prática por trás do conceito, levando além da explicação do que são as redes de sociabilidade centrada na perspectiva intelectual, abrindo os olhos para as diversas possibilidades de formação dessas redes por outros agentes sociais. A base da compreensão é que existem redes que subsidiam determinado campo por meio de forças de adesão (amizade, influência e fidelidade) e de exclusão (posições tomadas, cisões). O que Sirinelli coloca enquanto forças de adesão e exclusão, podem ser identificadas, respectivamente, nas semelhanças ideológicas e culturais entre os membros de um determinado grupo, bem como das rivalidades e brigas entre os componentes. Dito isto, as redes de sociabilidade estão sujeitas às atuações dessas duas forças, trazendo permanências ou mudanças. Ao mapear as redes formadas pelo Newton Elias, para além de nomes, consegui compreender suas táticas para legitimar as produções do samba em solo pernambucano. SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais**. In: REMOND, René. (Org). Por uma história política. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

trago os projetos sociais desenvolvidos sob a coordenação do nosso produtor, materializados nas oficinas de alfabetização, corte e costura e contabilidade básica. Por fim, analiso o “Correio do Samba”, periódico também pensado por Newton, o qual serviu como meio de divulgação dos seus fazeres culturais, como também das agremiações de samba associadas à FESAPE. Para isso, utilizo do ‘tripé de fontes’ – oralidade, jornais e fotografias, que aliados aos *banners* de eventos, atas de reuniões e editais de divulgação trazem amplas possibilidades de entendimento dos meios táticos forjados pela classe de sambista sob a representação legal do sujeito histórico em questão para realizar diversas produções culturais no âmbito do samba.

Dito isto, junto-me às vozes dos sambistas, como Newton Elias, que fizeram do samba seu meio de luta, para convocar os leitores deste escrito a cantar conosco, como um pedido: “não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar!”⁵⁹, e nesse ritmo malandro e envolvente se deixar levar pelos caminhos de resistência e resiliência, construídos pelo samba em Pernambuco, por meio de uma trajetória de vida que merece ser lembrada, celebrada e, sobretudo, problematizada.

⁵⁹ **Não deixe o samba morrer.** Canção de Edson Conceição e Aloísio Silva. 1975.

2 SAMBANDO COM UM “REBELDE”: FRAGMENTOS DE UMA TRAJETÓRIA

*“O samba é o pai do prazer
O samba é o filho da dor [...] ⁶⁰
Desde que o samba é samba é assim[...]*”

Enquanto filhos paridos do samba, ousamos ao contar nossas histórias atravessadas por feridas entreabertas. Será que somos um emaranhado de dores, apenas? O pulsar, a circulação agindo é sinal de que, como o samba, estamos em movimento de cura, de cicatrização, de escrita de novas histórias. Somos possibilidades! A decisão de tomar as rédeas da nossa vida por meio das palavras nos possibilitou enxergar não apenas feridas, mas sorrisos promovidos pelo “pai do prazer” como canta o cantador, que foi mestre norteador na trajetória do Newton Elias e dos seus, impulsionando a sambar e contar mandando a tristeza embora.

No presente capítulo, discorreremos com um foco analítico sobre aspectos biográficos do nosso sujeito de pesquisa, apresentando a trajetória do Newton Elias sambista. Para isso, pontuamos que o percurso idealizado e executado nos levam a conhecer um pouco da sua formação familiar, primeiros contatos com o universo musical/samba/produções populares e a legitimação da família Elias de Santana no campo das produções culturais jaboatonenses.

Costuramos as ideias preditas, com conceitos ligados ao contexto historiográfico e antropológico do samba. Como se trata de um momento onde daremos vazão ao lado sambista do nosso personagem, incorporamos aqui, a problematização da palavra citada, utilizando para isso a reflexão do antropólogo José Sávio Leopoldi⁶¹ sobre o uso dos termos “sambistas e sambeiros” cunhados em meados de 1920.

Como forma de contextualizar para os leitores o ambiente histórico no qual Newton Elias desenvolveu-se enquanto sambista - percurso de tensões nas produções populares pernambucanas -, dialogamos com os saberes produzidos pelos historiadores(a) Isabel Martins Guillen e Ivaldo Marciano, buscando assim promover uma verdadeira “roda dançante de conhecimentos”, contando com contribuições historiográficas no entorno das produções culturais negras em Pernambuco, a partir do entendimento do que chamamos de ‘cultura negra’

⁶⁰ VELOSO, Caetano. **Desde que o samba é samba**, 1993.

⁶¹ LEOPOLDI, José Sávio. **Escolas de Samba, ritual e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

(esta, enquanto resultante de campos de experiência sempre pensados e definidos por sujeitos plurais, para não incorremos para a construção de uma ‘história única’)⁶².

Por se tratar de uma análise de trajetória de um homem preto, atravessado por questões raciais cotidianas, buscamos alinhar os elementos históricos e conceituais da Antropologia com uma rede bibliográfica centrada nos estudos étnico-raciais, trazendo para o debate a pesquisadora e artista multidisciplinar Grada Kilomba e o filósofo Frantz Fanon, no intuito de demarcar de forma crítica o racismo latente nesse processo de construção de uma personalidade do samba pernambucano.

Dito isto, convidamos o leitor a seguir conosco, na trilha dos primeiros passos de formação de um sambista negro, periférico, apaixonado por uma expressão popular negada pelos organizadores do Carnaval de Pernambuco. Mas que, mesmo inserido em um contexto de disputas atravessado pelo racismo, soube jogar no concorrido universo dos dias festivos no Recife e deixar um legado em sua região, que merece nossa atenção e revisita.

2.1 Herdeiros de um sonho rebelde

Seguindo os preceitos que carrega a importância e a grandeza de dar a benção aos mais velhos, não poderíamos iniciar essa caminhada de outra forma, que não fosse referenciando seus percursos. As suas narrativas transpassam o ritmo marcado de musicalidade, tendo seus legados marcas no corpo e na alma, que se soma ao eco das vozes dos que vieram antes. Em um mar de dores e alegrias, acolhemos vivências que em determinado momento sambam na ponta do pé e forjam uma geração de filhos, netos e bisnetos amantes do samba.

⁶² Compartilhamos do entendimento sobre “cultura negra” apresentado na escrita dos organizadores (as) da obra *Cultura Negra. Festas, Carnavais e Patrimônios Negros*, quando pontuam que: “as culturas tornam-se negras, em função das lutas sociais e das identidades políticas construídas pelos descendentes de africanos em todas as Américas depois da tragédia do tráfico, da escravidão moderna e da experiência do racismo. De fato, não existem *culturas negras* - definidas a priori como um conjunto de práticas com certas características comuns, consensuais e imutáveis. Portanto, a leitora e o leitor não encontraram neste escrito uma definição pronta e acabada de cultura negra. ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; MONTEIRO, Lívia; BRASIL, Eric. **Cultura Negra**. Festas, Carnavais e Patrimônios Negros. Ed. 1. Rio de Janeiro: Eduff, 2018, p.10.

Figura 1 - Dona Maria Corina acompanhada de seu filho Newton Elias na formatura do científico.



Fonte: Acervo pessoal da família.

Filho de africanos escravizados, ouvinte das memórias do cativoiro⁶³, natural do município de Escada (Zona da Mata Sul - PE), Joaquim Elias de Santana exerceu em sua tenra infância o serviço de cortador de cana para conseguir se sustentar. De ancestralidade indígena, também natural do município de Escada, Maria Corina Santana trabalhava como empregada doméstica na casa de um dono de engenho, que a pegou em “casa de cachorro”.⁶⁴ Segundo os relatos passados aos filhos, o patriarca cansado de uma vida sem perspectivas resolve tentar a sorte em uma vila mais desenvolvida. Abraçados pelo frescor da paixão juvenil, sobretudo, em busca por melhorias, o casal foge para a Vila do Cabo. Recém-chegados ao novo endereço, Joaquim logo consegue um serviço como servente de pedreiro que o possibilitou criar um vasto conhecimento na prática sobre construções. Como era de costume à época, Corina ficava responsável pelos cuidados domésticos.

⁶³ RIOS, Ana Lugão. MATTOS, Hebe. **Memórias do Cativoiro**: família, trabalho e cidadania no pós abolição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

⁶⁴ “Tirada de casa de cachorro” ou “pega no laço” são expressões diferentes para a mesma ação. Geralmente utilizadas para se referir a mulheres indígenas retiradas de seu grupo familiar para servirem como empregadas domésticas na casa de donos de engenho. Sobre o tema ver: MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque**. Imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/ SC (1850-1926). Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

Figura 2 - Retrato do Joaquim Elias de Santana⁶⁵.



Fonte: Acervo pessoal da família.

Após alguns anos morando na Vila do Cabo, a família segue de mudança para Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife; um lugar que abraçou os Elias de Santana de tal forma, que lá ficaram e constituíram família. Rua Deodoro da Fonseca, endereço onde Joaquim Elias e Maria Corina viveram por longos anos com seus dez filhos: Laurene Elias de Santana, Newton Elias de Santana, Nilton Elias de Santana, Nelzon Elias de Santana, Laurenice Elias de Santana, Laureci Elias de Santana, Nilzon Elias de Santana, Nildson Elias de Santana e José Elias de Santana.

Por ser o primeiro ‘filho homem’ do casal, Newton Elias recebeu muitas expectativas, principalmente de seu pai, que sonhava em ver o filho formado e com um emprego digno. Para Joaquim, trabalho e estudos andavam lado a lado, principalmente no caso deles - uma família de negros:

No entendimento de papai, os filhos, principalmente os homens, tinham que logo cedo arrumar um trabalho. Ele entendia que estudar era importante, mas trabalhar também. Principalmente a gente que nasceu pretinho, não podia bancar de branco granfino, filhinho de

⁶⁵ Como boa parte dos herdeiros da escravidão, o seu Joaquim passou a adotar os símbolos de uma elite, como uma forma de se sentir inserido em um campo social repleto de referências brancas. Ao analisarmos a imagem mesclando com os dizeres das entrevistas, podemos observar a importância que ele atribui às indumentárias usadas, importância essa que é captada e entendida como padrão, como uma espécie de código que deveria ser decifrado e bem trabalhado, para que assim, corpos como o dele pudessem acessar determinados espaços. Tal discussão nos traz à lembrança uma análise realizada pelo psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon, quando ao observar suas experiências, bem como as de seus colegas africanos, que partiam para as ditas ‘grandes metrópoles do saber’, notou como a inserção de corpos negros em culturas brancas causava uma negação de suas origens, dando lugar para a assimilação dos costumes da ordem dominante. Mas como já esperado de uma cultura baseada na exploração, mesmo dominado as práticas sociais, regras e língua esses corpos nunca seriam aceitos verdadeiramente. O entrave do racismo não permitia. Portanto, segundo Fanon, cabe aos sujeitos pretos ‘descolonizar suas mentes’. FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador - BA: Editora UFBA, 2008.

papai. Esse negócio de só estudar era coisa deles, sabe. Era assim que ele entendia e passava pra gente. Foi tanto que, desde cedo, a gente aprendeu o valor do trabalho suado, sabe.⁶⁶

Quando nos colocamos a analisar a trajetória de vida de uma pessoa negra esbarramos no caminho com as muitas “pedras e espinhos” produzidas pelo racismo, que nos atravessam cotidianamente. Uma das facetas desse mal ganha formato ao observarmos a fala acima. Nelzon Elias, nosso segundo entrevistado e irmão mais novo do Newton, nos convoca a refletir sobre a relação dos sujeitos de pele preta com o trabalho. Esta, possui, sem sombra de dúvidas, uma ligação ao desprestígio social latente, sobretudo no pós abolição, momento que, como coloca a historiadora Valéria Gomes Costa, a população negra vivia sem políticas públicas que os inserissem no mercado de trabalho.⁶⁷ Tal fator, reflete no universo do subemprego, atividades mal remuneradas e sem prestígio. No caso dos irmãos Elias de Santana nota-se o desejo de estudar, mas em contrapartida o tempo e o trabalho não os permitiam fazer as devidas conexões.

Com o passar do tempo e o acúmulo de conhecimento, Joaquim cresceu no meio civil. Passou pelo cargo de pedreiro, mestre de obras – ofício que o levou a trabalhar na construtora do Engenheiro Nelson Gonçalves, a quem prestava o serviço de montagem das novas caldeiras recém chegadas ao Brasil. Vinculado à citada empresa, passou anos deslocando-se para outros estados e cidades para reformar as usinas e instalar o novo material de seis em seis meses. Apegado à família, acabava por levá-la em cada nova cidade indicada pela construtora.

Por ter uma vida com mudanças contínuas, pode se dizer que seu Joaquim e Maria Corina tiveram seus filhos em diferentes lugares, já que percorreram boa parte das cidades e estados brasileiros. Dentro dessa dinâmica, nosso sambista nasceu em 20 de dezembro de 1937, no estado da Paraíba, em João Pessoa. Os irmãos, desde pequenos, captaram a dinâmica diferenciada da família, tornando-se natural o processo contínuo de mudanças.

Como era de se esperar, a educação dos filhos se ajustava ao cotidiano de mudanças e foi um aspecto que apresentou certo potencial de análise. Quando voltavam a Jaboatão, as crianças eram matriculadas em uma escola paroquial e quando estavam em outras cidades, logo o pai procurava uma instituição vinculada ao catolicismo para matriculá-los. Em entrevista, um dos filhos (Nelzon Elias) ao comentar sobre a relação dos pais com a religiosidade, destaca que eles flertavam com o Espiritismo e a Umbanda, mas não descartavam outras possibilidades,

⁶⁶ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

⁶⁷ COSTA, Valeria Gomes. **Trajetórias negras**. Os libertos da Costa d’Africa no Recife (1846-1890). Tese de doutorado em História. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2013.

principalmente em se tratando do catolicismo⁶⁸, que ainda é uma forma de religião hegemônica.

De acordo com Nelzon Elias:

Papai sempre foi um homem de muita fé em tudo. Ele sempre falava que não tem essa de religião certa ou errada. Se tá fazendo o bem, porque ter medo? Através dele aprendemos muito dos preceitos do Espiritismo, Umbanda e principalmente o Catolicismo. Pois é, ele tinha entendimento de como as coisas funcionavam naquela época, até hoje na verdade, né meu filho, ser abertamente de religiões fora do cristianismo era pedir pra ser julgado e colocado num lugar de inferior. Ele não queria isso pra gente. Tanto que a vida toda, ele prezou que todos os filhos estudassem em colégio de freira.⁶⁹

A fala em questão nos convida a percorrer pelo histórico das religiões de matriz africana, colocando quem escreve, bem como o leitor, a compreender o intenso processo de marginalização social e legal, que visa, num quadro de “modernidade”, livrar-se das marcas africanas.⁷⁰ Declarar-se afro-religioso era alinhar-se a práticas marginalizadas, consideradas desviantes da ordem pública pelo sistema, portanto, negadas e silenciadas.⁷¹ Os dizeres do nosso entrevistado escancararam portas de entendimento, nos levando a captar o porquê da preocupação do pai em manter os filhos sob uma educação confessional.

Dentro das questões pontuadas, observamos também, os efeitos do processo de colonização dos povos africanos, que emite seus raios até hoje. Nesse quesito, compartilhamos do entendimento do filósofo e psicanalista Frantz Fanon a respeito do motivo pelo qual muitos sujeitos não brancos apagam sua ancestralidade para dar lugar ao domínio de aspectos da cultura dominante, detalhe esse, que mais uma vez dialoga com a preocupação do Joaquim em manter os filhos sob uma educação católica. A respeito dos efeitos da colonização Fanon versa:

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.⁷²

Conhecimento e verba somados ao longo dos anos resultaram em um sonho realizado, o de ser seu próprio chefe. Em 1955, o pai dos Elias de Santana consegue uma carta fornecida pelo CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, garantindo-lhe o aval positivo da instituição para abertura de sua própria construtora. O ex cortador de cana, que se alfabetizou

⁶⁸ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ DIAS, João Ferreira. “**Chuta que é macumba**”: o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano XII, Nº XXII, 2019, p. 44.

⁷¹ NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. 1º edição, São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

⁷² FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador – BA: Editora UFBA, 2008, p. 34.

sozinho ao ser lembrado por seu filho mais novo, provoca grande motivo de orgulho, não só para ele, como para toda a família:

Ele não sabia ler, não sabia escrever...começou à noite. Ele trabalhava na construção e à noite ele vinha para casa pra estudar. Ele tinha que aprender em casa, alguma coisa. Ele foi aprender sozinho com a cartilha... aquelas cartilhas do abc, e começou a ler e escrever. E daí ele conseguiu ser.... como é? Passou a ser pedreiro, depois passou a ser mestre de obras, mas foi um longo tempo, num foi assim do dia pra noite, né? Passou a ser mestre de obras e chegou a ser... a fazer uma pequena firma de construção civil.⁷³

O fato de aprender a ler sozinho, tem muito a ver com a vida de trabalhador, já que passava o dia todo em obra e à noite, cansado, aproximava-se da cartilha. Além disto, acaba por reforçar também que ao nascer negro só há dois caminhos: a educação (quando possível) e o trabalho braçal. Como bem pontua Grada Kilomba, ao sermos expostos a essas posições que nos marginalizam, criamos mecanismos de evocar dor, decepção e raiva.⁷⁴ Desta forma, o contexto do racismo ativam “lembretes dos lugares onde mal podemos entrar, dos lugares nos quais dificilmente chegamos ou não podemos ficar⁷⁵”, que na maioria das vezes paralisa, o caso do Joaquim é uma exceção, diferente da regra social vigente.

Com base no entendimento do patriarca sobre educação e trabalho andarem lado a lado, em se tratando de sujeitos pretos, após certa pressão dos pais, Newton Elias, aos 15 anos, começou a trabalhar na construtora, exercendo a priori a função de ajudante de pedreiro. O sonho do progenitor era ver o filho engenheiro civil, mas antes de tudo, entendia que seria necessário passar pelo ofício de forma basilar para depois dominar a teoria. Assim, o jovem Newton era tratado como qualquer outro trabalhador vinculado à construtora. Em paralelo ao trabalho, mantinha o foco nos estudos, flertando nas horas vagas com a boemia presente nos festejos de rua, experienciando a cultura da produção popular.

Nesse percurso, acreditamos que já tenha pairado a pergunta no ar: “e como nasceu o amor pelo samba no Newton ?” Pois bem, segundo os relatos orais da família, nosso sambista era o filho mais apegado ao pai. Com ele, além de aprender um ofício, nutriu uma forte paixão pela música, devido ao fato do Joaquim manter o costume de reunir a família nos finais de semana para se apresentar ao lado de seu irmão que tocava cavaquinho. Em uma das primeiras entrevistas Nelson Elias destaca:

⁷³ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

⁷⁴ KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. São Paulo: Editora Cobogó, 2008, p. 57.

⁷⁵ HOOKS, Bell. **Yearning. Race, Gender and Cultural Politics**. Boston: South End Press, 1990, p. 148.

Meu pai, na época, não tinha contato com o samba. Papai tocava violão, titio Antônio tocava cavaquinho. Aí eles juntavam e tocavam as antigas pra gente, em algumas reuniões da família, que aconteciam nos finais de semana. Eles tinham um bloco chamado ‘banda de bolso’ e desfilavam na rua e tudo. Era mais um bloco familiar, coisa pequena de comunidade, bloco de rua. Eles saíam no período de carnaval e faziam festas em casa, juntavam os cumpadres, as famílias [...] O estilo estava mais próximo das marchinhas.⁷⁶

Analisando o relato acima, podemos pensar também como que esse ambiente festivo contribuiu para gerar “repertório cultural”, o qual levou Newton a se apropriar do que estava lhe sendo dado, e alimentar uma paixão pela música em suas possibilidades. Dito isto, inferimos que o ambiente em que foi criado foi decisivo para o mergulho nas produções culturais.

Mesmo não sendo um apaixonado pelo samba, o patriarca acabou por aproximar o filho do universo da música. Seu caminho com o estilo musical se deu, a primeiro momento, ao mergulhar na esfera das notas e ritmos, onde aprendeu a tocar violão e cavaquinho. Nesse âmbito, destaca-se o pertencimento que os instrumentos de corda tinham com o universo popular.⁷⁷ Além disso, podemos observar que a inserção da família com brinquedos populares em tempos carnavalescos vem de herança de seu pai, que mantinha um bloco de rua informal.

Sobre os antigos blocos de rua, as pesquisas realizadas em torno do Carnaval de Pernambuco ao longo do século XX dialogam com os relatos orais coletados. Especialmente, a obra da antropóloga Katarina Real, nos diz que, os conhecidos blocos no Recife estavam mais próximos aos ranchos executados no Rio de Janeiro, sendo, inclusive, uma grande influência na trajetória desses grupos recifenses. A respeito dos blocos a pesquisadora versa:

Nos princípios deste século, nos bairros mais antigos e tradicionais do centro da cidade, os rapazes que gostavam de fazer serenatas, e cantar modinhas à noite, geralmente saíam no carnaval com os seus instrumentos de corda, na maioria violões, para brincar e alegrar os seus vizinhos. A tradição cresceu para atrair famílias inteiras nesses bairros, os rapazes com as suas namoradas, etc., geralmente todos vestidos igualmente. Um dos trajes populares era “calça branca e blusão tipo marinho”. [...] Os blocos tocavam músicas alegres, românticas, poéticas e saudosas.⁷⁸

Assim, tendo recebido uma influência do pai no que tange o universo musical e da cultural popular, por outro lado, contou com a contribuição de sua mãe, que nutria uma profunda paixão pelo samba. Sentimento esse secretamente alimentado. Nesse momento, é provável que

⁷⁶ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [agost.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

⁷⁷ SANTOS, Mário Ribeiro. **Noites festivas de junho**. História e representações do São João no Recife (1910-1970).Op.cit., p. 214.

⁷⁸ REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**.Op.cit., p. 36.

surja a pergunta no leitor: por que segredo? É necessário pontuar, que entre meados dos anos de 1920 a 1930 o estilo musical era visto como coisa de ‘preto malandro’⁷⁹, insígnias que colocavam a população afrodescendente envolvida, enquanto desocupados e vadios, um perigo à ordem e aos bons costumes. Esse preconceito se intensificava quando mulheres estavam inseridas nesse meio, fator, inclusive, responsável por um apagamento paulatino da imagem das mulheres no samba. Desta forma, estabelecer laços com tais produções era se colocar em lugar de inferioridade.⁸⁰ Assim, de maneira silenciosa, Maria Corina passou seu amor aos filhos, que cresceram dentro desta atmosfera rítmica ouvindo o cantarolar de famosos sambas da época.

Pontuamos ainda que, por se tratar de uma produção musical gestada nas periferias (margens), como uma expressão de resistência do povo negro ao poder panóptico do Estado, nos possibilita uma reflexão sobre o lugar da produção da favela numa sociedade de lógica colonial, tendo em vista que tais movimentações costumam ser abafadas e perseguidas antes de serem assimiladas e receberem uma “roupagem” embranquecida. Inclusive, nesse caso, podemos contar, com a análise do Roger Chartier quando afirma em seu texto - o mundo em representação - que cultura popular é um termo erudito⁸¹ nos provocando a reflexão sobre as separações das produções humanas em categorias hierárquicas, ou seja, culturas prestigiadas e desprestigiadas.

No caso da produção cultural do samba, sabemos através de pesquisas da área, de sua assimilação conveniente a uma cultura hegemônica presente no Brasil, passando de marginalizado a elemento cultural e de identidade do brasileiro. Este samba, veiculado a histórias sobre a malandragem, ao entrar na avenida, transita na fronteira entre dois mundos: a cidade e o morro.⁸² Aliás, essa fronteira é extremamente frágil, como pontua José Murilo de Carvalho:

A grande festa da penha foi tomada ao controle branco e português por negros, ex escravos, boêmios; as religiões africanas passaram a ser frequentadas por políticos famosos, como, pasmem, J. Murinho; o samba foi aos poucos encampado pelos brancos [...]⁸³

⁷⁹ CUNHA, Fabiana Lopes da. **Da marginalidade ao estrelato**: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). São Paulo: Universidade de São Paulo, Annablume, 2004, p. 35.

⁸⁰ TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2010.

⁸¹ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. Ed. v.5.n.11. São Paulo: USP, 1991.

⁸² CUNHA, Fabiana Lopes. **Negócio ou ócio?** O samba, a malandragem e a política trabalhista de Vargas. Anais do IV Congresso de La Rama Latinoamericana - IASPM. Centro Nacional das Artes, México, 2002, p.3.

⁸³ CARVALHO, J.M. **O povo do Rio de Janeiro**: bestializados ou bilontras ?. vol.1.n.3. Niterói: Revista do Rio de Janeiro, 1986, p.12.

Ao lermos a observação acima, percebemos o processo de branqueamento e deslocamento das agremiações de samba no Rio de Janeiro, que passam por um “cadenciamento de ritmos” no que toca uma organização mais gestada, preocupada em estabelecer vitórias e títulos para as mesmas. Tais questões organizacionais, são utilizadas como parâmetro para as escolas de samba que começavam a ganhar força em solo pernambucano.

Nesse percurso, duas faces da moeda caminhavam lado a lado na trajetória do nosso personagem: a paixão pela música e a vontade de vencer na vida por meio dos estudos, justamente para enfrentar esses abismos sociais, historicamente construídos. Contrariando o sonho do pai, após o término do ciclo básico de educação, Newton Elias ingressou na Campanha Nacional do Educandário Padre Clomácio Leão, onde concluiu o segundo grau com o título de técnico em contabilidade. Após o término do curso, logo começa a atuar como professor da rede pública e posteriormente em escritórios de contabilidade:

Ele fez o segundo grau junto com o curso de contabilidade, naquela época era assim. Lembro que ele fez lá no Educandário Padre Clomácio Leão. A escola tinha o nome do padre que passou muito tempo na paróquia, tanto que tem muita coisa em Jaboatão com o nome dele. Enfim... como não existia ainda o curso superior de contabilidade ele fez uma espécie de técnico.⁸⁴

Figura 3 - Newton Elias e Maria Corina comemorando o término do curso⁸⁵.



Fonte: Acervo pessoal da família.

⁸⁴ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [agost. 2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (4h).

⁸⁵ Newton Elias foi o primeiro filho a ter uma formação e atuar na área estudada. Na imagem, vemos um jovem negro cheio de sonhos, galgando paulatinamente seu lugar ao sol, contrariando as estatísticas de seu tempo histórico. Ao lado da mãe, Maria Corina - maior incentivadora da educação dos filhos, nosso personagem ganha o título de contador e passa a atuar em escritórios de contabilidade, bem como em escolas públicas e privadas de Jaboatão dos Guararapes. Sendo uma referência para a população da região quando se tratava de assuntos ligados a sua formação.

Em meados de 1950, de acordo com os relatos orais de sua irmã Laureci Elias de Santana, Newton Elias começou a se aproximar das comentadas rodas de sambas que aconteciam na cidade do Recife. Coincidentemente, nesse momento, entre os anos de 1950 e 1972, criou-se uma forte articulação dos sambistas na região, que posteriormente desenvolveram o que chamamos aqui de 'embriões', ou seja, as rodas de samba. Em geral, esses encontros eram praticados nos quintais das casas de parentes, com o intuito de produzir o samba sem muita exposição a priori.

Segundo o historiador Ivaldo Marciano de França Lima, os produtores do samba organizaram muito bem seu meio tático de inserção no carnaval pernambucano, tendo em vista que, procuraram associar elementos do que era entendido enquanto 'cultura local' - como a adesão aos instrumentos de sopro, a sua produção, para assim criar mais espaços e serem melhor aceitos. Nesse aspecto, entraram para a estética musical do samba os instrumentos de sopro, que já marcavam presença no fazer do frevo⁸⁶ e davam às agremiações de samba uma performance diferente das cariocas e, assim, poderiam almejar um lugar no conjunto das 'tradições carnavalescas recifenses'.⁸⁷

Ao longo de todo percurso de trajetória pontuado do nosso sambista, voltamo-nos, mais uma vez, ao seu contato primário com o samba por intermédio de sua mãe, o qual se apresentava como uma produção entendida como inferior, que poderia dificultar, ou melhor dizendo, manchar sua carreira profissional, caso estivesse inserido. De acordo com os relatos orais coletados com seu irmão Nelzon Elias de Santana:

A preocupação de papai quando percebeu que o Newtin tava começando a se envolver em roda de samba era dele não conseguir ser alguém na vida [...] Veja só, ele já era pretinho e agora com coito com povo de samba, não ia prestar, né. Não era bem visto quem tava envolvido com samba, ainda mais aqui em Pernambuco, a "terra dos clubes tradicionais de frevo, maracatu e caboclinho".⁸⁸

Imersos nesse contexto de inferiorização e satanização das produções negras, captamos que tal linha de pensamento parte de uma construção histórica que bebeu das fontes do pensamento iluminista, no que tange os estudos sobre as definições de humanidade. De acordo com Franz Fanon tal olhar europeu apresenta aspectos narcisistas, que destitui os não brancos de humanidade, criando a ideia de que para se constituir enquanto humano é necessário o

⁸⁶ REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Op.cit., p. 112.

⁸⁷ LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e África**. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular. (1960-2000). Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010, p. 218.

⁸⁸ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [agost.2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (4h).

embranquecimento,⁸⁹ legitimando o entendimento de que preto é sinônimo de coisa negativa, desordem, violência, ou seja, inferior.

Em segundo momento, no calor do envolvimento, em meio às rodas de samba, as quais passou a frequentar de forma acanhada, foram surgindo questionamentos e uma possibilidade dele mesmo se enxergar enquanto um sambista em formação. Os encontros com esse universo foram se tornando mais assíduos, dando espaço para filiações que mais à frente resultaram em engajamento direto na construção das rodas de samba e, sobretudo, um estreitamento com as agremiações mais antigas de Jaboatão e Recife, como: Imperadores do Ritmo (Santo Aleixo), Amadores do Ritmo (Alto do Dendê), Limonil (1935), Gigantes do Samba (1942)⁹⁰ e a Estudantes de São José (1949). Pontuamos que todo processo não aconteceu do dia para a noite. Foram questões e experiências que atravessaram seu corpo preto em sociedade, em diferentes momentos, gerando uma bagagem enquanto sambista. Sobre tal processo Laureci Elias de Santana, irmã mais velha, relata:

Newtin, foi um sambista nato, como chamam. Tinha a questão da pele né, uma trajetória grande com escola de samba e o desejo de fazer acontecer o samba [...] Lembro que quando a gente já era de maior, lá em 54, a gente saia pros bailes da Limonil e da Gigantes, tudo escondido, porque papai não deixava. Disso, ele e os outros irmãos mais velhos foram pegando gosto pela coisa e percebendo que poderiam além de visitar, fazer parte, ajudando nos preparativos das escolas até os desfiles. Daí em diante não parou mais. Era samba pra cá, sambas enredo pra lá, arranjos e muitos ensaios. Se pudesse era 24h do dia falando disso.⁹¹

No processo de análise da entrevista em questão nos saltou aos olhos o início do relato. A pergunta que paira: o que seria um sambista nato? Seria essa tríade: cor da pele, vivência no samba e engajamento contínuo, características de um sambista nato? Encontramos respostas para tais indagações por meio de uma leitura atenta do tópico intitulado “sambistas e sambeiros” desenvolvido pelo antropólogo José Sávio Leopoldi, o qual a partir da construção contextual das mudanças visíveis da trajetória das escolas de samba no Rio de Janeiro, nos levou a conhecer e entender que como qualquer grupo social, os fazedores do samba estipularam diferenças entre os integrantes.

⁸⁹ FANON, Franz. **Pele negras máscaras brancas**. Op.cit., p. 45.

⁹⁰ **Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana**: Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco. Recife: Prefeitura do Recife, 2009, p. 212-216.

⁹¹ SANTANA, Laureci Elias de. **Entrevista II** [agost.2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (4h).

Segundo Leopoldi, a partir do crescimento e desenvoltura das escolas de samba na “cidade maravilhosa”, foi se fazendo necessária uma estruturação mais formal, ou seja, tornar as agremiações em instituições, com departamentos administrativos ativos para além da prática do samba e desfiles em si. Tal mudança acarretou na entrada de novos integrantes, que na maioria das vezes não tinham uma ligação direta com as escolas. No dia a dia observou o uso das expressões sambistas e sambeiros, usadas pelos envolvidos antigos para diferenciar quem seria um “filho da escola” e um integrante sem ligações diretas. Indo mais a fundo, o antropólogo captou que os termos são de antiga lavra, sendo usados pelos mais velhos como referência ao indivíduo por sua aptidão ou ausência dela para desenvolver uma coreografia específica ao compasso do samba:

[...] o termo sambeiro era usado, na época [1920], com o intuito de ridicularizar o que se metia a sambar sem saber fazê-lo. Aquele que entrava na roda para exhibir-se. Era o que se poderia chamar de presepeiro, o falso sambista. [...] Durante anos a palavra veio sendo usada sem nenhuma conotação negativa, apenas para criticar o intruso.⁹²

Entretanto, em meio a inserção de grupos tradicionalmente alheios ao universo do samba, o termo sambeiro passa a designar os indivíduos “cuja aproximação encobria fundamentalmente uma busca de oportunidade para diversões e promoções pessoais.”⁹³ Aqui conseguimos estabelecer uma linha de compreensão do que seria o “sambista nato”, colocado na fala da Laureci.

O que podemos chamar de “processo de formação de repertório” do sambista em questão o levou a produzir com agremiações de samba no Recife e proliferar a cultura do samba na sua região - Jaboatão dos Guararapes, em conjunto com duas agremiações: a Imperadores do Ritmo (Santo Aleixo) e a Amadores do Ritmo (Alto do Dendê), identificadas como as primeiras escolas de samba fundadas na região. Sobre o fato, Nelzon Elias discorre:

Aqui em Jaboatão, tínhamos duas escolas de samba que são conhecidas pelos antigos sambistas como as primeiras, pena que não tiveram uma vida longa. Não lembro exatamente o ano de criação, sei que antes de 1961 elas já existiam. A Amadores do Ritmo e a Imperadores do Ritmo. Inclusive, o Newton estava metido com elas. Na verdade, mantinha uma aproximação maior com a Amadores por ser mais próximo, mais central. Imperadores ficava na outra ponta de Jaboatão, eram extremos.⁹⁴

⁹² LEOPOLDI, José Sávio. **Escolas de Samba, ritual e sociedade**. Op.cit, p. 139.

⁹³ Idem. p.140.

⁹⁴ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [agost. 2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (4h).

O mergulho no universo do samba foi seguindo de forma gradual, sempre dialogando com suas vivências e de seus semelhantes. Por meio de seu percurso exposto em recortes biográficos, conseguimos identificar seus processos identitários⁹⁵ - onde se mantém articulado enquanto sambista, mediador e produtor cultural, que se constitui em conjunto com uma rede que lhe atravessa.

Transpassados por aspectos biográficos primários do nosso sambista os quais dialogam com questões raciais que atravessaram sua vida, convidamos o leitor, a conhecer mais sobre sua trajetória. No próximo tópico percorreremos por alguns momentos de alegrias dores e superações, com uma análise que discorre sobre a participação dos Elias de Santana na construção da capital do Brasil, fator crucial para a formação e consolidação do Newton Elias sambista e forte entusiasta do universo do samba que desponta durante os anos 60.

2.2 “Moço, eu fiz esta cidade!”⁹⁶. Memórias dos Elias de Santana sobre a construção de Brasília

Em meados de 1956, ocorreu a aprovação formal pelo Congresso Nacional para a construção da nova capital – Brasília. Para transformar tão rapidamente a rota do país como queria o então presidente Juscelino Kubitschek, conhecido pelo slogan “50 anos de progresso em 5”, tudo que ainda era considerado “atrasado”, precisou ser silenciado, para que o “milagre” da modernidade brasileira pudesse acontecer. “Para um país que em pouco menos de cinquenta

⁹⁵ Quando utilizamos o termo 'identidade' nos colocamos em diálogo com os escritos do teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, quando pontua a existência de um ser múltiplo que se forma historicamente em diferentes representações e significações culturais. Trazendo para nossa discussão, Newton Elias, não se constitui apenas como sambista, mas produtor cultural, compositor, professor, mediador. Seu processo de formação de identidade não circula no singular, mas nas situações que impulsionam suas produções culturais. Ver: HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

⁹⁶ A frase que coroa o presente tópico, foi retirada de um anúncio escrito pela Esso Brasileira de Petróleo, que além de divulgar a inauguração de Brasília, conta com uma possível fala de trabalhador, que serve como representante dos demais, que “com seu quinhão de técnica, de talento e de trabalho contribuiu para tornar realidade o belo sonho brasileiro”. Colocando nitidamente os trabalhadores como “heróis da pátria”. JACQUES, Paola Berenstein & JÚNIO, Dilton Lopes de Almeida. **A construção de Brasília**: alguns silenciamentos e um afogamento. São Paulo: XII EHA - Encontro de História da Arte - UNICAMP, 2017, p. 473.

anos havia deixado de ser escravocrata e em um pouco mais de um século havia deixado de ser colônia, Brasília significava, sem dúvida, “uma nova capital para um novo país”.⁹⁷

Figura 4 - Anúncio para a inauguração de Brasília. Esso, Brasília: Edição Arquitetura e Engenharia, 1960.



Fonte: Artigo “A construção de Brasília”, 1960.

Tentado pela proposta de grandes oportunidades no setor civil, ligados à construção da nova capital, amplamente divulgadas em meados dos anos 60, Joaquim seleciona alguns de seus cooperadores na construtora – dentre eles, alguns de seus filhos mais velhos, e segue com a família para a capital do Brasil. A chegada é marcada no mês de maio de 1960, pouco tempo depois da inauguração formal realizada em 21 de abril de 1960.

É válido pontuar que o processo em que o Brasil estava inserido, consistia em um governo que se colocava como democrático. Baseado nesses moldes, a construção de Brasília se desenvolveu, esquecendo que tal dinâmica deveria abarcar toda população, especialmente os trabalhadores, operários e migrantes, em sua maioria nordestinos.

De acordo com os arquitetos e pesquisadores do tema, Paola Berenstein e Dilton Lopes, a grande demanda de produção em apenas três anos, fez com que a Companhia Urbanizadora do Brasil, a Novocap⁹⁸ estabelecesse um regime de construção sem interrupção, trazendo um

⁹⁷ Idem., pp. 473.

⁹⁸ NOVOCAP - Companhia construtora da nova capital, empresa criada em 1956 para executar as obras da construção de Brasília.

novo sentido de tempo nacional, regime de trabalho árduo, que ficou conhecido em boa parte do Brasil como “o ritmo de Brasília”⁹⁹. A respeito os citados pesquisadores apontam:

Para a construção da cidade, a Novacap assumiu uma vertiginosa campanha de recrutamento de mão de obra, levando milhões de pessoas a deixarem suas cidades natais em busca de oportunidades de emprego, renda e de futuro promissor no planalto central brasileiro. Movidos pela promessa de futuro melhor e com chances de mudança da qualidade de vida, as populações de migrantes, principalmente nordestinos, somavam-se em mil pessoas antes mesmo do início da construção da cidade que chegavam a Brasília com a ideia de que ali encontrariam oferta de emprego com salários altos sem limites para rendimento.¹⁰⁰

No final dos anos de 1950, a citada população via, em Brasília, uma oportunidade de enriquecer de forma rápida e por conseguinte, ter uma promoção profissional, imaginários que se formam a partir das campanhas de recrutamento. De acordo com os dados levantados, em março de 1958, passados apenas seis meses do lançamento do edital para o concurso do plano urbanístico da cidade, o território de Brasília já comportava população próxima aos 30 mil habitantes, em mais dois anos, a população havia ultrapassado a faixa dos 140 mil.¹⁰¹

Ao chegar em Brasília, parte da família – Laurene Elias, seu marido e alguns irmãos -, acomodaram-se no acampamento da construtora Camargo Correia e a outra parte dos filhos ficou alocada na casa de um primo, onde não pagavam aluguel, tendo como gastos o mínimo, voltando o foco para verba que seria angariada durante o tempo de trabalho.

Inseridos nesse contexto, os Elias de Santana enxergavam na construção da nova capital uma oportunidade única de ter lucro. Porém, próximo à metade do mês de junho, quando as papeladas referentes aos vínculos empregatícios já estavam quase prontas, seu Joaquim é acometido de um derrame cerebral, e chega a óbito. Mesmo adolescente, Nelzon Elias ao lembrar da morte do pai, relata com detalhes o acontecimento e, acanhado, enxuga suas lágrimas:

Eu era criança, mas tenho uma lembrança nítida do que aconteceu...Tudo pra gente era novidade, né? Eu tinha 11 para 12 anos. Parte da família ia morar perto da praça dos três poderes, no acampamento da... Camargo Correia, acho que era esse o nome da empresa. A gente morou lá. Estávamos esperando, justamente a documentação para poder pegar o trabalho, meus irmãos mais velhos e papai, no caso. Papai não resistiu... (pausa longa/ lágrimas). Quando tava tudo pronto, ele teve um derrame cerebral, passou um dia

⁹⁹ HOLSTON, J. **Cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. (1993), 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 164.

¹⁰⁰ Idem., pp. 473.

¹⁰¹ Idem., pp. 473.

internado, aí faleceu. Lembro como hoje, ele morreu em 61 mesmo. Chegou em maio e morreu em julho.¹⁰²

O caso dos Elias de Santana foi um em meio a tantas outras histórias tristes vinculadas à construção de Brasília. Famílias que tiveram seus membros servindo como mão escrava barata, sob o fajuto termo de “heróis da pátria”¹⁰³, tiveram suas histórias silenciadas, sob uma boa dinâmica publicitária muito bem articulada que queria criar no imaginário dos trabalhadores que a pátria lhe seria eternamente grata por tal feito.

De acordo com o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro¹⁰⁴ - que captou a memória de alguns trabalhadores através da oralidade -, destaca que além do público alvo ser de diferentes regiões do Nordeste, eram, majoritariamente, negros. Fato que ajuda a demarcar o lugar racial no entorno da construção de Brasília.

Pensando que a oralidade é o caminho escolhido para esse campo dialógico, os relatos se apresentam em múltiplas conexões temporais, desta forma, podemos ter uma ideia sobre quais estímulos de trabalho os sujeitos estavam subjugados. Sobre tal aspecto Nelzon Elias destaca:

Alguns moravam nos acampamentos, eram conhecidos como os acampamentos dos candangos. Era menino novo, mas lembro de tudo. Eram três turnos de trabalho. Manhã, tarde e noite. Era um ritmo muito intenso de trabalho. Newton e Nilton depois desse período ficaram com muitas sequelas na saúde, por conta da intensidade das atividades e a escassez de intervalos.¹⁰⁵

Conforme as leituras já citadas, essa parte da população recém-chegada na região designou-se o termo “candango”; mesmo sem surgir no contexto de Brasília foi amplamente utilizado e vinculado, sobretudo, aos primeiros construtores da capital, evidentemente, com um viés depreciativo, quase insultuoso. O termo, amplamente difundido, significava “alguém sem qualidades, sem cultura, um ignorante, sem eira nem beira de classe baixa,”¹⁰⁶ que se observado com calma, em nada se aproximava dos aspectos sociais e culturais dos Elias de Santana, tendo em vista seus processos de formação e conquistas.

¹⁰² SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

¹⁰³ RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**. A experiência de trabalhadores. Brasília: Editora da Unb, 2008.

¹⁰⁴ Sob o título de “heróis da pátria” os trabalhadores eram convocados para formar a tão distinta e honrável mão de obra para a construção da nova capital. Esses estavam sujeitos a quaisquer situações adversas, sem cobertura alguma dos superiores. Sobre a vivência de trabalhadores na construção de Brasília, ver: RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**. A experiência de trabalhadores. Brasília: Editora da Unb, 2008.

¹⁰⁵ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [agost. 2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (4h).

¹⁰⁶ HOLSTON, J. **Cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Op.cit., p. 210.

Quando pensamos na inserção do negro na sociedade brasileira, logo nos remontamos ao contexto da escravidão. Sem dúvida, os processos que atingiram corpos não brancos ao longo do tempo, acabam deixando marcas no cotidiano. Criou-se, historicamente, uma relação entre corpos pretos e trabalhos braçais. Dialogando com a socióloga Tereza Cristina Santos Martins observamos que o preconceito racial no Brasil acabou por definir o “lugar” do não branco no mercado de trabalho, ou seja, “o negro passa a ser visto como preponderantemente na desocupação, na informalidade e nas ocupações com precárias relações de trabalho.”¹⁰⁷

Reafirmando nossos diálogos, o sociólogo Florestan Fernandes¹⁰⁸ destaca que, a partir da década de 1930, junto ao desenvolvimento urbano e expansão agrícola, o preto foi inserido no mercado, entretanto, tal introdução está diretamente ligada às atividades mais degradantes, fator que conseguimos enxergar seus reflexos com a história de participação dos Elias de Santana na construção de Brasília.

Ainda sobre o termo "candango", destacamos a fala do poeta Nicolas Behr¹⁰⁹, que nos apresenta da seguinte maneira:

Candango: hoje, chamar alguém de candango é um ato amoroso. Mas não era assim durante as obras de Brasília. Candango era o peão, o sofredor operário da construção civil. Termo de origem africana, era como os nativos chamavam os portugueses. Ninguém sabe ao certo como esse nome chegou a Brasília. Pouco importa. O certo é que naqueles tempos heróicos ser chamado de candango era pejorativo. Criou-se aí a primeira distinção social na cidade-utopia: de um lado, candangos, os trabalhadores braçais, (que colocavam, literalmente, a mão na massa) e, do outro lado, os pioneiros, letrados e doutores, muitos faturando alto com a transferência da Capital. Os candangos surpreenderam o mundo: em três anos e alguns meses construíram Brasília. Após a inauguração, sem lugar no Plano Piloto, restou a esses verdadeiros heróis anônimos serem deslocados para as então nascentes cidades-satélites, evidenciando claramente a setorização social e a maior importância dada ao funcionamento administrativo da cidade do que a integração dos operários ao projeto na nova capital.¹¹⁰

Enquanto candangos na nova capital, sem a presença do pai, sem dinheiro, fortemente abalados pela perda súbita em um novo ambiente, ficou a cargo do filho mais velho, Newton

¹⁰⁷ MARTINS, Tereza Cristina Santos. **O negro no contexto das novas estratégias do capital:** desemprego, precarização e informalidade. Serv. Soc, São Paulo, 2012, p. 457.

¹⁰⁸ FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes.** 3º edição. São Paulo: Ática, 1978, p. 42.

¹⁰⁹ Referente a relação entre a poesia de Nicolas Behr e a cidade de Brasília ver: ALMEIDA JUNIOR, Dilton Lopes de. **À margem:** diante da poesia, diante da cidade. Dissertação de Mestrado no curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia: UFBA, Salvador, 2017, p. 312.

¹¹⁰ BEHR, N. Candango In. **Brasília A-Z cidade palavra.** Brasília.

Elias, tomar as rédeas da situação e ocupar o lugar de liderança da família. Sobre o fato Nelzon discorre:

Ele faleceu no mês de julho, só que quando a gente viajou ele tinha deixado umas casas alugadas. O pagamento era feito pelo banco, não era imobiliária, era pra pagar no banco. Todo dinheiro que ele tinha, da construtora, do aluguel, estava no banco. Quando ele faleceu, os bens foram bloqueados. Não poderia ser utilizado nenhum dinheiro, só depois do inventário.¹¹¹

Sem verba para voltar ao Recife, nosso sambista e seu irmão Nilton Elias não tinham outra escolha, já que mesmo na presença do pai teriam que trabalhar na construção da nova capital. Dessa forma, com toda documentação pronta, vinculados à construtora, começaram os serviços visando manter a alimentação e sustento da família, enquanto estavam fora de sua terra e, sobretudo, centrando os esforços em juntar uma boa quantia para que todos os integrantes pudessem voltar para o Recife:

Ai, foi no caso, que Newton e Nilton começaram a trabalhar. Eles organizaram assim: um trabalhava para manter a família, alimentação, porque a gente morava na casa do meu primo e não pagamos aluguel, e o outro trabalhava pra juntar dinheiro, pra gente voltar pra Pernambuco. Pra que justamente, a gente pudesse chegar aqui, fazer o inventário, desbloquear o dinheiro que estava preso e recomeçar nossa vida.¹¹²

Como quem aposta - nesse caso, no jogo da vida, sob a direção do patriarca da família, os Elias de Santana se lançaram ao novo, esperando garantir uma boa colheita, mas o resultado de tamanho investimento de tempo/ dinheiro/ empenho físico resultou em um episódio traumático. Entretanto, com a garra mantida na ancestralidade, em um grande coro de reconhecimento e ajuda mútua, a família levantou sacudiu a poeira e deu a volta por cima, como canta o samba¹¹³.

A dor da perda, associada ao trabalho exaustivo, foi ressignificada, dando lugar ao sentimento de garra e esperança de uma volta tranquila para sua terra. O que os irmãos Elias de Santana não esperavam, é que de volta a Jaboatão seriam recebidos com tamanho respeito; fato que acabou por beneficiar sua inserção em produções culturais relacionadas ao samba e projetar seus nomes no circuito do Carnaval em Jaboatão dos Guararapes e Recife.

¹¹¹ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [agost.2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (4h).

¹¹² Idem.

¹¹³ VANZOLINI, Paulo. Interpretação por Beth Carvalho. **“Volta por cima”**, 1993.

2.3 “Heróis da pátria” no despontar de um sonho rebelde

Em meados dos anos 1950, antes mesmo dos Elias de Santana seguirem à Brasília, o cenário do Carnaval no Recife passava por transformações em sua gestão. A partir de 1955, a festa agora personificada, troca as diretrizes da Federação Carnavalesca pelas novas dinâmicas coordenadas pela Prefeitura do Recife, passando, dessa forma, pelo bojo da institucionalização (com institucionalizar queria-se trazer uma perspectiva de formalidade por meio da criação de grupos para gerir o carnaval com base em nas leis municipais),¹¹⁴ sob o comando do poder público municipal.

De maneira simultânea entram em cena a Federação Carnavalesca Pernambucana (FCP)¹¹⁵, o Departamento de Documentação e Cultura (DDC) e a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife (ACCR)¹¹⁶; órgãos encarregados da organização do Carnaval entre os anos de 1955 a 1960. O Departamento de Documentação e Cultura, em especial, órgão ligado à Prefeitura, era incumbido da punição aos grupos que não se apresentassem ao palanque da

¹¹⁴ O termo “institucionalização” adicionado ao título da presente dissertação, bem como, ao longo da escrita, foi escolhido propositalmente para trazer ao leitor o contexto de um Carnaval/tradição inventada, que surge com bases fixadas nos tramites burocráticos e tradicionalistas para se afirmar. Muitos dos sambistas observando tamanho império de importância dado no processo de vida das instituições como: FCP ou ACCR, com seus regimentos internos e regras de participação, passam a aderir tais práticas; vislumbrando o processo que chamamos aqui de “institucionalização do samba em Pernambuco”, ou seja, conseguir mudar o status das agremiações de samba em Pernambuco de ‘cópias’ para ‘tradição local’, utilizando para isso entidades de coordenação e defesa do produto cultural samba.

¹¹⁵ A Federação Carnavalesca Pernambucana foi criada em 1935, visando atender os interesses dos grupos de empresários e políticos. Procurando saciar aos mais diversos anseios dos setores dominantes da sociedade, o órgão que despertava a esperança na classe média de retomar o espaço público da cidade no período do carnaval, nos comerciantes o aumento de seus rendimentos e nos populares o término da desorganização do evento carnavalesco – onde os clubes eram financiados em detrimento de outros, se manteve consolidada até 1947, quando passou a disputar forças com a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife. Esses, por sua vez, defendiam a ideia de suprimir definitivamente a influência do Estado sobre o carnaval de rua, através de representações de que o carnaval era uma festa democrática. Mais informações a respeito da FCP ver: VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A festa do Estado e o brinquedo para os populares**. Histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana (1935-1949).Op.cit, p. 38-41.

¹¹⁶ A ACCR pregava que as agremiações e os foliões se unissem em torno e em nome da festa e não da instituição, postura contrária à defendida pela Federação para os festejos momescos. A Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife crescia com o lema da liberdade para o Carnaval da cidade. A nova entidade passou a organizar a semana pré-carnavalesca recifense, onde diversos grupos aderiram, bem como contavam com o apoio do poder público. Mais informações a respeito da ACCR ver: VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A festa do Estado e o brinquedo para os populares**. Histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana (1935-1949).Op.cit, p. 186.

comissão organizadora, bem como era o responsável pela execução dos concursos dos quais participavam variadas modalidades de agremiações¹¹⁷ existentes no festejo recifense.

A institucionalização do Carnaval entra como um divisor de águas e propagador de novas contribuições para o desenvolvimento momesco. Especificamente, no ano de 1955, a cidade do Recife foi palco de mudanças não só nas formas de fazer o Carnaval, como citado, mas foi, também, um cenário de confusas transformações no âmbito político.¹¹⁸ Ao transpassar das transformações políticas, uma nova forma de se pensar e fazer os dias momescos ganhava espaço.¹¹⁹

Nesse ambiente, sob o comando de Pelópidas Silveira, em 1956, é realizada uma convocação dos vereadores, com o intuito de modificar a Lei N° 3.346, anteriormente aprovada no ano de 1940. No entanto, segundo o prefeito, cometia-se um erro de não haver distinção de valores entre as mesmas, ou seja, estavam no mesmo patamar de importância as agremiações entendidas pelas autoridades como tradicionais (leiam-se: clubes de frevo, maracatu e caboclinhos) e as chamadas de “alienígenas”, em outras palavras, as escolas de samba.

Outro aspecto que merece nossa atenção é que mediante ao encontro com os jornais da época nos deparamos com a aparição constante dos termos “tradicionais”, “originalidade”, “estrangeira” e suas variações. As matérias coletadas sobre os dias festivos da cidade demonstram que inúmeras práticas carnavalescas estavam em disputa. Ganha destaque aqui, os discursos de intelectuais que defendiam uma ideia de “tradição inventada”, como vemos abaixo em alguns recortes:

¹¹⁷ O que chamamos de “modalidades” se refere a multiplicidade dos grupos que compõem as diferentes agremiações carnavalescas. Fazem parte: clubes de frevo, troças carnavalescas, blocos de pau e corda, clube de bonecos, maracatu (nação ou de baque virado e de baque solto ou rural), caboclinhos, escolas de samba, tribo de índios, boi de carnaval, la ursa e afoxés. Nesse caso, é válido destacar a existência do catálogo de agremiações carnavalescas, ver: **Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco**. Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana. Recife: Prefeitura do Recife, 2009.

¹¹⁸ Referente às eleições de 1955, o historiador Antônio Paulo Rezende ressalta como o período em que Pelópidas Silveira assume o cargo de prefeito da cidade do Recife, em um contexto de grandes esperanças. Como membro do Partido Socialista Brasileiro, o mesmo arrecada cerca de 66,87% dos votos, ganhando em disparada do seu adversário Antônio Alves Pereira, que teve apenas 19,17% dos votos. REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000, p. 130.

¹¹⁹ Como pontua Augusto Neves da Silva o então prefeito do Recife, Djair Brindeiro, em junho de 1955 sancionou a lei N° 3.346 que tinha como plano principal organizar, patrocinar e promover os festejos carnavalescos do município, a partir do ano de 1956, dentro dos moldes folclóricos, mantendo, sobretudo, os clubes de frevo; os maracatus e os clubes de caboclinhos. Além deste, fica a cargo do Departamento de Documentação e Cultura da Municipalidade, ajudar técnico e financeiramente, todos os blocos, troças, escolas de samba e demais agremiações carnavalescas que atuavam para a animação do carnaval do Recife. SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p.58.

Boletim da Comissão Pernambucana

[...] ou isso ou vem adolescente para o carnaval já se decidindo pelo samba, força nova, **“estrangeira”, com modos de quinta** - coluna se insinuando nos anais da folia pernambucana [...]¹²⁰

Carnaval autêntico

[...] **essa tradição carnavalesca não pode morrer**, ceder os seus troféus e as suas glórias às escolas de samba que desceram dos morros cariocas para tomar de assalto o Recife [...]¹²¹

Estará certo?

[...] **celebre pela originalidade dos seus maracatus, dos seus caboclinhos do seu frevo**: está sendo descaracterizado não só tem a justa resistência da parte dos pernambucanos, como uma adesão de alguns dos mais ricos, dos mais influentes, dos mais poderosos, dentre eles, ao **samba invasor**. [...]¹²²

As frases em destaque nos permitem uma inserção nas práticas sociais da época. Somando ao olhar crítico e demais fontes, entendemos que por trás do discurso de não aceitação as agremiações de samba e exaltação das produções da terra, havia um forte alicerce argumentativo erguidos pela classe de intelectuais regionalistas chamado pelo historiador Augusto Neves de “tradição inventada”.

Pensar de que forma a concepção de tradição vigente se associava com as manifestações carnavalescas locais é um dos pontos chave para ajudar a compreender e expandir o grau de complexidade que as tramas dos dias momescos elucidam. É válido ressaltar, que o sentido da tradição não estava ligado apenas ao aspecto antropológico, como regras e costumes, mas numa visão mais conservadora, formada por aspectos que estabelecem um grau de resistência à mudança, sobretudo, impondo valores que devem ser preservados, e que na maioria das vezes nos revela a tentativa de manutenção de um passado.

O processo de invenção da tradição carnavalesca na capital pernambucana – como uma volta ao “passado original”-, pode ser compreendida como uma maneira de buscar uma autenticidade e singularidade para o festejo. Mas nessa linha de raciocínio, quais questões e circunstâncias levam ao restabelecimento dessa tradição? Há um vínculo nessa questão com o processo de perda da tradição, advinda com o avanço da modernidade. Tal perda se coloca

¹²⁰ OLIVEIRA, Valdemar. A recriação popular. Boletim da Comissão Pernambucana de Folclore, 1966, p.12.

¹²¹ MELO, Cezário de. Carnaval autêntico. Diário da Noite. 16 de janeiro de 1965, p. 07 Arquivo Jordão Emerenciano - APEJE.

¹²² FREYRE, Gilberto. **Estará certo?** Diário de Pernambuco. 20 de fevereiro de 1972, p. 04, I caderno. Arquivo Jordão Emerenciano - APEJE.

como mola propulsora para estabelecer essa busca pelas “raízes”, ou seja, reconstruir um estado original.

Tomados pelo forte discurso que no Carnaval do Recife não deveriam existir escolas de samba (visando enaltecer apenas as produções culturais “da terra”), levantado e defendido por grande parte da classe de intelectuais regionalistas pernambucanos, boa parte dos leitores, que acompanhava os fatos, deparou-se com uma possibilidade de “comprar a ideia” e colocar no lugar de “estrangeiras” as tão comentadas agremiações de samba, tendo em vista o forte poder de persuasão da classe citada.

Decorrente da pressão realizada por Pelópidas Silveira, a Lei N° 3.346/55 foi revista, dando lugar ao Decreto Lei N° 1.351, sancionado em 23 de janeiro de 1956¹²³, o qual salientava que a partir daquela data, as agremiações carnavalescas continuariam a receber uma verba dos cofres públicos. Entretanto, estariam sujeitas a uma classificação hierárquica, onde as escolas de samba seriam posicionadas no último ranque, recebendo apenas 5% do valor destinado.

As mudanças na implantação e organização dos dias festivos tiveram continuidade no ano de 1960. Esse momento, mediante o novo decreto, foi regido pela Comissão Permanente do Carnaval (CPC), tendo um novo formato, composto por vários segmentos da sociedade pernambucana. Sobre esta passagem, o historiador Leonardo Dantas Silva discorre:

[...] Pelo novo decreto, o carnaval do Recife passa a ser supervisionado por uma comissão formada por três vereadores, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife e dois membros de livre escolha do prefeito do município, sob a presidência do diretor do Departamento de Documentação e Cultura. A federação, antes mentora suprema do carnaval, passou a exercer o papel de fiscal e colaboradora. Assim passou a existir a Comissão Permanente do Carnaval que, pela lei número 9355, sancionada pelo prefeito Augusto Lucena em 14 de dezembro de 1964, foi transformada em Comissão Organizadora do Carnaval (COC), presidida pelo Secretário de Educação e Cultura, tendo como membro cinco vereadores, quatro pessoas de livre escolha do prefeito, um representante da Federação Carnavalesca Pernambucana, um representante da Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, um representante da Federação das Indústrias de Pernambuco e um representante do Governo do Estado.¹²⁴

Os signos das transformações se mostram presentes e atuantes nos carnavais desses dias. Segundo Neves, “o título de ‘maior carnaval do mundo’ dos dias momescos pernambucano,

¹²³ Decreto Lei disponível em: <http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br>. Acesso em 8 de junho de 2019.

¹²⁴ SILVA, Leonardo Dantas. **Elementos para a História Social do carnaval do Recife**. In: Antropologia do carnaval do Recife. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas da Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, LCCCIII-LXXXIV, 1991.

parecia estar ameaçado”.¹²⁵ Em contrapartida, visando ‘defender’ a peculiaridade da ‘alma’ carnavalesca da cidade do Recife, os dirigentes da festa, sobretudo, os membros da ACCR procuravam ampliar a divulgação e organização da semana pré-carnavalesca, adicionando fazeres na tentativa de manter o povo entretido.¹²⁶

Inseridos no cenário histórico exposto, a família Elias de Santana, somando forças, volta para sua terra em dezembro de 1961. Marcados pela experiência dolorosa na capital do Brasil, os “herdeiros de um sonho rebelde” são recebidos em Jaboatão com grande reconhecimento, como “os filhos do Seu Joaquim Elias, um bravo e distinto ‘herói da pátria’”. Como pontuado anteriormente, as constantes jogadas de publicidade acabaram por criar tal ideia nos imaginários dos trabalhadores/ espectadores. Sobre a volta da família Dona Juleicka Lopes discorre:

Então, lembro que logo que os Santana chegaram a gente tomou conhecimento da morte do Seu Joaquim ficamos muito comovidos com a situação. Na verdade, não só eu, como a minha família daqui e muitos conhecidos. Seu Joaquim já era uma figura importante por essas bandas pelo seu envolvimento em muitas construções daqui. Aí foi ele morrer na situação que você bem sabe, para esse sentimento de respeito aumentar e acabar sendo direcionado para a família que ficou, né. Ali foram verdadeiros heróis da pátria por toda história de coragem quando seguiram para Brasília.¹²⁷

Durante o período que a família passou em Brasília os trabalhos executados pela construtora levantada por Seu Joaquim ficaram suspensos, resultando no fechamento da mesma. Com a responsabilidade de chefiar a família repassada pelo pai ainda no leito de morte, Newton Elias volta a executar seu ofício de pedreiro.

Devido ao grande conhecimento que seu pai havia deixado no setor civil da região, após certo tempo trabalhando como pedreiro, nosso sambista e seus dois irmãos chegam a montar sua construtora, de nome “Irmãos Santana”. Posteriormente, passos para voltar aos estudos de contabilidade foram dados, lhe permitindo uma estabilização na área, onde firmou-se como professor de contabilidade no colégio Souza Leão e Bernardo Vieira, bem como contador em seu escritório localizado na Rua da Concórdia; abrindo a possibilidade de proporcionar aos irmãos mais novos a oportunidade de focar exclusivamente nos estudos.

Na época ele já estava trabalhando. Quando ele voltou, só tinha a formação básica. Chegando aqui, ele começou trabalhando como pedreiro de novo visando ajudar a família e juntar dinheiro para ajudar

¹²⁵ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p. 110.

¹²⁶ Dentre as novas práticas visando alavancar os dias festivos estão: Rei Momo. *Correio do Povo*, 07 de fevereiro de 1957, p.01. Eleição para a rainha do carnaval. *Correio do Povo*, 08 de fevereiro de 1957, p. 02. Idem., pp. 60.

¹²⁷ ARAÚJO, Juleicka Lopes. **Entrevista III** [out.2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 3 arquivo. mp3 (3h).

com as despesas até se resolver as coisas do inventário. Nesse espaço de tempo voltou a estudar a contabilidade, também, com o passar dos anos e das conquistas abriu uma construtora em função do conhecimento que papai tinha aqui no meio de construção civil.¹²⁸

O fato de estar a frente de uma construtora e atarefado com outros afazeres para manter minimamente a família não intimidou Newton Elias de tentar a inserção no universo das produções culturais enquanto gestor. Tendo em vista que a única experiência que tinha anteriormente era como observador das produções do patriarca e posteriormente como visitante/colaborador nos bailes, rodas de samba e ensaios, essa seria a oportunidade. Segundo a fala de Nelzon Elias:

Os pretos queriam ter a experiência de presidir uma agremiação de samba. A oportunidade tava ali. Eles souberam aproveitar sem medo do que poderia dar errado. Era justamente a hora de pôr em prática o que tinham aprendido sobre samba até aquele momento.¹²⁹

Podemos compreender que a bagagem cultural do samba angariada dentro dos mais de dez anos de mergulho intenso na produção popular foi também um dos fatores para a idealização e realização do sonho de gerir sua própria escola de samba.

Especificamente, no ano de 1961, ciente das insígnias ganhas após a ida à Brasília, Newton Elias, em conjunto com seus irmãos, tem a ideia de disputar a diretoria do Clube Treze de Maio. O referido clube foi uma espécie de sociedade privada dos moradores da rua Treze de Maio e seus arredores, funcionando como um espaço para festas e outros momentos de sociabilidade. É importante destacar, que sua fundação contou com a ajuda do patriarca dos Elias de Santana, o qual utilizou das possibilidades da sua construtora para erguer o clube, bem como participou como sócio. De acordo com Nelzon Santana:

[...] o clube 13 de maio era uma sociedade meio que privada dos moradores. Fazíamos nossos bailes e comemorações lá. Na época da sua construção, se falava que o terreno foi doado pelo seu Mário Gonzaga, que inclusive, mora até hoje na frente do clube com seus noventa e poucos anos. Papai entrou como sócio nessa construção, e participou diretamente da construção do espaço [...].¹³⁰

Dialogando com o historiador Mateus Carvalho Vidal¹³¹, percebemos um resquício dos modos de fazer os dias festivos no início do século XX, que dialoga com a representação do

¹²⁸ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A fresta do Estado e o brinquedo para os populares: história da federação carnavalesca. (1935-1949).** Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, p.20.

Clube Treze de Maio, já que nas ruas, as brincadeiras eram promovidas pelos grupos diversionais, construído por pessoas da sociedade civil. Um exemplo disso são as diversas associações recreativas, musicais e carnavalescas criadas na época, que juntas partilharam o espaço público da sociedade. Sendo cada bairro o idealizador de seus festejos, sem contar com um orçamento público. A respeito das organizações carnavalescas independentes, o pesquisador Mário Ribeiro dos Santos destaca a colaboração das comissões de Carnaval, organizadas pelos moradores das ruas do Recife:

[...] compostas na sua maioria por pessoas da mesma família ou grupo de moradores da mesma rua, nascem do desejo dos habitantes de se reunir, de congregar os amigos, os familiares e os vizinhos [...] de colocar em cena as aptidões de cada pessoa, de promover a interação entre os grupos e de devolver à rua e ao bairro onde moram e trabalham os momentos de lirismo e alegria.¹³²

Munidos de tamanho respeito por serem os filhos do seu Joaquim Elias, construtor do clube, egressos depois de uma batalha árdua na capital do Brasil, os irmãos ganham as eleições com a maioria dos votos e assumem a diretoria. Atento às "condições do jogo", nosso sambista, enxerga no antigo clube uma possibilidade de se legitimar nas produções populares. É válido pontuar aos leitores, que dos anos 1960 em diante, estavam acontecendo as mais complexas transformações no ambiente dos dias de momo, e o que podemos chamar de ‘divisor de águas’ no setor carnavalesco na cidade do Recife. Tais questões, que de certo modo já vem sendo destacadas em tópicos anteriores, são lembradas na fala de Tio Nino:

Nesse período, lá dos anos 60, o carnaval, principalmente no Recife, que acaba sendo o central, estava passando por muitas mudanças. Nesse momento, mesmo que tô lhe falando, foi que estava o “bum” das escolas de samba por aqui. Todo negócio que tinha, eram as escolhas de samba que eram convidadas. Muitas leis surgiram para atrapalhar a presença das escolas de samba, mas não conseguiram muito, porque o povo queria e boa parte da camada mais rica, os granfino gostavam que só.¹³³

O crescimento e popularidade das agremiações de samba, também aparecem estampadas nos jornais da época. Em especial, em matéria escrita para o Diário de Pernambuco, no ano de 1960, sobre uma festa de carnaval realizada pelo Gilberto Chaves, destacando a participação principal do samba como atrativo importante:

Com escola de samba e muita alegria, houve Carnaval primoroso na residência do casal Gilberto Chaves.

¹³² SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)**. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2010, p. 85.

¹³³ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

[...] Logo após às 21 horas, com a chegada dos primeiros convidados (foram eles sr e sra. Caio de Souza Leão) começou a funçanata, com o barulho, muito e preciso, produzido pela boa escola de samba de Gerson. Depois, à proporção que mais gente chegava, crescia em animação e entusiasmo a reunião. À meia noite, ninguém mais restava quieto: mesmo os mais sisudos, esqueceram, por uma noite, a sisudês, e ao passo aderiram com uma contagiante decisão.¹³⁴

Atento ao contexto que estava inserido, Newton Elias em conjunto com seus irmãos, chegavam mais próximos do que chamamos aqui de um “sonho rebelde”. Enquanto diretoria do Clube Treze de Maio, algumas mudanças foram realizadas. Uma delas foi adicionar aos clubes de frevo do bairro (informais), que já eram tidas como peças tradicionais, uma agremiação de samba vinculada ao clube.¹³⁵

Figura 5 - Conjunto de músicos em ensaio para o baile da Rebeldes. Newton Elias de Santana no vocal¹³⁶.



Fonte: Arquivo pessoal da família.

¹³⁴ Com escola de samba e muita alegria, houve Carnaval primoroso na residência do casal Gilberto Chaves. Diário de Pernambuco, terça-feira, 19 de janeiro de 1960. APEJE.

¹³⁵ É válido pontuar, que os registros que apontam a existência do referido clube são orais e imagens atuais do local.

¹³⁶ Pensamos em estabelecer uma análise que desfragmenta e ressignifica uma linha de pensamento colonial. Na imagem temos a presença do Newton Elias de Santana, em um ensaio para um dos primeiros bailes organizados pela Rebeldes. Centralizado, de posse do microfone, temos um preto que por um curto espaço de tempo tem sua voz legitimada por seus pares, e ao mesmo tempo que entretém o público que participava dos ensaios, se diverte com os seus. A imagem fala sobre poder, voz ativa, reconhecimento no outro, felicidade e lazer, coisas que se analisarmos os fatos históricos, foram negadas por séculos à população negra. Tendo por séculos seus corpos fadados a trabalhos braçais. Ver uma imagem onde um negro protagoniza um espaço de folia, mexe com a lógica escravocrata ainda tão presente e nos faz compreender como o corpo negro em si é político, e como só o fato de existir e corporificar essa existência nos espaços é de suma importância. O fato de existir para resistir enquanto corpos pretos também resvala no que pretendo investigar na dissertação: as táticas de permanência, e porque não dizer resistência dos sambistas recifenses. Os meios de permanência do samba na cidade do Recife têm recorte de classe e cor, sendo esses os mais variados. Outro aspecto que salta aos olhos, são os instrumentos - conhecidos no meio da música como “metais” (trompete, no caso da imagem), fazendo parte da configuração de musical de uma escola de samba. Tal fato, evidencia o processo de ressignificação do samba que se fazia no Rio de Janeiro, onde a estrutura melódica é guiada pelos instrumentos de percussão. Acredita-se que tal fenômeno se deu em Recife pelo forte convívio do samba com a produção do frevo, que depende dos metais para construir sua identidade melódica.

Não demorou muito para o plano sair do papel e ganhar a rua do Centro de Jaboatão. Assim, com alguns dos irmãos mais velhos na diretoria, a escola de samba Unidos do Treze de Maio nasceu e fez uma pequena e única apresentação em 1961. Passado um ano de mandato, as novas eleições acabaram por tirar os irmãos Elias de Santana da diretoria. A oposição comemorou a derrota com grande alegria, uma vez que priorizavam os fazeres culturais da “terra”, e não o samba, que se configurava enquanto “coisa de preto malandro” e que no momento, estava sendo abraçado e levado para as dinâmicas do clube através da gestão dos Elias de Santana, sob o comando do Newton Elias.

Além da criação de uma escola de samba em um clube, Newton e os irmãos, criaram rodas de sambas, festas temáticas relacionadas ao estilo musical, que ajudaram a angariar verba para manutenção do próprio clube. No entanto, sob sua regência, as festividades realizadas no lugar passaram a ser mais abertas ao público geral. Essa mudança causou revolta em muitos sócios, os quais preferiram permanecer mais fechados ao público de famílias conhecidas do bairro.

As transformações realizadas causaram muita indignação, pois os bailes passaram a ser frequentados por mulheres desacompanhadas de seus maridos, vistas na época enquanto prostitutas e sujeitos de pele retinta de bairros desconhecidos. Sobre tal momento Dona Zuleicka Lopes destaca:

Parando para pensar, meu filho. O Newton foi um homem muito à frente de seu tempo. Naquela época, infelizmente, existiam algumas, para não falar muitas restrições. Não podia fazer samba, muito menos ser visto frequentando lugares que produzissem o samba, porque a maioria desses bailes, como chamavam, aconteciam à noite e varava a madrugada, viu. Era um negócio animado! Mas tinha muito preconceito, principalmente com as mulheres que frequentavam. Minha sorte era que meu marido gostava de samba e dos bailes da treze de maio, ia com ele e aproveitava muito.¹³⁷

Essa relação dialética entre o público e o privado impressos na fala da entrevistada nos aproxima das análises realizadas pela historiadora Maria Izilda Matos¹³⁸ a qual constata que as mudanças e transformações de conduta, de prática e representação social e de ser como sujeito de seu tempo, fazem-se presentes dentro e fora dos lares. Desta forma, o modelo moderno ganhou lugar no imaginário coletivo: as ideias pertinentes das cidades não se limitavam ao espaço público, mas adentravam no espaço privado, travando uma correlação paradoxal.

¹³⁷ ARAÚJO, Zuleicka Lopes. **Entrevista III** [out.2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 3 arquivo. mp3 (3h).

¹³⁸ MATOS, Maria Izilda. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. São Paulo: e-manuscrito, 2019.

Não podemos deixar de destacar o processo de racismo inerente na forma de pensamento de alguns colaboradores do clube, que mais uma vez, nos coloca de frente com um discurso que inferioriza uma produção negra, ainda não embranquecida - como foi o caso das agremiações de Frevo.

Utilizando da afirmação feita por Neves¹³⁹, o território dos dias carnavalescos estava repleto de disputas, e mais do que isso, tornava-se um ambiente imerso em um modo de pensar ainda a colonizar e estabelecer o conhecimento branco como verdadeiro. Sem aberturas para o questionamento, nesse espectro, o pensar negro torna-se um item de baixo valor ou, na melhor das hipóteses, um mero produto folclórico, que deve ser lembrado, único e exclusivamente, em datas comemorativas específicas.¹⁴⁰

Após discussões internas que cresciam em conformidade com a popularidade das escolas de samba, os irmãos decidiram estabelecer um afastamento do Clube Treze de Maio. Logo após a saída, é colocado em prática o plano do Newton Elias de fundar uma escola, onde, junto aos irmãos pudesse ter total autonomia para produzir o samba na região de Jaboatão dos Guararapes:

Acredito que foi no dia 20 de outubro que acabaram com a escola Unidos do 13 de maio. Ele reuniu os irmãos mais velhos e colocou a proposta de criar uma escola de samba livre, e independente, quer dizer, “a escola de samba não podia morrer”, o Newton disse. Chega fico arrepiado só de lembrar, ele falando: “vamos fundar a rebeldes, nós somos rebeldes, não vamos aceitar essa oposição!”¹⁴¹

Como colocado anteriormente, o despontar do “sonho rebelde” se deu a partir das referências que os seus mais velhos passaram. O despertar do gosto pela música e mais à frente a paixão pelo samba se deram de forma gradual. Para que de fato o sonho saísse do campo das ideias foi necessário um mal estar de grande porte para despertar neles o entendimento de que havia chegado a hora de se “levantar da mesa” e se rebelar.

Entretanto, nesse momento, imersos a priori por uma trajetória de rebeldia, a qual instiga e inspira Newton Elias na criação e nomeação da escola de samba, fazemos o seguinte questionamento: será que a partir do que foi levantado até o momento podemos acabar deduzindo que o percurso do nosso sambista foi resistente com o ritmo de um ser rebelde? Até que ponto foi essa rebeldia? Tais colocações fizeram parte do processo de questionamentos da

¹³⁹ SILVA, Augusto Neves da. **Debate historiográfico sobre as escolas de samba no Recife (1955-1970)**. Monografia de Conclusão de Curso de Bacharelado em História. Recife: UFPE, 2009.

¹⁴⁰ QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife. (1979-1995)**. Tese de doutoramento em História. UNB: Brasília, 2010.

¹⁴¹ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h).

presente pesquisa e nos incentivou a observar tal aspecto com maior atenção quebrando com visões únicas e cristalizadas sobre determinados personagens históricos do Carnaval de Pernambuco. Dito isto, destacamos que tal questão será alvo de análise nos próximos capítulos.

Por meio do entrecruzamento das fontes podemos chegar ao entendimento de que Newton Elias além de criar uma escola de samba, pensava em estabelecer um ambiente de abrigo para seus irmãos – sanguíneos e não sanguíneos. Que, como ele, por terem em suas peles a marca da cor e o fardo trazido desde o período da escravidão, que pensavam esses corpos como meros trabalhadores braçais, colocando em nível inalcançável o universo da diversão.

O sentido de pensar a escola de samba como espaço de abrigo para os pares, uma espécie de “quilombo moderno” é algo não só presente na fala dos irmãos que foram entrevistados (Nelzon Elias e Laurenice Elias), mas se torna um discurso também compartilhado e reproduzido por diversos sambistas espalhados pelo Brasil.

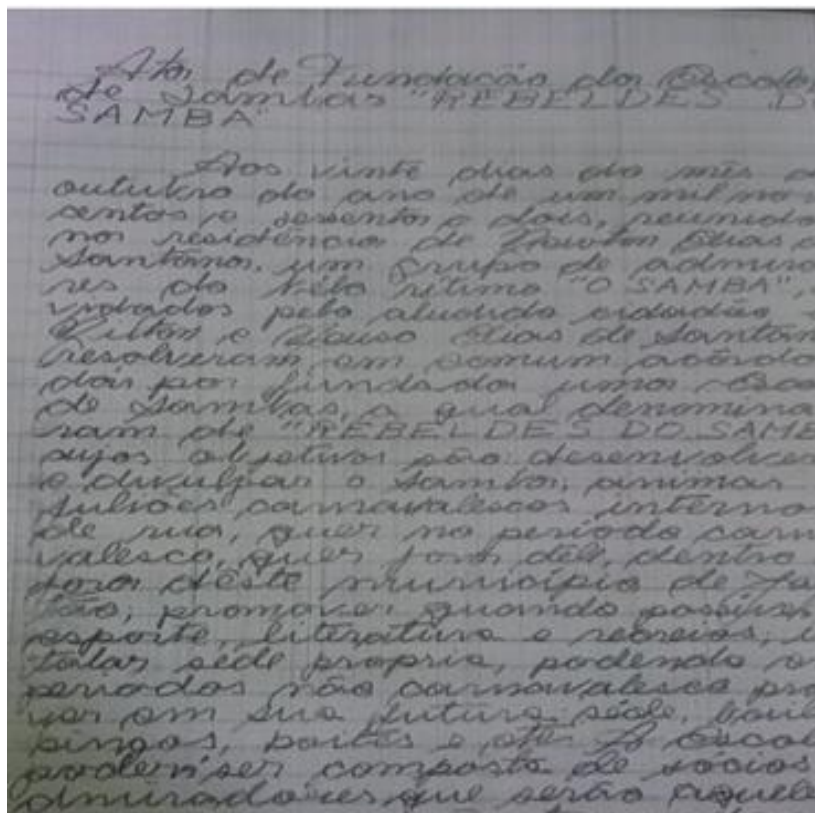
Fazendo a devida menção da escola de samba fundada pelo Newton Elias, destacamos abaixo sua história de fundação, narrativa que foi transformada pelo sambista Nelzon Elias em documento datilografado com o intuito de ficar para as próximas gerações de sambistas da família:

História da escola Rebeldes do Samba. Resumo. Fundação e Denominação.

Fundada em 20 de outubro de 1962, em um bate papo, na bifurcação da rua 13 de maio, hoje Nobre de Lacerda, com a rua Marechal Deodoro da Fonseca, em frente à casa de Euzébio, “o sorveteiro” [...] Os senhores reunidos neste bate papo, Newton Elias de Santana, Nilton Elias de Santana, ambos falecidos, Neuso Elias de Santana, Nilzon Elias de Santana, Valdemir Pedro da Silva, Romualdo João de Gusmão de Melo e Waldomiro Tavares, todos ex diretores do Grêmio Recreativo 13 de maio, na gestão de Newton Elias de Santana, os quais procuravam uma solução, para manter viva a escola de samba criada por eles naquele clube, a qual tinha o nome de Escola de Samba Unidos do 13 de maio; a qual foi extinta pela nova diretoria daquele clube. Daí, surge a solução encontrada por Newton Elias de Santana: se todos querem uma escola de samba, criemos uma nova, livre e independente, escola de samba Rebeldes do Samba, com as cores azul e branco. Em ato contínuo, o grupo se dirigiu à residência do Sr. Newton Elias de Santana, na rua Entre Rios 152, Jaboatão dos Guararapes, e lá foi oficialmente fundada a nossa amada Rebeldes do Samba, sendo proclamado presidente executivo o idealizador, Sr. Newton Elias de Santana.¹⁴²

¹⁴² O trecho em destaque foi retirado de um documento digitado em máquina de datilografia por Nelzon Elias de Santana, no qual relata com detalhes os processos de criação da escola, seus primeiros passos, ensaios e desfiles, sedes, movimentações sociais internas, produções culturais, mestres de bateria, detalhes sobre o departamento desportivo, informações a respeito da ala de presidentes e diretoria executiva. Arquivo pessoal da família.

Figura 6 - Ata de fundação da Rebeldes do Samba escrita por Newton Elias de Santana¹⁴³.



Fonte: Acervo pessoal da família

Não bastando uma vida repleta de dificuldades, nosso sambista e seus irmãos seguiram fazendo seus nomes nas produções culturais em solo jaboatonense e, posteriormente, estendendo-se para o tão movimentado e disputado espaço cultural na cidade do Recife. Nesse contexto, a Rebeldes do Samba deixou sua marca não só no modo de encarar os dias de Carnaval em Jaboatão dos Guararapes com persistência, mas sobretudo, com seu representante, que para além do nome da escola, levou o nome dos Elias de Santana, que se mantinha resiliente às intempéries de uma estrutura de festa racista.

Tais vivências custaram muito caro para alguns, mas a cada estratégia montada, o fator resiliência se mantinha presente, sem mesmo esses saberem conceituar tal aspecto. Não se trata, exclusivamente, do direito de desfilar nas ruas como qualquer outra agremiação lida como “da terra”, nem, muito menos, sobre contar “historinhas de familiares esquecidos”, mas, trazer à luz a dinâmica de duelo entre o grupo oprimido e o opressor, entendendo o primeiro enquanto

¹⁴³ A imagem posta em destaque refere-se à primeira página da ata de fundação da escola Rebeldes do Samba escrita por Newton Elias de Santana. A referida ata, carrega informações das principais prioridades da agremiação para com a sociedade: “desenvolver e divulgar o samba, animar os foliões, promover quando possível o esporte, literatura e recreios...”, como também, os nomes da primeira formação da diretoria da referida escola.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

sujeito ativo de reações. Parte que ao avistar o ataque formula suas táticas de enfrentamento combativo ou diplomático, a sua forma, e acabam por ‘girar a roleta’ dos processos históricos.¹⁴⁴

Portanto, pontuar e visibilizar a narrativa de corpos negros e suas produções culturais no campo historiográfico da cidade vai muito além de escrever “historinhas”, mas, sobretudo, uma forma de ocupar espaços de memórias que nos foram negados. De forma pacífica? Não! Esses sujeitos, protagonistas de suas histórias, transbordavam de rebeldia e resiliência: no samba, no molejo, na mensagem, no negociar, entre outras práticas cotidianas. Aceitar e reconhecer privilégios são os primeiros passos, mas antes deixa o preto se rebelar, existir para resistir!

¹⁴⁴ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

3 NA TRAMA DA FOLIA: MEDIANDO EM TERRITÓRIO DE DISPUTAS

Interpretar as tensões e os conflitos em torno do Carnaval na capital pernambucana é compreender também uma cidade que se colocava em disputas.¹⁴⁵ [...] (Augusto Neves da Silva, 2011)

Contrariando o senso comum que enxerga os dias festivos como um momento de total harmonia entre os participantes, destacamos a análise do historiador Augusto Neves sobre o tema, que direciona a pensar o Carnaval como uma prática dotada de conflitos, mudanças e dominação, movimentos esses que fazem parte da história. A aproximação das tensões, das metáforas de ordem e desordem, dos diálogos entre atores sociais que nem sempre estão reconciliados sob o Reinado de Momo, visto que esses “vivem a história como indeterminação, com incerteza, como necessidade de intervir para tornar o real o devir que lhes interessa¹⁴⁶”, nos ajuda a desconstruir uma ideia cristalizada de festa pacífica.¹⁴⁷

Neste capítulo, será realizado um ‘mergulho’ com nosso sujeito de pesquisa nos conflitos e tensões presentes nos dias de Carnaval. Com o foco em esmiuçar sua trajetória, dessa vez, percorremos entre seus primeiros contatos com produtores de samba em Pernambuco, buscando mapear suas redes de sociabilidade, bem como, sua atuação em órgãos de representação das agremiações de samba, que o coloca, e nos apresenta, um Newton Elias mediador entre dois polos (sambistas x poder público).

Em busca de entender suas redes de sociabilidades, contamos com as contribuições da área de estudos conhecida como: história das mentalidades. Visando descortinar ao leitor o conceito, bem como sua zona de inserção, através da produção do Jean-François Sirinelli, optamos por destrinchá-lo a priori como forma de introdução ao tema. Pensado como um mediador, o ‘personagem’ se aproxima do que as historiadoras Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen entendem por mediador cultural.¹⁴⁸ Nesse sentido, seguimos a trilha

¹⁴⁵ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p. 24.

¹⁴⁶ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **A história contada:** capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 9.

¹⁴⁷ Para um aprofundamento sobre a desconstrução de uma ideia de festa pacífica ver: SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiques e ganzás:** a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Op.cit.

¹⁴⁸ GOMES, Ângela de Castro. Hansen, Patricia Santos (org). **Intelectuais mediadores.** Práticas culturais e ação política. 1º edição. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 1º edição. 2016.

narrativa dessas mediações, buscando nos relatos orais dos sujeitos que formaram esses encontros, entender seus percursos e contribuições com os fazeres do nosso personagem. Além do dito, busca-se criar encaixes narrativos para levantar o debate a respeito das questões raciais que atravessaram a vida de Newton, bem como a presente escrita, utilizando, especificamente, os escritos do advogado e filósofo Silvio Almeida, que ao estudar sobre o racismo estrutural traz contribuições para seu campo de estudos, bem como ajuda a entender mais sobre algumas questões presentes nas instituições que o nosso personagem integrou e mediou.¹⁴⁹

Em um ambiente repleto de tensões, Newton Elias ganhou o seu espaço e aos poucos assumiu o posto de representante legal das agremiações de samba. Entender como eram realizados tais processos de mediação é o que queremos trazer, de forma que, possamos compreender de que modo nosso personagem em conjunto com uma rede de sambistas se colocavam em defesa do samba - quais acordos e embates precisou travar com o poder público -, bem como, quais situações precisou encarar ao ocupar o referido posto de representação, enquanto homem negro. Tais aspectos adentram como prioridade de análise no presente capítulo.

Vale destacar que, nos estudos desenvolvidos no século XX no entorno da participação das agremiações de samba em Pernambuco, muito se discutiu sobre os discursos repressivos gestados por intelectuais regionalistas contra as escolas de samba, mas, pouco se falou sobre a aguerrida, e por vezes, estratégicas ações de “seus filhos”. Nesse momento da trajetória, destacamos como último ponto, entendido como crucial, a abertura dos diálogos da classe de sambistas no “território das palavras”, ou seja, nos jornais de grande circulação da época, como forma de aproximar o leitor deste texto dos posicionamentos estabelecidos pelo grupo em questão, trazendo para a historiografia do tema uma nova abordagem.

Para a construção do presente capítulo no que toca às fontes, recorreremos aos manuscritos (atas de reuniões de 1984 a 1999) que nos permitem ter o conhecimento dos assuntos mais recorrentes, nomes e posicionamento dos presentes, como também os conflitos gerados em cada reunião. Visando fortalecer a construção da narrativa, recorreremos aos periódicos, que nos oferecem um norte sobre como tais conflitos eram gestados pela indústria midiática e a oralidade que nos agracia com as individualidades que se tornam coletivas no processo de construção da escrita.

¹⁴⁹ ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Janaína, 2021.

3.1 Formando redes de sociabilidades

O título que nomeia o presente tópico acompanhou a trajetória de vida do nosso mediador e nos possibilita, a partir de uma análise conceitual adentrar nas camadas de formação dos laços criados espontaneamente e projetados pelo mesmo, com um propósito final: o de institucionalizar as escolas de samba no Carnaval em Pernambuco.

De acordo com o conceito de redes de sociabilidades, proposto pelo historiador Jean-François Sirinelli, tais encontros - também chamadas estruturas de sociabilidade - constituíam uma ferramenta explicativa para compreender a organização e a dinâmica do campo intelectual com suas amizades e inimizades, vínculos e tomadas de posição.¹⁵⁰ Tratando-se de uma produção de conhecimento ligada ao campo da história intelectual, o autor dialoga com seus pares, assim compreendidos por intelectuais.

As perguntas que nos rodeiam nesse primeiro momento são: o conceito de redes de sociabilidade só cabe à classe intelectual? Outros sujeitos que estão produzindo conhecimento - não da maneira convencional - podem ser lidos enquanto intelectuais? Existem outros termos que melhor possam defini-los? Para nos ajudar a refletir sobre tais questões, buscamos respaldo nas atuais abordagens produzidas pelas historiadoras Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen no campo da história das mentalidades, para repensar a lógica de entendimento do que constitui um intelectual, e os usos de certos conceitos como legítimos para determinadas áreas e intransferíveis para outros produtores de conhecimento distintos, como é o caso de Newton Elias.

Segundo as historiadoras, primeiramente, tal abordagem exige uma reflexão sobre a própria categoria em sua historicidade e complexidade, pois “está associada ao desenvolvimento do que se tornou conhecido como história intelectual e, afiliada a esta, como “nova” história política”¹⁵¹. A respeito das transformações de entendimento do ser intelectual, destacam:

[...] ocorre, de um lado, um “desencantamento” da figura do intelectual como gênio, fator explicativo de transformações culturais, científicas e artísticas, tratamento que, justificadamente, gerava suspeita entre historiadores. De outro, aumentam os esforços para a construção de novas categorias ou para uma retomada de categorias com sentidos

¹⁵⁰ SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais**. Op.cit., p. 92.

¹⁵¹ GOMES, Angela de Castro. Hansen, Patricia Santos (org). **Intelectuais mediadores**. Práticas culturais e ação política. Op.cit., p. 11.

renovados, que pudessem enriquecer o tratamento dado a esses sujeitos históricos nomeados como intelectuais. Tais categorias, contudo, não podiam ser reduzidas, anacronicamente, ao que se pensa sobre os intelectuais, no momento em que a análise é realizada pelo historiador ou cientista político.¹⁵²

Assim, de acordo com a estrutura de pensamento arquitetado, concordamos com as pesquisadoras quando nos apresentam o conceito de intelectual como todos os outros políticos e sociais, fluido e polissêmico,¹⁵³ gerando margem para novas construções narrativas.

Nessa roda dialógica, destacamos que por muito tempo o fator racial deslegitimou a presença de não brancos no posto de intelectuais. Assim, compreendemos a necessidade também de dialogar com pensadores negros em busca de criar outros horizontes, a partir dos nossos processos. Portanto, destacamos ainda, as contribuições do pesquisador Abdias Nascimento no entorno do que chama de quilombismo¹⁵⁴. Visto que, o conceito dialoga com a necessidade de se criar uma forma de produção da vida cotidiana nas comunidades negras a partir das experiências e dos referenciais negros, ou seja, o corpo, a memória/musicalidade presente nos terreiros, a oralidade, são elementos que nos colocam a frente de uma comunidade negra do continente africano, que busca em si uma articulação e força política para a produção teórica, estética e cultural. Quando destacamos a presença do nosso personagem, como esse ser intelectual que media no âmbito cultural, é justamente para evidenciar sua tática não convencional, que ‘bebe’ das formas de fazer pautado nas contribuições negras.

Dito isto, compreendemos que todo ser que vive em sociedade, estabelece redes das mais variadas, independente de ser compreendido por outros enquanto intelectual ou não. Desta forma, acreditamos e reafirmamos a funcionalidade do conceito de redes de sociabilidade, dito como parte constituinte da formação do nosso sujeito de pesquisa.

Dando continuidade à linha narrativa, podemos dizer que a primeira fonte que nos guia para o rastrear da formação das redes de sociabilidade do nosso mediador em formação, foi a oralidade. Através dos relatos coletados com os sambistas: Walderson Melo, Paulo Cabral, - colegas contemporâneos de Newton Elias - e Geraldo Melo Filho, compreendemos não apenas seus encontros, trocas e distanciamentos, como também, os círculos frequentados por eles na sociedade pernambucana, que nos permite captar de onde os entrevistados estão falando.

É válido pontuar que no Recife, poucos são os trabalhos que se dedicaram a romper com a invisibilidade historiográfica enfrentada pelos sambistas da cidade. Conflito, dúvidas e

¹⁵² GOMES, Angela de Castro. Hansen, Patricia Santos (org). **Intelectuais mediadores**. Práticas culturais e ação política. Op.cit., p.11.

¹⁵³ Idem. p.12.

¹⁵⁴

escassas informações é o que encontramos quando o tema em voga é o discurso dos fazedores do estilo musical no Carnaval. Diante dessa questão, não podemos deixar de levar em consideração o campo das possibilidades, o ‘é possível que’, ou mesmo, o talvez, utilizando-nos do que o historiador Carlo Ginzburg definiu como possibilidades históricas.¹⁵⁵

O formato lacunar das fontes ou, até mesmo, a falta delas, obrigam o historiador a colocar em prática uma ‘imaginação histórica’, a construir uma narrativa do ‘é possível que’, fator esse que ‘assombra’ a escrita da história do negro no Brasil, que por séculos enfrenta uma tentativa continua de apagamento. É legítimo o fato da historiografia ser limitada pelas próprias informações que se tem do objeto, pelo conhecimento que o próprio profissional de história tem do período que estuda, por aquilo que sabe sobre as relações da sociedade e da cultura que está estudando. Assim, imaginar o provável, o possível de ocorrer naquele tempo e lugar, com pessoas que viveram em dada situação social e segundo certos códigos culturais é um caminho. Entretanto, como destaca o pesquisador Silvio Almeida, não se pode naturalizar tais processos, que por si só estão imersos em um contexto de racismo institucional.¹⁵⁶

Enquanto sambistas, podemos destacar que parte dos depoentes em questão representam uma classe de amantes do samba que agiram diante do processo de condenação que assolava suas agremiações. Entre um momento e outro ousavam ao defender sua música, sua vida e sua história apresentando uma necessidade de legitimação pelo campo tradicional do Carnaval, atuando como sujeitos que pensavam e transformavam o cenário em que viviam. Como agentes de sua própria narrativa, sambavam entre a linha tênue de resistência opositiva e posicionamentos mais próximos da diplomacia. Enquanto a ordem política e econômica impunha uma disciplina, os atores sociais em questão se negavam a aceitar passivamente, manipulando através de suas táticas.¹⁵⁷

¹⁵⁵ “A questão da prova permanece mais do que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento em que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com a ajuda de uma documentação que também é diferente”. GINZBURG, Carlo. **Provas e Possibilidades**, In: O fio e os rastros. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, p. 334, 2007.

¹⁵⁶ A principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. De acordo com o pesquisador Silvio Almeida, “a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos.” ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Op.cit., p. 40.

¹⁵⁷ Dialogamos com Michel de Certeau, o qual pensa o conceito de tática da seguinte maneira: “a tática tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos [...], mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’. Muitas práticas cotidianas [...] são do tipo tática. E, também, de modo mais geral, uma grande parte das maneiras de fazer vitórias do fraco sobre o mais forte [...]. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira. Petrópolis, Rio de Janeiro: VOZES, pp. 46-47, 1994.

Como destacado no primeiro capítulo, nosso mediador estabeleceu seu primeiro contato com o samba no seio familiar, passando a experimentar de forma mais presente o ritmo através das rodas de samba em Jaboatão, Recife, e nos ensaios das agremiações que aconteciam de forma aberta ao público. Nesses ambientes, Newton Elias¹⁵⁸ expressava seu amor ao samba e em contrapartida, encontrava sujeitos que compartilhavam do mesmo sentimento. Sejam nos pavilhões, pequenos espaços alugados ou na casa dos sambistas, esses encontros aconteciam e acabavam por ‘alimentar a fome’ dos amantes do estilo musical, possibilitando, inclusive, a criação de alianças entre eles.

Esses ambientes proporcionados pelos fazedores do samba além de ser um lugar aberto ao festejo, foi palco de muitos encontros das personalidades que formaram a rede de contatos do nosso mediador. Um desses momentos ocorreu em meados de 1950, em uma roda de samba produzida no Alto do Dendê (Jaboatão dos Guararapes - PE), no quintal de Gilberto Moraes, presidente e fundador da escola Amadores do Ritmo, conhecido por todos como Pretinho Moraes.

Figura 7 - Newton Elias e amigos em roda de samba promovida pela escola Amadores do Ritmo em 1952.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, 1952.

¹⁵⁸ Um fato interessante que observamos no processo de catalogação das fotografias em que o Newton Elias está em alguma festividade, é que sempre, o mesmo aparece com um copo na mão ou em outros momentos com um cigarro. Somando a análise das imagens com os relatos orais constatamos um detalhe que nos chamou a atenção. De acordo com as falas de parentes e amigos próximos, o Newton Elias não bebia, nem muito menos fumava. Então, porque na maioria das fotos de rodas de samba, bailes, entre outras festividade, nosso personagem aparece com os referidos itens em mãos? Bom, de acordo com os relatos orais, tais atitudes eram pensadas por ele como forma de socializar com as pessoas, processo que ganha respaldo quando pararmos para estudar a história do uso de drogas lícitas - como a bebida alcoólica e cigarros, que em meados do século XX foi amplamente encorajado através de campanhas publicitárias. Assim, quem fumava e bebia recebia um status perante determinado grupo social, que lhe assegurava uma inserção, bem como a criação de redes de contatos.

Um dos nomes que costumava frequentar as rodas de samba no Alto do Dendê era o jovem Geraldo Melo (ex-prefeito de Jaboatão). Na época, vivia o início de suas pretensões de inserção na política, conciliando com a boemia promovida pelas rodas de samba. O primeiro contato em meio a uma noite agitada, regada a bebidas e conversas foi o primeiro passo para uma relação que foi se fortalecendo ao longo dos anos. Em entrevista, seu herdeiro, o deputado Geraldo Melo Filho, relata as lembranças do pai e a sua relação com Newton Elias:

Então, sobre o Newton Elias, tenho algumas lembranças das histórias que papai contava e outras memórias minhas, porque ele foi meu professor. Da relação dele com papai, sei que a amizade entre os dois começou quando eram novos, em uma roda de samba famosa que acontecia lá em Jaboatão. Papai desde novo era apaixonado pelo ritmo e curtiu muito as rodas de samba de Jaboatão e Recife [...] Ele gostava tanto que quando foi eleito prefeito de Jaboatão em 1977 ajudou muito o Newton Elias nas empreitadas da Rebeldes do Samba e FESAPE.¹⁵⁹

Compreendemos que tal vínculo foi estabelecido de forma espontânea, diante dos relatos coletados. É evidente que o fato de ter um laço de amizade com o prefeito de Jaboatão dos Guararapes, que atuou durante dois mandatos (1977-1982/1989-1993), foi um divisor de águas, gerando possibilidades de conhecimento para o nosso sujeito, contatos com outros políticos e pessoas influentes da região que poderiam dar suporte às suas produções no âmbito cultural. A partir desse primeiro encontro surgiram outros nomes vinculados ao poder legislativo municipal, como: Fagundes de Menezes (vereador), Fagundes de Socorro (vereador) e Santana (vereador). Diante desse contexto, em 1992, surgiu a possibilidade de Newton Elias eleger-se enquanto vereador pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro - partido ao qual Geraldo Melo estava vinculado -, tal fato não chegou a concretizar-se por escolha do próprio Newton Elias.

Figura 8 - Newton Elias discursando em evento organizado pela Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes em 1984¹⁶⁰.

¹⁵⁹ FILHO, Geraldo Melo. **Entrevista VII** [set.2021] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 7 arquivo. mp3 (2h).

¹⁶⁰ Na imagem em destaque temos a figura de Newton Elias de posse do microfone enquanto protagonista do momento em questão. A imagem por si só, já diz muito, tendo em vista a situação de corpos não brancos na época. O convite para ser orador em eventos políticos era recorrente, e de acordo com os relatos orais havia uma preocupação do nosso mediador em aparecer da melhor forma nesses momentos, tal qual seu pai: camisa de botão, terno e gravata. O fato de dominar os “trejeitos sociais” da branquitude - através das indumentárias para se sentir inserido - já foi palco de nossas análises de imagem, na figura do Joaquim Elias e volta mais uma vez na figura do Newton Elias. Um fato interessante sobre tais momentos em que tinha a oportunidade de discursar em eventos políticos, era que Newton Elias aproveitava para fazer algumas cobranças aos políticos presentes. Em um caso relatado pelos familiares, o mesmo afirmou que o então prefeito Geraldo Melo, iria realizar uma doação de terrenos localizados no que hoje se conhece como Comunidade das Malvinas. Pressionado pela situação, o prefeito teve que confirmar o dito e depois do discurso lançado teve que realizar o repasse das terras para as pessoas da região. Atualmente o falecido prefeito de Jaboatão é conhecido como o político da região que “deu as terras das Malvinas



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, 1984.

Atuando enquanto minoria nos acordos com a classe de políticos da região de Jaboatão dos Guararapes, nosso mediador ganhava destaque por ser um homem negro que mantinha contatos com nomes importantes da política local. Entretanto, o racismo institucional impregnado na política brasileira, como versa o pesquisador Silvio Almeida¹⁶¹ se mostrava presente, seja pela falta de representatividade de outras pessoas negras ocupando o mesmo espaço ou pela deslegitimação de suas lutas pelo fato de ser um carnavalesco que lutava em prol das agremiações de samba - expressão cultural rechaçada por parte da elite intelectual pernambucana.

Nesse primeiro momento, em meio aos encontros e festividades do “povo de samba”, nosso mediador tem a possibilidade de estabelecer laços com os irmãos: Waldeck Melo e Walderson Melo, sambistas vinculados à agremiação de samba Estudantes de São José sediada no centro do Recife. Denominado enquanto “um encontro que deu samba”, o dia é rememorado pelo nosso sexto entrevistado, o aposentado radialista Walderson Melo, no auge dos seus 82 anos:

Costumo dizer que o samba nos uniu. Éramos todos da mesma faixa etária, jovens apaixonados pelo samba, não recorro ao certo o ano, mas acho que foi entre 1958 e 1959. Costumava frequentar desde muito novo as rodas de samba da Estudantes de São José com meu amado irmão Waldeck Melo - sambista da velha guarda que já se foi, como tantos do nosso tempo...(pausa) Wal que já fazia parte da estudantes, fez a ponte com o Newton Elias que começou a frequentar as rodas de samba da Estudantes e a partir desse primeiro contato, foi conhecendo outras agremiações do Recife. Pense num encontro que deu samba, viu!

de bom grado”, entretanto, ao revirmos os fatos históricos temos uma personalidade negra movimentando as estruturas sociais por meio de estratégias.

¹⁶¹ ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Op.cit., p. 40.

Desse encontro surgiram tantos projetos no meio do samba, que você nem imagina.¹⁶²

De acordo com a memória relatada, começamos a compreender mais do trajeto estratégico do nosso mediador em formação, que para além de suas primeiras filiações no âmbito político e cultural no entorno de sua região (Jaboatão dos Guararapes), caminha ao que podemos chamar de “segundo passo”, em direção às agremiações alocadas no grande Recife, buscando alargar suas possibilidades de lazer e ao mesmo tempo alargar seus contatos com produtores do samba fora do contexto Jaboatão.

Coincidência ou não, seu primeiro vínculo com escolas de samba na capital pernambucana, foi em uma das agremiações mais antigas da cidade: a Estudantes de São José. Segundo os relatos coletados pelo pesquisador Augusto Neves, a antiga escola foi fundada por um grupo de rapazes sem pretensão inicial de competir pelo título de campeã do Carnaval, em meados de 1949.¹⁶³ Vale pontuar que, o bairro do São José - endereço do pavilhão da citada escola, localizado no centro do Recife, entre os anos de 1955 a 1972, era conhecido pelo relevante número de grupos carnavalescos que possuía.¹⁶⁴

Através das pesquisas nos jornais, percebemos que os principais nomes que aparecem ligados a Estudantes do São José e responsáveis por todo processo de elaboração da escola, foram os irmãos Waldeck Melo e Walderson Melo. O último possui em seu histórico uma forte atuação no âmbito da comunicação. Tendo atuado enquanto radialista da rádio Continental, sendo um dos colaboradores do Newton Elias em seu projeto de divulgação dos fazeres das agremiações de samba em Pernambuco, chegando inclusive, a produzir com nosso mediador um programa na rádio citada, intitulado “sambas e pagodes”.

Então, o programa sambas e pagodes foi um projeto meu com parceria do meu irmão Waldeck e o Newton Elias. O propósito era criar um canal de divulgação das atividades promovidas pelas agremiações de samba em Pernambuco. Por ser um sambista que estava à frente dessas questões, o Newton participou de muitos programas, onde passava as informações de seus projetos atuais e conversávamos sobre propostas futuras para o campo do samba em Pernambuco, vez ou outra falávamos sobre as dificuldades que as agremiações passavam e confabulávamos sobre como poderíamos sanar esses problemas.¹⁶⁵

O contexto de disputas inerente à participação das agremiações carnavalescas foi um fato que ajudou a fortalecer a ideia e competição entre os grupos filiados à Federação Carnavalesca.

¹⁶² MELO, Walderson. **Entrevista VI** [set.2021] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 7 arquivo. mp3 (4h).

¹⁶³ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p.206

¹⁶⁴ Idem. p. 207.

¹⁶⁵ MELO, Walderson. **Entrevista VI** [set.2021] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 7 arquivo. mp3 (4h).

Com as escolas de samba não era diferente. Durante os anos de 1955-1972, havia uma disputa entre as campeãs do Grupo de Primeira Categoria: a Gigantes do Samba e a Estudantes de São José. Evidentemente, que outras de suas congêneres em alguns dos anos tentaram quebrar essa bipolaridade. Entre elas estavam: a Limonil, a Império do Asfalto, a Duvidosa do Samba, a Império do Samba e a Unidos de Massangana.¹⁶⁶

Seguidamente, ano após ano, as matérias de jornais do período festivo evidenciaram histórias interessantes no entorno desses conflitos. Perguntas como: quais as armas da Estudante de São José para conquistar o título? Quais novidades serão trazidas pela Gigante do Samba? Alguma outra agremiação de samba pode movimentar essa disputa? moviam, nesse período, os membros da imprensa que realizavam a cobertura jornalística do desfile das escolas de samba.

ESCOLAS FORAM DONAS DA NOITE

As escolas de samba foram praticamente as donas do desfile na segunda-feira de Carnaval, tendo como ponto de destaque a tradicional guerra entre a Estudantes de São José e a Gigantes do Samba. [...] O fato é que, da rivalidade entre as nossas duas maiores escolas de samba, tem surgido o aprimoramento de suas apresentações com vantagem para o sucesso do próprio carnaval pernambucano.¹⁶⁷

Assim, por meio dos seus desfiles as agremiações de samba estabeleciam uma competição em que rivalizavam, por meio de regras reafirmadas consensualmente ano após ano. Tal mecanismo ritualístico competitivo garantiu aos desfiles a sua vitalidade artística e social que se revela anualmente. Dentro desta perspectiva, a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro, sinalizou:

Com toda competição, o desfile revela com clareza a ambivalência intrínseca à reciprocidade social: relaciona-se é também confrontar-se. Por meio de uma sofisticada forma estética e ritual, o desfile das escolas de samba articula de modo próprio esse princípio social geral. A natureza festiva e agonística do confronto entre as escolas, realizado através da encenação dos enredos, define a natureza própria do desfile como ritual carnavalesco.¹⁶⁸

No meio desse processo de disputas entre as agremiações citadas, ressaltamos o terceiro vínculo do nosso mediador com outra escola da região metropolitana, justamente a que duelava com a Estudantes de São José: a Gigantes do Samba. O sambista, Severino Antônio Bezerra, conhecido pelos pares como “Seu Biu”, possibilitou a ponte entre Newton Elias e a referida

¹⁶⁶ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p.

¹⁶⁷ Escolas foram donas da noite. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro de 1966, p.03. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE)

¹⁶⁸ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008, p.31.

escola. Sobre esse primeiro contato, uma das filhas do Newton (Edjane Maria) que atuou como sua secretária por muitos anos versa:

Quando a Rebeldes saiu de Jaboatão, que começou a ir pro campeonato no Recife, campeonato de Pernambuco, a Rebeldes foi subindo, né? Era quarto grupo, aspirante, terceiro grupo, segundo grupo, primeiro grupo... Para chegar no primeiro grupo tinha que passar por tudo isso. Aí, foi quando ele começou a ter contato com seu Biu. Conheceu, né, um presidente de uma escola de samba do primeiro grupo. O movimento foi esse. Na verdade, me desculpe, foi antes...quando ele saiu da Federação Carnavalesca, que ele começou um movimento do lado de cá na FESAPE, e todo tempo Seu Bio estava com ele, dando suporte. Pronto, por isso que quando papai morreu, ele assumiu como presidente, porque não é vice que assume? Seu Biu foi outro sambista vice dele. E foi merecido, né. Ele endeusava Seu Bio, papai dizia que aprendeu a fazer carnaval com o melhor, colecionador de vitórias.¹⁶⁹

Através da análise da fala acima, conseguimos perceber mais uma das estratégias do Newton Elias: filiar-se com pessoas experientes no samba para além de aprender “como se fazia”, ter o status de estar ao lado desses sujeitos que regiam agremiações que movimentavam o território de disputas dos dias momescos, como foi o caso do Seu Biu. Manter diálogo com a Gigantes do Samba e seus representantes foi a forma que nosso mediador encontrou de se colocar mais ainda no circuito carnavalesco recifense, e ter sua imagem sublevada em conjunto com as vitórias e embates das escolas que mantinha relação.

Constatamos, a partir dos relatos orais, que o contato com Seu Biu e consequentemente com a Gigantes do Samba, abriu oportunidades de aproximação do nosso mediador com o Mestre Lavanca, outra personalidade do Carnaval do Recife - responsável por anos pela bateria da referida agremiação - . A respeito do encontro Edjane Maria comenta:

Pronto, papai conhecia o Mestre Lavanca dos tempos de juventude dele. Ele contava que desde novo o Lavanca se destacava na bateria dos ensaios e rodas de samba que ele participava. Tanto que passou tanto tempo com a Gigantes, né? A maior escola de samba daqui. Pelo que papai contava, essa amizade foi ficando mais forte quando eles se conheceram de novo por conta do Seu Biu, em um ensaio da Gigantes. Daí pra frente foi só sucesso - como ele dizia. [...] Papai costumava dizer que Seu Biu ensinou ele a ser um bom carnavalesco e o Lavanca um bom sambista.¹⁷⁰

Como destaca o antropólogo Hugo Menezes, o Grêmio Recreativo Cultural Gigantes do Samba ganha este nome em 1942. O jornalista e pesquisador José Teles encontra em suas pesquisas no acervo do *Jornal do Commercio*, registros da agremiação já em 1937, com o nome

¹⁶⁹ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

¹⁷⁰ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

de “Turma Quente”, no Alto do Céu, no bairro de Água Fria.¹⁷¹ Em 1938 o mesmo grupo sai às ruas com o nome “Garotos do Céu” e, só no Carnaval de 1942 é batizado com o nome atual e definitivo Gigantes do Samba¹⁷². A grandeza da citada escola estampava matérias dos jornais da época:

SAMBISTAS DESCERAM DO MORRO PARA SAUDAR VITÓRIA DE GIGANTES

Gigantes do Samba, arrebatou com muita categoria o título de Estudantes de São José, já bicampeão em 70. Do Alto Pascoal, em Água Fria, para os sambistas descenderam, ontem à tarde, tendo à frente o líder da agremiação e iniciador do samba em Pernambuco, o conhecido ‘Lavanca’, carregando uma euforia comum dos campeões. Muito dinheiro se gastou e a população concentrada na Dantas Barreto vibrou ao ver a novidade lançada pela Escola Gigantes do Samba que, desenvolvendo um batuque ao ritmo de Portela do Rio de Janeiro, apresentou, ainda uma ala de ripinicaadores compostas de 19 figuras encarregada de fazer a segunda marcação. [...] A bateria da Gigante do Samba com 135 instrumentos ritmava o samba real, dos morros cariocas, embora a Estudante de São José conserve o seu batuque original ao modo pernambucano com 125 figuras.¹⁷³

GIGANTES RECEBEU

A Diretoria da Escola Gigantes do Samba, substituiu, quinta-feira última, o seu ensaio semanal por uma recepção oferecida a autoridades, próceres carnavalescos, jornalistas e admiradores. Esta - segundo frisaram alguns oradores - foi a primeira promoção social da agremiação e que reuniu gente de alto gabarito. A coisa está clareando para os lados de Gigantes, como diria o famoso Jamelão, pois a moçada do Morro está compreendendo que os tempos estão mudando.¹⁷⁴

Por meio da junção de leituras no entorno da temática somados aos periódicos selecionados, conseguimos compreender a dimensão que as agremiações de samba estavam tomando por meio da trajetória da Gigantes do Samba, reconhecida como a maior colecionadora de vitórias. De posse de tais aspectos, reafirmamos a estratégia de Newton Elias de criar boas relações no meio do samba, tanto como forma de fortalecer o seu nome, bem como, produzir e aprender em comunidade. Nesse momento, a Gigantes do Samba e seus líderes faziam parte de suas redes de contatos.

¹⁷¹ TELES, José. **O frevo rumo a modernidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008, p. 40-41.

¹⁷² NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo**: as escolas de samba no Carnaval do Recife. Op.cit., p. 70.

¹⁷³ Sambistas descenderam do morro para saudar vitória de Gigantes. *Diário da Noite*, 24 de fevereiro de 1971, p. 01, II Caderno. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE).

¹⁷⁴ Gigantes do Samba recebeu. *Diário da Noite*, 12 de fevereiro de 1966, p. 04. (Arquivo Público Jordão Emerenciano).

Dito isto, afirmamos que esses foram alguns indícios dos mecanismos que possibilitaram aos sambistas da Gigantes do Samba resistirem àquele cenário de condenação imposto por uma parcela dos intelectuais. Esses homens e essas mulheres ‘do samba’ agiam para modificarem a situação de excluídos da folia que lhes era apresentada. Mesmo em meio à condenação, as escolas de samba durante os anos de 1970 tornaram-se as grandes atrações do Carnaval da capital pernambucana.

Percorrendo o nosso traçar narrativo, chegamos ao último nome selecionado que compõem a rede de contatos de Newton Elias. O carnavalesco Paulo Roberto Cabral do Rêgo, morador da rua Imperial no bairro de São José (Recife), desde a sua tenra infância viveu os dias festivos de maneira intensa, chegando a se filiar a Estudantes de São José de forma quase que intuitiva aos 14 anos, no ano de 1966. Dentre os já citados sambistas, destacamos que Paulo Cabral junto a Walderson Melo são os únicos nomes de amigos contemporâneos do nosso mediador que estão vivos. Fator que fazemos questão de destacar, visando pontuar as dificuldades para a colher dos relatos de memória de sambistas pernambucanos da “velha guarda”.

Filiado desde muito novo a Estudantes de São José galgou um extenso caminho no meio das agremiações carnavalescas, atuando como: presidente da Estudantes de São José, Deixa Falar, vice-presidente/carnavalesco da Unidos de São Carlos, Diretor da Turma do Saberé, Boneco Nelsão, Carnavalesco do Bloco Flor da Lira de Afogados e presidente/fundador/carnavalesco do Bloco Valores do Passado - Edgar Moraes.

Em meio ao seu trajeto no mundo do Carnaval, obtivemos algumas informações referente ao processo de encontro entre as personalidades, que é destrinchado da seguinte maneira por nosso entrevistado:

Minha primeira lembrança de contato com o Newton Elias foi quando eu comecei a atuar na linha de frente da diretoria do Estudantes de São José. Fui convidado para ser vice-presidente dele por ele mesmo. Não lembro muito bem a data, mas deve ter sido no começo dos anos 90 - 91 ou 93. Já conhecia ele desde os tempos das rodas de samba da Estudantes, mas naquela época não tinha tanta aproximação. Depois que passei três anos como vice dele, passei a conhecer ele melhor e admirar a paixão que ele tinha pelo samba. Digo sem medo: que nunca vi aqui na região um sambista tão apaixonado pelo samba. Foi um guerreiro do samba em Pernambuco.¹⁷⁵

Dialogando com a fala acima, percebemos que boa parte dos contatos de Newton Elias, estavam vinculados de alguma maneira a agremiação de samba Estudantes de São José.

¹⁷⁵ RÊGO, Paulo Roberto Cabral do. **Entrevista V** [jul.2021] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 5 arquivo. mp3 (2h).

Acreditamos que por ser a primeira escola que nosso mediador teve contato - na região do Recife, acabou por ser o lugar onde estruturou diversos laços importantes. Além disso, conseguimos captar, analisando a fala em conjunto com outros relatos de memória da família, uma preocupação do nosso mediador em selecionar os nomes de presidentes de agremiações que já tinham reconhecimento dos pares e experiência para atuar como seu braço direito, no cargo de vice-presidente; fato que se confirma com a convocação do Paulo Cabral para atuar como seu vice em meados dos anos 90.

O percurso de amizade entre os sambistas foi ganhando dimensões mais estreitas, chegando a estabelecerem projetos juntos no entorno do Carnaval no Recife. Segundo os relatos de memória, por ter um conhecimento profundo dos trâmites burocráticos dos órgãos responsáveis pelo Carnaval do Recife - devido a sua experiência como tesoureiro da FCP-, Newton Elias em muito contribui para o desenvolvimento de alguns blocos da região que passaram a se tornar agremiações de samba. Fator apontado pelos pesquisadores do tema como recorrente entre os anos 60 e 80. Um desses casos aconteceu com o bloco carnavalesco Deixa Falar, presidido por Paulo Cabral:

Eu coordenava um bloco de rua, bem conhecido, de nome Deixa Falar. Mesmo sendo um bloco que recebia a subvenção da prefeitura, não conseguíamos o suficiente para levar a diante. Foi nesse momento que tive uma conversa franca com o Newton Elias, e ele me indicou transformar o bloco em agremiação de samba, para impulsionar ainda mais o bloco que já era conhecido e aumentar o valor da subversão. [...] Organizamos juntos algumas edições do Festival do Samba, entre outros projetos nesse meio. Quando não tinha dinheiro da prefeitura o Newton sempre arrumava um jeito, corria atrás de patrocínio. Era tempo bom viu! Saudade desse tempo!¹⁷⁶

Por ter galgado o seu espaço, o tempo foi fazendo com que o nosso mediador se tornasse referência quando o assunto era escolas de samba, tendo muitos sambistas, como Paulo Cabral, recorrido aos conhecimentos do Newton Elias.

Algo interessante observado durante o processo de entrevistas com os sambistas da velha guarda (brancos) foi o apontamento contínuo para o racismo enfrentado por Newton Elias ao longo de sua atuação enquanto representante das escolas de samba. Narrativa essa que não surge com facilidade nos diálogos com os familiares, que em sua maioria desviam do assunto pontuando a grandeza e os feitos do Newton Elias para o fortalecimento do samba em Pernambuco. Nesse caso, conseguimos identificar que tal “apagamento” de momentos

¹⁷⁶ RÊGO, Paulo Roberto Cabral do. **Entrevista V** [jul.2021] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 5 arquivo. mp3 (2h).

traumáticos acometidos pelo racismo por pessoas não brancas se apresenta como um mecanismo de defesa, como aponta a psicóloga e pesquisadora Grada Kilomba.¹⁷⁷

Quanto mais o tempo passava, mais redes de apoio iam surgindo, nesse caso, temos os exemplos de parcerias firmadas, como a indústria de cachaça erguida pela família Cândido Carneiro, de Vitória de Santo Antão. De acordo com os relatos orais de Edjane Silva o próprio Newton Elias desde os tempos de presidente da Rebeldes do Samba buscava estabelecer contatos com as empresas para apresentar seus eventos com o intuito de conseguir parcerias, a Pitú foi uma das primeiras:

Esse patrocínio com a Pitú mesmo era desde a época que ele fazia as confraternizações na Rebeldes. Tinha também alguns encontros das escolas de samba de Jaboatão, que papai fazia no cinema Samuel Campelo, tudo isso no tempo que ele tava como presidente da Rebeldes. [...] A Pitú sempre aparecia na lista de patrocinadores do Carnaval de Recife e por ter contato com o pessoal da cultura e da organização da festa em Recife papai conseguiu contato também com o Alexandre, o moço que negociava essa parte das parcerias da Pitú. Ele foi atrás na cara dura mesmo como falamos, né? Papai dizia que a família Pitú era apaixonada pelo samba, aí deu certinho! Depois da primeira parceria não parou mais. Nessa jogada ele conseguia bebidas, camisas, isso tudo nos tempos antes da FESAPE, e a Pitú ganhava mais destaque junto com as escolas de samba que na época estavam no auge da fama.¹⁷⁸

Anteriormente ao seu mandato enquanto presidente da FESAPE, nosso mediador estabeleceu contatos com os comerciantes de Jaboatão dos Guararapes. De acordo com os relatos orais, era de costume do mesmo, passar pelo comércio do centro para conversar com os donos das empresas levando suas propostas na tentativa de estabelecer novas parcerias. Nesse momento surgiram contratos com a Credimóveis Novolar, Som Brasil, Livraria do Mec, entre outras instituições que aparecem nos documentos como patrocinadores das produções do Newton Elias.

Outro fato interessante nesse percurso de construção de apoiadores, foi a conquista do apoio da Secretária de Educação, Turismo, Cultura e Esportes de Jaboatão (sob a coordenação de Geraldo Melo/Geraldo Melo Filho), caminho possível graças ao contato desde a juventude com o prefeito Geraldo Melo. A secretária em questão tanto auxiliava nas produções do Grêmio Recreativo Rebeldes do Samba, quanto no suporte às produções da FESAPE - com a disponibilização de cadeiras, arquibancadas e ônibus para a locomoção da equipe.

¹⁷⁷ KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Op.cit., p.

¹⁷⁸ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

Figura 9 - Cartaz sorteio e divulgação de evento promovido pela Rebeldes do Samba em 1991¹⁷⁹.



Fonte: Acervo Pessoal da Família.

Após erguer seu império por meio de um esforço coletivo, somados às redes de sociabilidade já citadas, o leitor pode deduzir que nosso personagem - após ter seu nome consolidado no universo do samba tanto em Jaboatão quanto no Recife e uma firmeza em suas áreas de atuação profissional - foi recebido de braços abertos por todos a sua volta, em todos os ambientes. Entretanto, a história do negro no Brasil nos direciona para outros lugares, lugar onde os processos do racismo ganha força, deixando marcas no corpo e na alma de quem carrega na pele as delícias e os sabores de ser quem é.

Os entraves do racismo estrutural lançam seus raios ao longo da construção desses fios de sociabilidade e fazemos questão de destacá-los mais uma vez, como forma de apresentar ao leitor, que por mais que o Newton Elias tenha chegado a conquistar sua “liberdade”, por meio da independência financeira ou até mesmo pelo reconhecimento do seu trabalho, corpos como o dele, constantemente são colocados no lugar de inferioridade e subserviência. Na trajetória do nosso mediador, diversas situações de racismo transpassaram seu corpo, como já citado ao

¹⁷⁹ Destacamos que ao analisarmos os cartazes e banners de eventos, conseguimos encontrar os nomes de sujeitos que marcaram presença na rede de sociabilidade do Newton Elias. Um detalhe importante coletado através das entrevistas, é que todo designer dos cartazes de divulgação dos eventos era pensado e desenhado por Newton Elias. A paixão pelo desenho foi passado pelo seu Joaquim Elias, que vivia desenhando e observando algumas plantas de casas, devido ao seu trabalho no meio da construção civil.

longo da construção do presente tópico. Uma delas se passou no antigo Restaurante Leite¹⁸⁰, alocado na Rua da Concórdia, e foi relatada por um de seus filhos, o Reginilson Elias de Santana:

[...] a situação que eu sei foi que ele foi com minha mãe pra um restaurante antigo, ali na rua da Concórdia, lugar chique, sabe. Coisa de granfino. Restaurante Leite, o nome. Pelo que lembro, era pra comemorar o aniversário de 10 anos da união dos dois. Enfim, sei que ele tava com mamãe - ela branca, “dos cabelo bom”, aí quando chegou na porta ele foi barrado. Não deixaram entrar não, porque ele era negro. E ele tava com dinheiro, que na época ele tava com a firma de construção, já era contador e já era professor¹⁸¹ [...]

Como destacamos desde a concepção deste trabalho, o fator racial é utilizado como linha de costura, que permeia a narrativa do nosso sujeito de pesquisa. O racismo recorrente na vida do Newton sambista, manifesta-se também em sua atuação enquanto mediador - como visualizamos no presente capítulo, e continuará marcando presença em suas atuações como produtor cultural. O fato é que, diferente das redes de sociabilidades de intelectuais ou mediadores culturais brancos, a rede de apoio composta por nosso personagem de nada serviu quando questões raciais “nublaram” seu dia.

O episódio em questão, configura-se como: racismo estrutural. Como versa o pesquisador Silvio Almeida¹⁸², a concepção estrutural de racismo está intrinsecamente ligada ao racismo institucional que determina suas regras a partir de uma ordem social estabelecida. Isso significa que o racismo é uma decorrência da estrutura da sociedade que normaliza e concebe como verdades padrões e regras baseadas em princípios discriminatórios de raça. Almeida enfatiza que o racismo é parte de um processo social, histórico e político que elabora mecanismos para que pessoas ou grupos sejam discriminados de maneira sistemática.

No final das contas, o racismo estrutural fez passagem, mas não foi o personagem principal dessa história. Nosso sujeito de pesquisa, que tinha o dom de se refazer, continuou produzindo no entorno da cultura, sobretudo, atuando enquanto representante legal das agremiações de samba frente ao poder público, fato que se materializou em suas atuações por meio da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

¹⁸⁰ Fundado em 1882 pelo imigrante português Armando Manoel Leite de França, ainda no Brasil Império, o Restaurante Leite, é identificado como o mais antigo estabelecimento do seu tipo no país, tendo prataria, louças e cristais importados da Europa. Com o passar do tempo, conquistou ainda no século XIX a alta sociedade pernambucana — leia-se os senhores de engenho, intelectuais e políticos. Personalidades como: Jean Paul Satre, Simone de Beauvoir, Orson Welles, Jucelino Kubitschek e Jânio Quadros marcaram presença no restaurante em questão.

¹⁸¹ SANTANA, Reginilson Elias de. **Entrevista I** [jul.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 1 arquivo. mp3 (2h).

¹⁸² ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Janaína, 2021, p. 34.

3.2 Entre sambista e o poder público

Por meio de sua primeira linhagem de redes de sociabilidade, nosso mediador foi construindo outros contatos que contribuíram de certo modo para seu fortalecimento no Carnaval de Jaboatão e do Recife. Para além de sua atuação no universo do samba de forma prática - por meio das rodas, ensaios e desfiles, descobrimos por meio das fontes orais sua atuação no setor financeiro em uma instituição responsável por grande parte da organização dos dias momescos: a Federação Carnavalesca de Pernambuco - FECAPE.

Pelas lentes historiográficas do historiador Francisco Mateus Carvalho Vidal observamos que a instituição em questão foi criada em janeiro de 1935¹⁸³ com a pretensão de manter a “originalidade” do folguedo carnavalesco pernambucano, ao passo que divulgaria a festa como “atrativo turístico”¹⁸⁴. A pesquisadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo ressalta uma análise que justifica a criação da entidade em questão. Segundo Araújo, decorria menos de um desejo de conservar e manter o Carnaval, mas uma oportunidade de fazê-lo um instrumento das grandes empresas, a fim de criar vínculo com as camadas populares, e , assim, poder restabelecer prestígios e aumentar sua lucratividade.¹⁸⁵

¹⁸³ A primeira formação da diretoria da FECAPE foi constituída pelos seguintes nomes:

Presidente: Dr. J. P. Fish - O Sr. J. P. Fish era gerente da Pernambuco Tramways, sendo cidadão americano, mas erradicado em Pernambuco. Sua eleição é justificada no Anuário da Federação Carnavalesca em razão do seu amor pelas “coisas da terra”. **1º vice-presidente:** Dr. Arlindo Luz - engenheiro da Great Western; era reconhecido no Estado pela sua ampla visão administrativa. **2º vice-presidente:** Dr. Pedro Allain Teixeira - integrante da Caixa Econômica do Estado e ex-deputado estadual. **1º secretário:** Dr. Mário Mello - jornalista e colunista do Jornal Pequeno. **2º secretário:** Dr. Samuel Campelo - bacharel em Direito e sócio do Instituto Arqueológico; foi um importante membro do teatro pernambucano. **1º tesoureiro:** Dr. J. Pinheiro - era engenheiro da Pernambuco Tramways, encarregada da prestação dos serviços de geração e distribuição de energia em Pernambuco desde 1914. **2º tesoureiro:** Dr. Renato Silveira - político renomado no Estado, atuando como diretor-gerente do Banco de Crédito Real de Pernambuco. VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A fresta do Estado e o brinquedo para os populares:** história da federação carnavalesca. (1935-1949). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

¹⁸⁴ VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A fresta do Estado e o brinquedo para os populares:** história da federação carnavalesca. (1935-1949). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010, p.42

¹⁸⁵ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. DIP DOPS no frevo. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco: 1930-1945. In GUILLEN, Isabel Cristina Martins (org). **Tradições e Traduções:** a cultura imaterial em Pernambuco. Recife: Editora UFPE, 2008.

Segundo o relato oral de “Tia Dinha”- filha e secretária de Newton Elias -, a oportunidade de atuar como tesoureiro da FECAPE se deu da seguinte forma:

Quando ele descobriu essa Federação, foi no mesmo tempo que ele queria botar a Rebeldes para se apresentar no Recife, né? Aí se filiou à Federação, porque na época todo mundo se filiava a ela..Não lembro muito o ano, mas acredito que foi durante os anos 70 que o pessoal da federação estava precisando de um tesoureiro. Como ele era contador de formação e já tinha feito amizade com o povo da federação, ele acabou assumindo o cargo.¹⁸⁶

Dialogando com a historiografia do tema para entendermos mais sobre o contexto citado, observamos que os populares começaram a ter a Federação Carnavalesca de Pernambuco como uma das referências da organização do tríduo momesco. Comissões de rua, grupos dos bairros, foliões, deixaram de realizar a festa de forma independente para solicitar sua parceria, mediante a passagem dos préstitos carnavalescos nos seus logradouros. Assim, os desfiles do Carnaval oficial pelas ruas deixaram de ser indícios de brincadeiras, e passaram a configurar-se como elementos distintivos. Nessa linha de pensamento, nosso mediador ao vislumbrar os benefícios de vinculação da Rebeldes do Samba à entidade em questão, acabou por fazê-lo e por meio da rede de sociabilidade forjada anteriormente e no momento em questão, obteve a oportunidade de oferecer seus serviços na tesouraria da citada entidade.

Destacamos mais uma vez que por trás do ato de criação da instituição estava uma elite que tinha muito bem delimitado seus interesses. Fica evidente, pelos caminhos dialógicos que criamos até aqui, com respaldo nos relatos históricos, que as escolas de samba não faziam parte desse jogo, tendo em vista que intelectuais como Mário Melo - 1º secretário da primeira gestão - não concordava com a inserção das agremiações de samba no Carnaval pernambucano. Sendo um espaço pensado para legitimar as produções tidas como “da terra” no âmbito turístico.

Entretanto, como destaca a antropóloga Katarina Real, as escolas não paravam de crescer, mantendo-se sempre em diálogo com os integrantes da Federação Carnavalesca Pernambucana representada por alguns de seus fundadores:

Com dons proféticos, Mário Melo previu que, para preservar o frevo e os clubes tradicionais da força desta “intrusa, vigorosa, dinâmica e de irresistível simpatia”, o Recife teria que tomar providências urgentes. Daí a origem da “legislação carnavalesca” de 1956, que estipulou que todo total da verba destinada aos clubes carnavalescos (verba antigamente da própria Federação Carnavalesca, mais tarde, porém, da Prefeitura Municipal do Recife), somente 5% podiam ser divididos entre todas as escolas de samba, O significado desse artigo de lei era

¹⁸⁶ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

aparentemente: aumentando o número de escolas de samba, mais diminuta seria a ajuda oficial dada para cada uma.¹⁸⁷

Nesse caminhar histórico, o que mais nos chama a atenção, é que, mesmo sabendo que boa parte dos integrantes da “velha guarda” da FECAPE dificultavam a presença das agremiações de samba no Recife, nosso mediador, bem como outros sambistas - principalmente os diretores de agremiações de samba fora do território recifense, enxergavam na entidade uma oportunidade única de sublevar a produção de sua agremiação na capital pernambucana, (onde as agremiações de primeira categoria desfilavam), e a pergunta que nos atravessa é: porquê ?

Antes que qualquer coisa, é indispensável encarmos os debates no entorno da festa, e notar a existência de uma armadilha retórica que reduz os intelectuais a tradicionalistas e conservadores e os sambistas como o oposto, ou seja, rebeldes e subversivos. Quando analisamos os periódicos podemos constatar justamente o contrário: um diálogo dos sambistas em tom diplomático com seus “rivais”, bem como adesão dos intelectuais as agremiações de samba em certos momentos. Portanto, é importante destacar que o Newton em conjunto com os demais sambistas, assim como os intelectuais estão mais atuando como agenciadores no campo de disputas simbólica em torno do universo tradicional da festa, do que necessariamente na defesa de uma trincheira anti tradicional.

Pensando de forma instintiva, Newton Elias poderia muito bem se opor de forma rebelde ao poder dos integrantes da Federação Carnavalesca de Pernambuco, mas neste momento, fez justamente o contrário: estabeleceu laços a ponto de atuar no corpo de gestão da instituição, e não bastando o ato de filiação, o mesmo passa a investigar como os primeiros fundadores montaram seu regimento interno. Tal tática é destacada por ‘Tia Dinha’ em entrevista:

[...] Vasculhando os documentos burocráticos da Federação que ele achou o documento da entidade, o regimento né, de como foi pensada e montada... Ele viu que tinha um estatuto, pegou aquele modelo, começou a identificar e pesquisar as leis que fortaleciam o estatuto da Federação e pensou que com aquela base poderia colocar em prática um projeto que já vinha sendo pensado por ele e uma rede de sambistas: que era o sonho de transformar a antiga UNESP em federação também.¹⁸⁸

Amarrando o dito com a fala acima, destacamos a importância de tencionarmos a estruturação argumentativa que coloca os sambistas no lugar de não conservadores e

¹⁸⁷ REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Op.cit., p. 116.

¹⁸⁸ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

tradicionalista, pois em diversos momentos esses vão estar buscando validação de órgãos que comandavam o Carnaval no Recife, como a FECAPE.

Um dado importante a ser lembrado - se voltarmos cronologicamente - é que em meados de 1947, no Recife, ocorreu a greve das agremiações carnavalescas. Os sambistas souberam tirar proveito daquela situação e procuraram colocar sua prática em evidência. Em meio aquelas lutas do acaso, as escolas de samba começaram a ganhar visibilidade na cidade. Dessa forma, já no ano seguinte, foi criada, por iniciativa do jornalista Jamesson Araújo, a União das Escolas de Samba de Pernambuco - UESP. Este acontecimento pode ser interpretado como o movimento dos sambistas para defender, num cenário intelectual de crítica, a sua prática, música e história, além de estabelecer uma entidade que pudesse representá-los perante o poder público, realizando os diálogos e acordos.

A entidade citada foi criada em 1948 e só foi oficialmente registrada - de acordo com uma publicação dos sambistas, disponível na sede da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco - FESAPE, em 28 de fevereiro de 1954 sendo sua sigla modificada para UNESPE.

A união das Escolas de Samba de Pernambuco foi fundada em 28 de fevereiro de 1954, onde foi criado um estatuto pelos sambistas Manoel José da Silva, Hermegildo Batista da Silva e Antônio Batista da Silva (todos já falecidos). Seu primeiro presidente foi o Sr. Danilo Vieira da Silva. Mesmo organizada, a UNESPE não conseguiu apoio político para o seu crescimento, pois, naquela época, havia um grande preconceito em relação aos sambistas. A maioria da imprensa condenava o samba com unhas e dentes, preferindo sempre divulgar o ritmo da terra - O Frevo. O samba era considerado um intruso no Carnaval de Pernambuco.¹⁸⁹

Em 1954, a União das Escolas de Samba de Pernambuco havia ganhado personalidade jurídica, e no ano de 1955 - data da promulgação da Lei Municipal que oficializou o Carnaval do Recife - ela apareceu como uma das instituições organizadoras do festejo momesco. O fato da entidade figurar a Lei que oficializou os dias de Momo na capital pernambucana, como citado no capítulo um deste trabalho, causou estranheza em muitos intelectuais recifenses. A Lei Nº 3.346 de 07 de junho de 1955, mencionava o seguinte:

A Prefeitura Municipal do Recife, por intermédio do Departamento de Documentação e Cultura, organizará, patrocinará e promoverá os festejos carnavalescos do Município, a partir do ano de 1956, dentro dos moldes folclóricos, preservando sobretudo: os clubes de frevos; os maracatus, em sua forma primitiva e os clubes de caboclinhos. Deverá também o Departamento de Documentação e Cultura da Municipalidade, ajudar técnica e financeiramente, todos os blocos, troças, escolas de samba, e demais organizações carnavalescas que contribuirão para a animação e grandeza do Carnaval do Recife. [...]

¹⁸⁹ Jubileu de Ouro 1954-2004. Publicação da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco - FESAPE.

A Federação Carnavalesca Pernambucana, a Associação dos Cronistas Carnavalescos do Recife, a União das Escolas de Samba de Pernambuco e outras organizações carnavalescas porventura existentes, serão consideradas como entidades auxiliares do Departamento de Documentação e Cultura na Organização do Carnaval do Município do Recife.¹⁹⁰

Assim, caso a Lei Nº 3.346 não fosse modificada logo no ano posterior a sua homologação, em 1956, por determinação do Prefeito Pelópidas Silveira, os sujeitos que representavam a União das Escolas de Samba de Pernambuco estariam organizando o carnaval da cidade, defendendo os interesses dos sambistas, lutando pela legitimidade da sua prática. Eles enfrentariam, assim, em “igualdade” seus “opponentes”, representados em sua maioria pelos membros da Federação Carnavalesca de Pernambuco.

Os objetivos em torno do Carnaval do Recife eram diferentes para estes dois grupos, representados pela Federação Carnavalesca de Pernambuco (FECAPE) e União das Escolas de Samba de Pernambuco (UNESPE). A imprensa veiculava matérias que procuravam construir uma imagem dos festejos momescos da cidade atrelada aos ideais da FECAPE, onde uns foliões se reconheciam, enquanto outros não. Assim, deu-se continuidade a um campo de luta e disputas em torno dos alegres dias de Momo. Dialogando com Michel Foucault, notamos que as forças que operavam naquele momento apontavam para:

Um combate “pela verdade” ou, ao menos, “em torno da verdade” - entendendo-se, mais uma vez, por verdade não “o conjunto das coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar”, mas o “conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui aos verdadeiros efeitos específicos de poder”; entendendo-se também que não se trata de um combate “em favor” da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha.¹⁹¹

De acordo com a análise dos periódicos observamos que, por mais que fosse seu intuito, a UNESPE não tinha forças e estrutura suficiente para cumprir suas diretrizes. Com o passar dos anos, desde sua fundação, os sambistas que representavam a entidade foram abrindo mão dos cargos - tendo em vista que não eram remunerados - deixando em aberto as ‘cadeiras de representantes’

A instabilidade da UNESPE em meados dos anos 70, fica evidente quando paramos para observar os diretores que assumiram o cargo a partir de então, onde muitos dos quais eram:

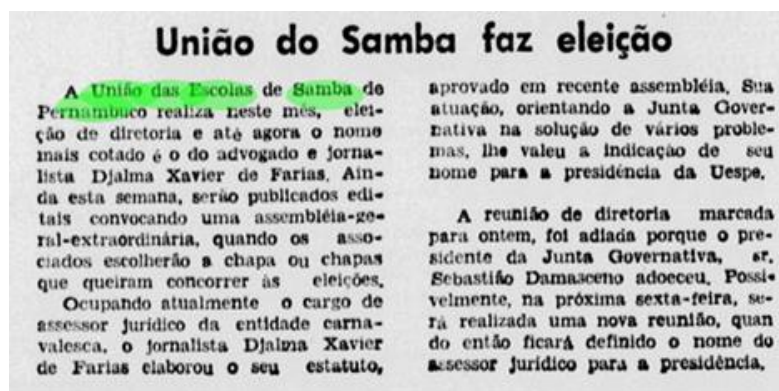
¹⁹⁰ Leis e Decretos- Leis da capital pernambucana (1955-1972) disponíveis na Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, 3º andar do edifício sede, localizado no bairro do Recife.

¹⁹¹ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 13.

advogados, vereadores, jornalistas, que tinham experiência com o Carnaval, mas na maioria das vezes, poucos trabalhos ligados ao samba. Dito isto, havia o seguinte questionamento: como “produtores de carnaval” com pouca experiência com as agremiações de samba poderiam ter bagagem para estar à frente de uma entidade cuja função era justamente representar as escolas de samba?

Para que se tenha uma ideia mais ampla, a situação era tão movediça que as diretorias - instituídas por indicação - duravam de um a dois anos, ou seja, em um curto espaço de tempo a diretoria mudava fechando as possibilidades de cumprimento das pautas, bem como uma constância das mesmas. Logo abaixo temos três recortes de matérias do Diário de Pernambuco que tratam de algumas eleições da UNESPE em pouco espaço de tempo:

Figura 10 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 11 de janeiro de 1974¹⁹².

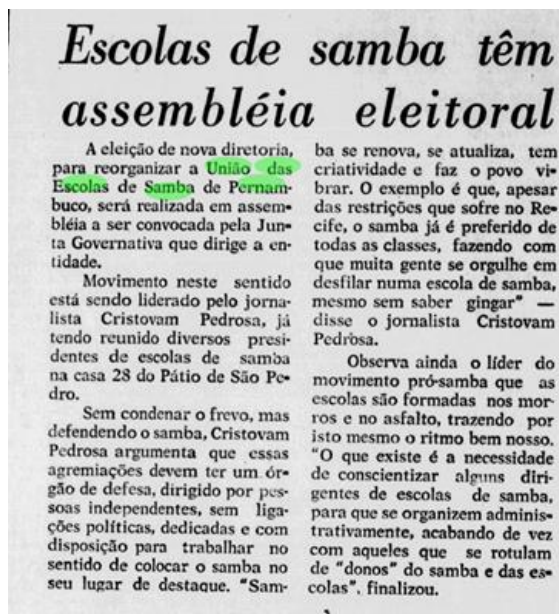


Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 11 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, segunda-feira, 22 de março de 1976¹⁹³.

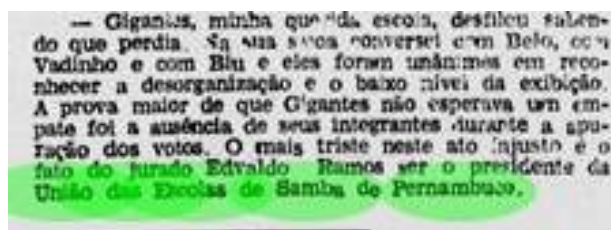
¹⁹² Primeiro Caderno. **União do samba faz eleição.** Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 11 de janeiro de 1974. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

¹⁹³ Primeiro Caderno. **Escolas de samba têm assembleia eleitoral.** Diário de Pernambuco. Recife, segunda-feira, 22 de março de 1976. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 12 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 10 de fevereiro de 1978¹⁹⁴.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Constantes mudanças na diretoria geraram margem para uma divisão referente ao apoio ou não da nova entidade (UNESPE) como órgão de representação dos sambistas, surgindo, em meados dos anos 70 a possibilidade de criação de uma segunda instituição denominada: União das Escolas de Samba do Recife - UNESR:

ESCOLAS DE SAMBA VÃO CRIAR UNIÃO

A criação da União das Escolas de Samba do Recife, antes mesmo do carnaval, foi a principal decisão dos dirigentes das escolas de samba Estudantes de São José, Limonil, Massangana e 4 de Outubro, reunidos, ontem, na sede do Atlético. A medida foi tomada como represália ao descaso com que a Federação Carnavalesca vem tratando as escolas de samba. Dependendo apenas do apoio de duas entidades, Gigantes do Samba e Império do Asfalto, as escolas do Recife devolverão as quotas que receberam e não desfilarão nas ruas centrais da cidade, fazendo uma apresentação somente nas ruas do bairro de São José, centralizada no Pátio do Terço. Segunda-feira será realizada nova reunião, quando será tomada a decisão final, embora seja

¹⁹⁴ **Empate considerado injusto.** Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 10 de fevereiro de 1978. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

pensamento de todas as escolas de samba não prestigiar as programações oficiais preferindo realizar um carnaval à parte.¹⁹⁵

Ao longo de suas trajetórias os sambistas lutavam por espaços e disputavam poder numa sociedade que se apresentava de forma hostil. Tal fato acaba por criar nos imaginários uma ideia de homogeneidade no ciclo dos fazedores do samba em Pernambuco. No entanto, não se deve procurar nos sambistas um grupo homogêneo, pois haviam as diferenças internas. O próprio incidente da tentativa de criação da União das Escolas de Samba do Recife pode ser compreendido como um exemplo dessas questões. Segundo a matéria publicada no Diário de Pernambuco, a maioria das agremiações do samba que desfilariam naquele ano de 1968 desejava a instituição do órgão. Entretanto, os sambistas da Gigantes do Samba, por exemplo, não concordavam. Tal fato reforça as diferenças de posicionamento frente à participação da prática do samba no Carnaval da cidade.

Dialogando com as fontes orais e documentais, identificamos que nosso mediador fazia parte do grupo de sambistas que concordavam com a atuação da UNESPE, mas acreditava que a entidade deveria ganhar um caráter de federação, para que de certo modo, pudesse se igualar de forma efetiva a FECAPE. Portanto, a ideia do Newton Elias era justamente trazer os ‘ares da institucionalização’ por meio das leis municipais para erguer um órgão com um regimento robusto capaz de apresentar-se à sociedade civil em ‘tom de igualdade’ com as demais existentes.

Um dado interessante a ser destacado é que segundo o caderno de reuniões da UNESPE, Newton Elias assumiu o cargo de presidente da entidade - de forma informal, sem instituição de editais, criação de chapas e solenidades, processos que só passam a existir em seu mandato como presidente - no ano de 1984, momento no qual, começamos a perceber as mudanças promovidas pelo mesmo a entidade mediante suas pautas prioritárias:

Ata nº1

Aos vinte e cinco dias do mês de março de 1984, reuniram-se em reunião ordinária, conforme edital de convocação de nº1/84, a Diretoria Executiva da UNESP, às 10 horas e 30 minutos em 2º convocação, pois a primeira não houve por falta de coro, na Rua da Concórdia, 200, 2º andar, sala 203, escritório do presidente executivo, para tratar dos seguintes assuntos: balancete do carnaval; avaliação do critério de julgamento e suas modificações, se necessário; I Confraternização do Samba [...]¹⁹⁶

¹⁹⁵ Escolas de samba vão criar União. Diário de Pernambuco, 24 de janeiro de 1968, capa. (Arquivo Público Jordão Emerenciano - APEJE).

¹⁹⁶ Ata de reunião da União das Escolas de Samba de Pernambuco. Nº1. 25 de março de 1984. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Buscando nas fontes jornalísticas dados de suas primeiras atuações enquanto presidente informal da UNESPE, encontramos algumas matérias de 1984 onde nosso mediador reivindica ao poder público - por meio dos jornais - melhorias para as agremiações de samba em nome, da então, União das Escolas de Samba de Pernambuco:

Figura 13 - Recorte de Jornal não identificado¹⁹⁷.

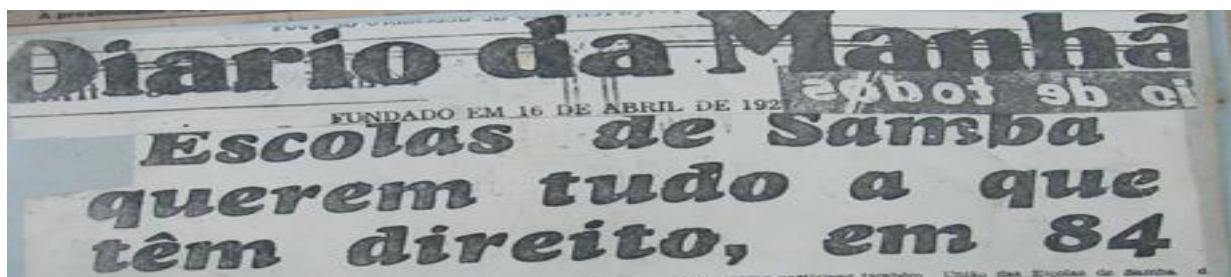


Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Observamos que uma das primeiras reivindicações feitas pelo nosso mediador foi o estabelecimento de uma sede para a UNESPE - que por falta de organização, estrutura e empenho, das gestões instáveis anteriores não tinha um lugar fixo, passando a funcionar no escritório de contabilidade do Newton Elias - visando legitimar o espaço da entidade como representante legal das agremiações de samba. Além do que, nota-se uma crítica direta a Prefeitura do Recife que se beneficia dos processos organizacionais da entidade, sem dar o mérito a mesma.

¹⁹⁷ O jornal em questão foi encontrado em uma espécie de 'livro de memórias' elaborado e abrigado no arquivo documental da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco. Devido ao recorte exclusivo da matéria "a realidade do samba na terra do frevo", perdeu-se o acesso ao nome do jornal que publicou, bem como as datas. Entretanto, deduzimos que se trata de uma publicação de 1984 ou meados de 80, pois na redação da pauta utiliza-se o termo União das Escolas de Samba de Pernambuco para se referir a entidade que estava representando os sambistas naquele momento. Sabemos - mediante as fontes orais e documentais - que a UNESPE manteve seu nome até 1988 quando se tornou FESAPE. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

Figura 14 - Recorte do Diário da Manhã 198¹⁹⁸.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Em matéria para o Diário da Manhã nota-se um apontamento mais detalhado das reivindicações, abrindo espaço para repensar aspectos como: valores destinados ao Carnaval - especificamente às escolas de samba, data de pagamento, carro de som, ajuda de 30% dos ônibus através da CTU, arquibancadas (600 metros).

Figura 15 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, quinta feira, 7 de junho de 1984¹⁹⁹.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Com uma atuação firme em repensar os critérios de julgamento das entidades que comandavam o Carnaval pernambucano, Newton Elias no final dos anos 80 familiarizado e de posse do regimento de criação da Federação Carnavalesca Pernambucana, consegue transformar a União das Escolas de Samba de Pernambuco em Federação das Escolas de Samba de Pernambuco. De acordo com o registro histórico da FESAPE observamos que:

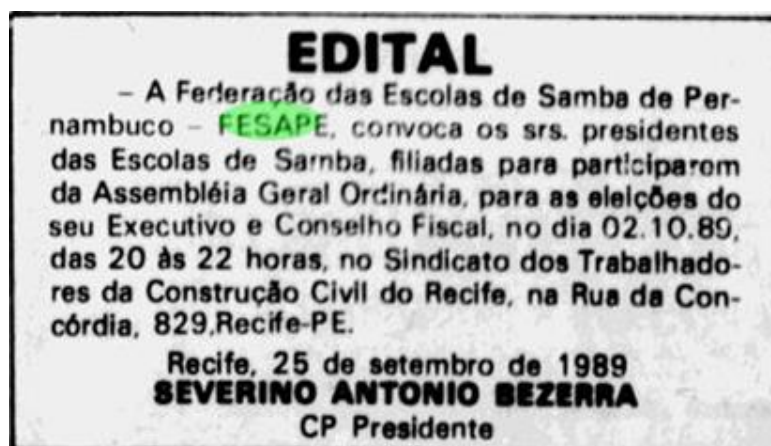
¹⁹⁸ **Escolas de samba querem tudo a que têm direito, em 84.** Diário da Manhã. 1984. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

¹⁹⁹ **Sambistas dão sugestão para melhorar desfile de escolas.** Diário de Pernambuco. Recife, quinta feira, 7 de junho de 1984. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

[...] No ano de 1988 o presidente da UNESP, Sr. Ranulfo Silva (já falecido), convocou uma reunião na Rua da Concórdia, nº20, surgindo daí, o nome do professor Newton Elias de Santana para assumir os destinos da entidade. Em 1988 durante uma Assembleia Geral realizada no Sindicato da Construção Civil, localizado na Rua da Concórdia , nº 829, a UNESP transformou-se em Federação das Escolas de Samba de Pernambuco - FESAPE, para euforia dos sambistas presentes.²⁰⁰

Mediante ao documento em questão elaborado pela própria entidade identificamos que, em 1988, Newton Elias tem seu nome indicado para assumir o cargo que já vinha desempenhando desde 1984 de maneira informal. Mergulhando mais uma vez nos jornais da época, notamos que só em 1989, foi publicado o edital de convocação para a nova diretoria da FESAPE. Neste momento, são instituídas as chapas e a abertura do edital de convocação para a nova diretoria (1988) - processos para formalizar e sacramentar sua já atuação como presidente.

Figura 16 - Edital de Convocação da Nova Diretoria da FESAPE em 1988 ²⁰¹.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A posse foi divulgada através de um informativo no Diário de Pernambuco, bem como teve seu processo ritualístico registrado em ata. Destacamos abaixo parte do discurso Newton Elias na ocasião em questão:

[...] Estamos aqui para tratarmos de assuntos de interesse de todos sambistas, pois a hora é de unir as coisas que tinham acontecido antes

²⁰⁰ **Jubileu de Ouro 1954-2004.** Publicação da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco - FESAPE. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²⁰¹ O nome que consta na assinatura final do edital como presidente é o do sambista e carnavalesco Severino Antônio Bezerra, popularmente conhecido como 'Seu Bio'. Nesse momento o leitor pode se perguntar, porque o nome do Newton Elias não aparece ocupando esse lugar? Segundo a fala de 'Tia Dinha' como se tratava de um processo de seleção oficial, enquanto presidente não oficial/chapa competidora, nosso mediador não poderia assinar o edital, tendo 'Seu Bio' assinado enquanto presidente.

e na hora das eleições que já estavam esquecidas. O momento agora é de responsabilidade de todos sambistas. O que queremos ? Uma coisa só: fazer o samba mais forte, porque o sambista sempre mostrou união e queremos mostrar o espírito de irmandade que sempre nos uniu. [...]²⁰²

Figura 17 - Informativo sobre a posse da nova diretoria da FESAPE em 1989.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Ao final do discurso o presidente fez a entrega das carteiras de identificação da FESAPE para todo corpo da diretoria empossada. Tal distintivo foi pensado pela gestão como meio de possibilitar a equipe, ‘passe livre’ para eventos culturais geridos em Pernambuco. Sobre o acontecido Tia Dinha versa:

Ele fez umas carteirinhas de diretoria. Aí o presidente, secretário, tesoureiro, administrativo receberam. Essas carteiras davam direito de entrar em clubes como: o Português, festas, gafieira, Clube da Paz. O povo da FESAPE entrava de graça (risos), porque tinha o carimbo, o SGS da FESAPE, a assinatura e a foto do diretor [...] Na portaria mesmo da arquibancada, no dia do desfile, se o presidente ou qualquer pessoa da equipe chegasse com a carteira, ele entrava de graça. No Recifolia mesmo tinha um camarote da prefeitura, e a FESAPE sempre era convidada. Chegava lá era bem atendido, filmado, “o presidente da FESAPE com sua diretoria”, sempre representando o samba.²⁰³

²⁰² Ata de reunião da União das Escolas de Samba de Pernambuco. Nº1. 04 de outubro de 1989. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²⁰³ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

A posse contou com a presença do Dr. Roberto Pereira, presidente da Fundação de Cultura Cidade do Recife que fez um convite a toda diretoria da FESAPE para uma reunião com o intuito de arquitetar a comemoração da vitória da chapa:

O presidente falou na festa da vitória e vai cobrar dos presidentes das escolas de samba, principalmente dos que foram eleitos na chapa, um festejo tipo povão trazendo o maior número de escolas possíveis para um local e data a escolher, para ser comemorado o dia da vitória eleitoral. O vice presidente da FESAPE, Severino Antônio Bezerra, achou a ideia do presidente boa, mas disse ele: - Em vista ao momento tão importante que está vivendo o samba, seria melhor fazermos uma solenidade a altura da nossa importância, ou seja, tentar conseguir uma casa espetáculo da cidade, de preferência o teatro do Parque, se não outro local. Podemos confeccionar diplomas para serem entregues aos já empossados da nova diretoria, convidar personalidades públicas, homens da imprensa, mandar convites para os comandos militares, convidar órgãos da imprensa falada, escrita e televisada para realizar a cobertura da festa, assim muita gente que não nos conhece ficará ciente da nossa força. No que concordou o presidente Newton Elias, que a partir de amanhã estará mantendo contatos com a Fundação de Cultura Cidade do Recife para agilizar o local do evento e a partir disso marcar o dia que acontecerá.²⁰⁴

Conforme vamos nos aprofundando nas fontes notamos que o intuito do Newton Elias com a criação da FESAPE foi justamente, causar mesmo que de forma lenta, um processo de institucionalização das escolas de samba na programação do Carnaval do Recife. Enquanto entidade federativa teria a oportunidade de aproximação não só com os outros órgãos existentes - como a Federação Carnavalesca Pernambucana, Prefeitura do Recife/Secretária de Cultura, entre outros - criando o diálogo entre as instituições e marcando o território do samba na cidade. Sem falar na possibilidade de fazer com que os próprios sambistas e carnavalescos pudessem se unir mais ainda.

Entre as décadas de 1960 a 1980, os sambistas, por meio de todo processo de institucionalização conseguiram provocar um deslocamento da sua prática, modificando o status das escolas de samba aos poucos de ‘condenadas’ a ‘louvadas’, processo esse, possível graças a formalidade presente nos regimentos, que por conseguinte marcam um caráter (em dado momento) tradicional aos sambistas.

Com a aproximação e interesse de personalidades importantes da cidade, os presidentes das agremiações de samba - como meio estratégico de acariciar o ego e trazer para o seio do samba - se valem dos grandes nomes pernambucanos colocando-os em destaque como tema de

²⁰⁴ Ata de reunião da União das Escolas de Samba de Pernambuco. Nº1. 04 de outubro de 1989. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

sambas enredos. Processo entendido aqui como estratégia política da classe de sambistas para criar legitimação em um território tradicionalista.

Figura 18 - Recorte do Diário de Pernambuco. Recife, terça-feira, 12 de dezembro de 1989 .

Samba homenageia Joaquim pelo desejo de revitalizar Carnaval

Divergências à parte, democraticamente o samba e o frevo uniram-se numa mesma homenagem ao prefeito Joaquim Francisco em retribuição ao estímulo que a atual administração vem dando a revitalização do Carnaval de rua, ajudando ao maior número possível de agremiações a desfilar nos dias de folia. No último final de semana, Joaquim Francisco recebeu o título de "sócio benemerito" da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco (Fesape), num antigo sobrado do Pátio de Santa Cruz, sede da Federação Carnavalesca.

O prefeito chegou ao Pátio acompanhado da mulher, Silvia Couceiro Cavalcanti, e secretário. Além de receber a comenda, ele teve seu retrato afixado na galeria das pessoas com relevantes serviços prestados aos carnavalescos. A Banda de Frevos do Nordeste e o cantor "Bem-te-vi" tocavam conhecidos frevos, como "Vassourinhas" e "Voltei Recife", enquanto a bateria da Escola Rebelde do Samba, com sua porta-bandeira, o mestre-sala, baianas e pastoras exibiam coreografia rica em detalhes.

CIDADANIA

Emocionado, Joaquim Francisco agradeceu a Fesape, afirmando que "cultura também é um exercício de cidadania. E não se pode falar em independência de um povo se não lembrarmos suas origens culturais. Quando estive na primeira vez governando o Recife, durante minha atuação como cons-



Prefeito Joaquim Francisco agradece a homenagem dos sambistas

tituente e quando voltei à Prefeitura tive a preocupação de defender os movimentos culturais. Nunca deixei que meu discurso se perdesse no vazio".

Joaquim Francisco observou que, ao clima do espírito natalino, vem transformando o Recife num canteiro de obras, mas sem esquecer, no decorrer dos outros meses, de ajudar as agremiações, as entidades culturais, seja nas solenidades promovidas pelo Município, ou através das reformas de suas sedes ou doando terrenos, como aconteceu recentemente ao conceder a escritura de uma área em Beberibe para a construção da sede permanente do Maracatu Leão Coroado.

RESPONSABILIDADES

No final do discurso, o prefeito disse que "em cada uma dessas manifestações vejo crescer minhas responsabilidades de homem público e sinto-me estimulado a realizar o Carnaval, os festejos juninos, o ciclo natalino, as obras sociais com mais empenho e disposição". Lembrou que todas as ações da Prefeitura nascem nas caminhadas, nas ruas, nos contatos com a população, "ouvindo-as para que elas encontrem seus próprios caminhos de emancipação".

Newton Elias, presidente da Fesape, esclareceu que a homenagem a Joaquim Francisco não era gratuita, citando o apoio dado pela PCR ao Carnaval do próximo ano, além da assinatura de um convênio destinando recursos para a produção de um disco com os sambas-enredos das escolas do 1º grupo.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A matéria do Diário de Pernambuco²⁰⁵ colocada acima, evidencia o papel do samba - representado na figura do Newton Elias enquanto seu representante legal frente ao poder público - e em seu título destaca: "Samba homenageia Joaquim pelo desejo de revitalizar o Carnaval". Ao final do escrito, nota-se a preocupação do nosso mediador em pontuar os acordos que foram realizados com o poder público, fato gerador da homenagem. Tais processos nos apontam, mais uma vez, sua articulação com os sujeitos que comandavam os dias festivos, atuando, por vezes, como apoiador de seus fazeres e delator de suas falhas/cobrador dos direitos das agremiações de samba.

²⁰⁵ **Samba homenageia Joaquim pelo desejo de revitalizar Carnaval.** Diário de Pernambuco. Recife, terça-feira, 12 de dezembro de 1986.

Assim, segundo as matérias dos jornais, as escolas de samba tornavam-se o grande destaque dos dias de folia. Eram as agremiações que atraíam o maior número de desfilantes bem como as que provocavam relevante fascínio no público presente nas arquibancadas. Os foliões esperavam com ansiedade o desfile das escolas de samba, mesmo quando atrasavam suas apresentações, a multidão continuava de prontidão para ver o bailado dos sambistas na passarela.

Enquanto representante legal das agremiações de samba Newton Elias além de trazer o aspecto do formal e burocrático para as diretrizes da FESAPE - como demandavam os órgãos responsáveis pelo Carnaval - buscou criar diálogos diretos e indiretos com o poder público, seja por meio de reuniões ou através de reclamações públicas realizadas nos jornais de maior circulação da época. O fato de lançar luz sob o trilhar dos sambistas pelo “território das palavras”, sobretudo na representatividade do nosso mediador, possibilita a quebra de entendimento que alimentava o discurso de que a classe de sambistas colocava-se enquanto sujeitos passivos a todos os ataques que sofriam. A partir das fontes, percebe-se justamente o contrário, um engajamento ativo e estratégico da classe, que sambava conforme a música por vezes, mas quando necessário reivindicava seus direitos utilizando da entidade “porta voz” marcadora de uma institucionalização do samba em Pernambuco.

3.3 “Não se desenvolve cultura nenhuma com a morte de outra”. O samba invade o “território das palavras”

Em nossa trajetória de mergulho no tímido campo historiográfico das agremiações de samba em Pernambuco, notou-se uma atenção maior dos historiadores do século XXI em trazer à baila os discursos dos intelectuais da época sobre o Carnaval - desde os modos de fazer a festa até as produções populares que teriam liberdade e incentivo para operar na capital pernambucana - tema discutido por certo tempo com amplas vertentes de análise.

Nesse percurso histórico em que intelectuais regionalistas ditavam “as verdades”, o samba, entendido como ‘produção alienígena’, foi sofrendo diversas tentativas de apagamento. Seus fazedores, os sambistas, lidos enquanto estrangeiros em sua própria terra, sentiram fortemente os processos de exclusão que lhes atravessavam. O silêncio presente na

historiografia pernambucana sobre chaves dialógicas conectadas aos discursos dos sambistas - suas perspectivas, táticas, resistência e resiliência - foi quebrado através da pesquisa desenvolvida pelo historiador Augusto Neves da Silva -, que como uma espécie de arauto aponta caminhos de análise direcionando novas abordagens.²⁰⁶

Conflito, dúvidas e escassas informações é o que encontramos quando o tema em voga é o discurso dos fazedores do estilo musical no Carnaval. Diante dessa questão, não podemos deixar de levar em consideração o campo das possibilidades, o ‘é possível que’, ou mesmo, o talvez, nos utilizando do que o historiador Carlo Ginzburg definiu como possibilidades históricas.²⁰⁷

A falta de estudos que se preocupem com os discursos dos sambistas, também é um fator que ajuda no processo de ‘calar uma voz’, sonoridade essa que como nos mostram os dados históricos, acompanha o povo preto (fomentadores das produções do samba no Recife). Dito isto, nos norteamos a partir das seguintes perguntas: quais foram os discursos produzidos pela classe de sambistas? Como se configuram tais falas? Quais canais foram utilizados para passar sua mensagem? e em quais situações o Newton Elias aparece ? Tais questões terão suas respostas desenvolvidas ao longo do presente tópico.

Quando nos debruçamos nas fontes jornalísticas notamos um baixo índice de narradores negros. Em diálogo com o escrito de Paulo Bernardo Ferreira Vaz e Ricardo Fabrino Mendonça, pesquisadores da área de comunicação que se debruçam a pensar na representação visual do negro no jornal impresso, observamos que a “minorização” do negro na mídia não é recente. Conforme os autores, “desde o período colonial, a representação negra é escassa, e sua visibilidade se dá por meios não oficiosos”²⁰⁸, aparecendo em momentos de festividades e relacionados à violência e rebeldia.

Em “mergulho” no universo das fontes (orais e documentais) notamos que os periódicos de maior circulação (Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Diário da Manhã) foram os meios mais procurados pelos sambistas para expressarem seus descontentamentos com o cenário excludente do Carnaval Pernambucano, bem como, reivindicar seus direitos frente ao poder público. O “território das palavras”, como chamamos aqui, foi cenário de verdadeiros

²⁰⁶ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit.,

²⁰⁷ “A questão da prova permanece mais do que nunca no cerne da pesquisa histórica, mas seu estatuto é inevitavelmente modificado no momento em que são enfrentados temas diferentes em relação ao passado, com a ajuda de uma documentação que também é diferente”. GINZBURG, Carlo. **Provas e Possibilidades**, In: O fio e os rastros. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, p. 334, 2007.

²⁰⁸ Vaz, Paulo B.F. & MENDONÇA, Ricardo F. **A representação visual do negro no jornal impresso**. Trabalho apresentado no NP13 - Núcleo de Pesquisas Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05, 2002.

embates entre os intelectuais regionalistas - que através de uma tradição inventada ovacionaram as “produções da terra” - e os sambistas - que por sua vez, buscavam por meio de táticas diversas a legitimidade de suas produções no entorno do samba.

Foi constatado que a invisibilidade negra nos meios de comunicação é histórica, mas que, ao longo do tempo, conforme o jornalista e sociólogo Muniz Sodré lembra, foi amenizada por mecanismos sutis e internos de discriminação, que não reconhecem a exclusão do outro no processo de diferenciação. De acordo com o autor, “são várias as estratégias narrativas utilizadas para evitar a aceitação de racismo no Brasil, onde quanto mais visível for a cor do indivíduo, maior sua invisibilidade social”²⁰⁹. Sob as lentes de Rogério Christofolletti e Marjorie Basso, a mídia poderia servir como elemento de trabalho na contramão da tendência uniformizante da sociedade, através de abordagens que evidenciassem os “diferentes estratos da diversidade étnica”²¹⁰.

Por se tratar de uma classe perseguida em seu território, sendo esse grupo formado especialmente por pessoas de pele preta - atacados há anos pelas marcas da escravidão -, criou-se no imaginário de senso comum que esses seguiam passivamente aceitando toda sorte de ataques. O diálogo com pesquisas pautadas no período de escravização e pós abolição nos direcionam a linhas de pensamento que confirmam a não passividade do povo preto frente às imposições coloniais, bem como um ‘jogo de cintura’ banhado em estratégias e acordos. Os construtores do samba não se colocavam de forma inerte, mas atuavam de maneiras diversas; movimentando-se nesse processo, ‘lutando’ para garantir a permanência de sua prática no Carnaval, como também questionando a forma que a ‘identidade carnavalesca pernambucana’ estava sendo gestada por parte da intelectualidade recifense e por vezes buscando filiação com ideias tradicionalistas.

Os intelectuais, muitas vezes, colocavam-se como ‘agentes da consciência’, detentores da ‘verdade’, e seu conhecimento deveria ser direcionado ao povo. Os sambistas, por sua vez, questionaram esse saber por diversos meios desde meados dos anos 40, inclusive, através da música, quando afirmam em um samba que: “ eles não sabem o que dizem”, pois, “ querem acabar com nossa escola, esses rapazes são infelizes”²¹¹. Assim, mesmo não tendo a mesma legitimidade dentro do campo de poder, onde os intelectuais estavam inseridos, os sambistas

²⁰⁹ SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 15.

²¹⁰ CHRISTOFOLETTI, Rogério; BASSO, Marjorie, K. J. **“O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais”**. São Paulo: Estudos em Comunicação nº2, 2007, p. 114.

²¹¹ Nossas músicas. **“O mundo vai chorar”**. Diário da Manhã, 08 de fevereiro de 1947, p. 06. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

conseguiram criar por meio das suas músicas também um canal importante de crítica social e de defesa de sua prática e sua própria história.

De acordo com a pesquisadora Kelly Quirino, as relações étnico-raciais devem estar presentes no discurso jornalístico, uma vez que é dever do jornalismo veicular informações como um serviço público não só para este segmento social-racial, mas para toda a sociedade. Nesse sentido, o jornalista deveria pautar fatos que privilegiassem o âmbito social como um todo, mas que, no entanto, resguardasse as especificidades dos grupos sociais. Para tanto, seria dever do jornalismo ir além, revelando o contexto como um subsídio importante para este modelo. Diante disto, “lançar luz no histórico pode ser um elemento que além de justificar a importância do tema entra como informação tão importante quanto o fato na construção da notícia”²¹².

Seguindo nosso percurso, notamos que os sambistas frequentavam os jornais da capital pernambucana, mesmo que em grande parte do período pesquisado figurassem enquanto sujeitos não desejáveis dentro do ideal de prática para a festa carnavalesca, no entanto, estavam presentes. É a partir também dessas matérias que tomamos conhecimento de suas práticas, experiências, cotidiano e história:

Escolas de samba do Recife querem novo critério para tríduo

Pelo público que atraem para as arquibancadas, quando desfilam na segunda-feira de carnaval, as escolas de samba de Pernambuco resolveram oficializar suas reivindicações em documentos divulgados pela União das Escolas de Samba de Pernambuco (UNESPE), que retoma suas funções de órgão defensor dos interesses daquelas agremiações. E para provar que a união pode resolver problemas cruciais, a UNESPE ataca de início o problema vital dos desfiles de carnavais: a distribuição do bolo de recursos, sejam os resultantes da arrecadação da arquibancada, sejam os referentes às verbas dos órgãos oficiais de cultura. Raciocina o atual presidente da UNESPE, carnavalesco Newton Elias de Santana diz: “quem mais atrai o público é quem deve ter maior participação nos recursos, pois é quem produz renda”. E arquiteta sua linha de argumentação: - Na segunda-feira do Carnaval deste ano, a arquibancada arrecadou um milhão e 560 mil cruzeiros, com o desfile das escolas de samba, enquanto que nos outros dois dias, quando desfilaram os clubes a arrecadação ficou em torno de 370 mil cruzeiros.

OBJETIVO

[...] Além de defender melhor distribuição de verbas e da arrecadação das arquibancadas, a UNESPE nesta fase de revivificação de suas atividades pretende dar assistência jurídica às escolas; zelar para que as normas e procedimentos das escolas sejam compreendidas,

²¹² QUIRINO, Kelly T. M. Jornalismo, juventude negra e violência. Como o mito da democracia racial invisibiliza a temática étnico-racial no jornalismo. In: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2013. Bauru, SP. p. 6-7.

respeitadas e praticadas; promover condições para o desenvolvimento harmonioso dos desfiles.

Outro ponto pelo qual a UNESPE vem lutando é quanto ao roteiro do desfile: “Se a decisão da Fundação de Cultura for de colocar as arquibancadas na Conde da Boa Vista, nós pretendemos que o percurso seja feito pela Conde da Boa Vista via Guararapes, ao invés de entrar na Hospício, via Imperatriz e Rua Nova, por causa das curvas de 90° daquelas vias que não permitem as escolas realizarem suas evoluções”, explica Newton Elias.

JULGAMENTO

Paralelamente ao documento reivindicatório, este ano a UNESPE está divulgando junto aos órgãos de imprensa, escolas de samba e órgãos culturais, um documento em que faz um minucioso relatório do regulamento, constituição e desenvolvimento das escolas [...] ²¹³

Como podemos perceber desde o tópico anterior, a aparição dos sambistas nos jornais quase sempre estava vinculada a alguma reivindicação frente ao descaso que sofriam do poder público/instituições culturais. Na matéria do Diário de Pernambuco de 1984, temos mais uma vez em evidência, suas pautas de luta representadas pela fala do Newton Elias. O argumento firme se centraliza na fala “quem mais atrai o público é quem deve ter maior participação nos recursos, pois é quem produz renda”, que nos direciona para uma classe que estava cansada de não ter seu trabalho reconhecido - tanto a nível de desprestígio dos organizadores do Carnaval do Recife e remuneração injusta para suas agremiações.

Outro aspecto a ser destacado da citada matéria, é a preocupação do nosso mediador em estruturar bem os meios administrativos, legais e de julgamento das agremiações de samba em Pernambuco - fator que foi sendo desenvolvido desde sua posse enquanto presidente da UNESPE. Tal discurso de organização, bebe também das vivências de Newton enquanto contador da FECAPE, nos direcionando para um lugar de entendimento que para além de uma luta em tom opositivo nosso personagem assimilou muito do que se entendia enquanto tradicional no Carnaval do Recife. Assim, foi estabelecendo diretrizes, buscando mostrar que os sambistas estavam se organizando (aos moldes de seus “opositores”) visando conquistar um espaço no tríduo de momo pernambucano.

Na pesquisa empreendida junto aos periódicos, encontramos algumas matérias e crônicas sobre sambistas e escolas de samba. Muitas destas eram publicadas com sentido pejorativo, de crítica à presença dessas manifestações no Carnaval. Por outro lado, mesmo com tal sentido, elas traziam informações importantes sobre os conflitos e o cotidiano no qual os

²¹³ **Escolas de samba do Recife querem novo critério para tríduo.** Diário de Pernambuco, Recife, terça-feira, 3 de janeiro de 1984. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

sambistas e suas agremiações estavam envolvidas. Nos possibilitando ter indícios sobre suas experiências e vivências, pois como afirma Carlos Ginzburg, mesmo “uma crônica hostil pode fornecer testemunhos preciosos”.²¹⁴

Os sujeitos que construíram o samba no Recife não ficavam inertes a esse processo. Entravam no jogo de disputas posicionando-se diante dos fatos. Seja por meio de suas astúcias, driblando a ordem política, agindo diplomaticamente, criando artifícios ou mesmo realizando protestos. Se não possuíam a mesma legitimidade para escrever em jornais ou revistas, nem suas concepções eram aceitas no debate do jogo da “tradição” local, estes sujeitos utilizavam outros recursos para ganhar visibilidade na imprensa e expor suas opiniões. Um dos mecanismos frequentes eram os sambas enredos:

Rua da Aurora que encanto/ Nos emociona seu avanço/ Viaduto cinco pontas/ De praças perdi a conta/ Que esse meu Recife tem/ Seu Ginásio é uma consagração/ Geraldão, Geraldão, Geraldão.²¹⁵

A letra em destaque, de autoria de Sevy Silva, foi samba enredo da escola Gigantes do Samba no Carnaval de 1971, momento em que a agremiação contou e cantou a história do Recife, numa homenagem declarada ao prefeito da cidade no período, Geraldo Magalhães. A partir desse ato, podemos conjecturar a possibilidade de um ‘drible’ dos sambistas. Pois, enquanto as agremiações de samba estavam sendo condenadas por parte dos intelectuais, os sambistas procuravam se aproximar do poder executivo da cidade, o homenageando em seu desfile, afirmando que “o cotidiano se inventa de mil formas de caça não autorizada” como nos lembra Michel de Certeau.²¹⁶

Pontuamos mais uma vez, que os sambas enredo não eram o único meio, mas representavam canais importantes dentro do processo de movimento dos sambistas a fim de garantir a participação e a defesa de sua prática cultural nos festejos momescos da cidade. Por meio das suas canções os construtores do samba expressavam, de forma crítica e por vezes em tom de homenagem, seu posicionamento sobre diversos temas. Mesmo recebendo a menor porcentagem entre todas as agremiações do Carnaval e enfrentando a condenação de parte dos intelectuais locais, os sambistas criaram artifícios para sobreviver, manter-se, desenvolver-se, bem como ganhar legitimidade na cidade.

²¹⁴ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, p. 21, 1987.

²¹⁵ Samba enredo ‘O novo Recife’ de autoria do sambista Sevy Silva, da escola de samba Gigantes do Samba. Estudantes tentam amanhã conquistar tricampeonato. Diário de Pernambuco, 22 de fevereiro de 1971, p. 08, I Caderno. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE).

²¹⁶ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008, p.38.

Um tema muito debatido, motivo de divisão de opiniões entre os produtores do Carnaval pernambucano e agremiações, que apareceu com frequência nos jornais em meados dos anos de 1980 a 1990 foi a retirada das arquibancadas. A “despassarelização” como destaca o antropólogo Hugo Menezes, foi um episódio executado pelo então Prefeito Gustavo Krause que atingiu diretamente as agremiações de samba, pois sua estrutura exige, mais do que a de outras manifestações populares, espaço diferenciado ou delimitado para a apresentação.²¹⁷

Todo processo fez parte do projeto intitulado “Carnaval Participação” que visava realizar um Carnaval de rua, sem competições ou espaços exclusivamente para desfiles, em que, teoricamente, não existiriam espectadores, tendo em vista que todos iriam participar da festa enquanto brincantes. É válido destacarmos que tal projeto se opunha a uma outra perspectiva de festa, também vigente na época, a do “Carnaval Espetáculo”, que era compreendida como uma representação pernambucana do modelo de desfile carioca, com suas passarelas e arquibancadas para a contemplação da audiência das escolas de samba.²¹⁸

Mediante a historiografia do tema, observa-se que a gestão compreendia a retirada da passarela como estímulo à participação no Carnaval. Analisando pelas lentes de Burke, somos alertados dos perigos inerentes ao termo “participação”, que inserido no contexto não ganha tanto sentido, ficando vago. Além disso, notamos um deslocamento do termo “espetáculo”, que ganha conotação negativa, direcionando para o mesmo uma falsa ideia de inerte contemplação para os brincantes do samba.

Segundo Menezes, os embates travados entre o Carnaval espetáculo x participação resulta de uma produção de diferenças entre o frevo e o samba, pois historicamente o frevo se manteve alocado como ‘participação’, ganhando ‘tons’ de tradicional e popular; as agremiações de samba logo que surgiram em terras pernambucanas, foram acomodadas como ‘espetáculo’, que, por sua vez, geraram timbres de modernidade e exclusão.²¹⁹

De volta às passarelas, durante os anos seguintes, as escolas de samba pernambucanas seguiram extremamente prejudicadas, mas não deixaram de reivindicar a reposição da passarela por meio do “território das palavras”, chegando a ameaçar não desfilar. Sob pressão dos sambistas as partes envolvidas entram em acordo, conseguindo recuperar o uso das arquibancadas no carnaval de 1982.

²¹⁷ NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo**. As escolas de samba no carnaval do Recife. Op.cit. pág. 107

²¹⁸ SILVA, Augusto Neves da. **Fazendo mesura na ponta dos pés**: Carnaval e políticas públicas de cultura para o Recife nas décadas de 1970 a 1980. Rio de Janeiro: UFF, 2017, p. 89/118.

²¹⁹ NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo**. As escolas de samba no carnaval do Recife. Op.cit. pág. 108.

Além do prefeito Gustavo Krause, outra personalidade que se opôs às arquibancadas em 1984 foi o maestro e presidente da Fundação de Cultura do Recife Cussy de Almeida. O retorno do assunto gerou a produção de uma matéria no Jornal do Commercio, a qual conta com representação e fala de Newton Elias:

Sambistas não aceitam a retirada de arquibancada

O presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco, Newton Elias de Santana, está reunindo adeptos do próprio samba, contra o presidente da Fundação de Cultura do Recife, professor Cussy de Almeida. Motivo: Cussy afirmou que este ano não vai haver arquibancadas para os desfiles e que, com essa medida, a Fundação de Cultura estará prejudicando simplesmente as 42 escolas de samba que desfilam no Carnaval.

Ora - diz Newton - a partir do Carnaval de 1982, o ex prefeito de nossa cidade e hoje vice-governador Gustavo Krause, fez voltar as arquibancadas, dando toda renda para rateio entre as escolas de samba. E, naquele ano, tivemos uma arrecadação de 763 mil cruzeiros. Já em 1983, no movimento arrecadado na segunda feira do desfile das escolas de samba subiu para 1 milhão, 570 mil cruzeiros, com público pagante de 1.662 pessoas. E, dentro de nossas perspectivas este ano, com a extensão das arquibancadas, a renda líquida iria para em média 4 milhões e 200 mil cruzeiros com o rateio médio de 175 mil para cada escola do 1º grupo, 116 mil para as do 2º grupo e 50 mil para o 3º grupo.

Afirma o presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco, que não acredita que de maneira alguma que nem a Fundação do Recife, nem a Prefeitura, nem o próprio Governo tenham interesse em prejudicar as escolas de samba (doze no 1º grupo; doze no 2º grupo; e 18 no 3º grupo) numa média de 30 mil pessoas que desfilam todos os anos, sem falar em outros milhares de simpatizantes das escolas de samba que vão para a avenida torcer pelas suas favoritas.

Soubemos também que o sr. Cussy de Almeida está irredutível, que além de não querer colocar as arquibancadas, vai também acabar com a passarela, para que todas as agremiações desfilem no meio do povo. Agora nos perguntamos: -salienta Newton - Como pode uma escola de samba desfilar com seus adereços, carros alegóricos, suas alas, tudo enfim pelo meio do povo?

Finalizando, o presidente da União das Escolas de Samba afirmou que vai reunir todos os dirigentes das 42 escolas e, caso haja necessidade, irão até ao governador do Estado, Roberto Magalhães, ao prefeito Joaquim Francisco, pois, o que eles querem somente é defender os direitos que adquiriram desde outros carnavais. "Não queremos nem sequer acreditar que o governo só atenta aos reclamos das escolas de samba quando está perto das eleições", concluiu Newton Elias de Santana.²²⁰

²²⁰ **Sambistas não aceitam a retirada da arquibancada.** Jornal do Commercio. Recife, Domingo, 15 de janeiro de 1984. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

O fato de ser contador de formação acaba dando suporte argumentativo a Newton Elias para expor por meio de dados concretos os números positivos da arrecadação por ano. Um outro aspecto que se destaca no discurso do nosso mediador, é que mesmo expondo o descaso com as agremiações de samba, o mesmo não direciona as críticas para a Prefeitura do Recife muito menos ao governo como um todo, ato que se justifica pelo fato de ser esses órgãos aos quais o mesmo foi buscar apoio, como destaca no final de sua fala, ficando evidente mais uma vez seu “jogo de cintura” ao mediar entre os polos.

De acordo com o historiador Augusto Neves da Silva o objetivo central do novo órgão, criado especificamente para cuidar do festejo momesco - a Fundação de Cultura - foi tentar “recuperar” o Carnaval de rua do Recife. O resgate do Carnaval de rua passava fundamentalmente pela “recuperação” do frevo que, como expressavam as matérias de jornais, havia perdido espaço para os concursos de agremiações ocorridos na passarela e decaído no prestígio popular para as escolas de samba, que cresciam vertiginosamente no Recife.²²¹

Aproveitando do ápice da discussão em torno do tema, o próprio jornal convida o sr. Cussy de Almeida para se posicionar frente a movimentação que estava sendo realizada pela classe de sambistas, sob o comando do Newton Elias:

Cussy irredutível a pressão das escolas

O maestro Cussy de Almeida, presidente da Fundação de Cultura do Recife, quando soube do movimento que a União das Escolas de Samba de Pernambuco estava fazendo, foi taxativo: “Carnaval é para os participantes, e não para espectadores. Não vou colocar arquibancadas na avenida para que alguns que ainda têm condições, comprem ingressos para se dar o luxo de ver o desfile sentado”.

Mostrando-se um tanto chateado com esse movimento das escolas, Cussy de Almeida afirmou que nada tem contra as escolas de samba, que acha bonito o desempenho de todas elas no Carnaval, que tem bons amigos nessas agremiações, mas “na época atual, com a crise que assola ao povo, não vou colocar arquibancadas e obrigar a este povo pagar ingresso para participar do Carnaval, quando esse mesmo povo está sem dinheiro até para deslocar-se até o centro da cidade”.

Mais adiante, o presidente da Fundação de Cultura afirmou que em nenhum momento quis acabar com a passarela. Muito pelo contrário, vai haver passarela apenas para o desfile das escolas de samba, na segunda feira de Carnaval. Agora, arquibancadas, de jeito nenhum. Em lugar das antigas arquibancadas, serão colocadas dezenas de bares nos dois lados da av. Dantas Barreto, onde acontecerá o desfile deste ano. E é ali que os milhares de foliões e turistas ficarão sentados, bebendo, comendo, brincando e assistindo ao desfile, sem precisar pagar ingresso. Salienta ainda Cussy de Almeida, que “se houvesse o interesse pela renda das arquibancadas, essa meia dúzia de

²²¹ SILVA, Augusto Neves da. **Fazendo mesura na ponta dos pés:** Carnaval e políticas públicas de cultura para o Recife nas décadas de 1970 a 1980. Op.cit. pág. 171.

inconformados não estaria fazendo pressão junto à imprensa , brigando pelas arquibancadas”. [...]

Para concluir, o maestro Cussy de Almeida salientou que tem tudo preparado para o desfile bonito de todas as agremiações - de modo geral - e não apenas para o desfile das escolas de samba, pois, em nosso Estado, a coisa é bem diferente daquilo que alguns querem imitar. Aqui se faz Carnaval para blocos, clubes, troças, caboclinhos, maracatus e escolas de samba.²²²

A fala do maestro nos possibilita conjecturas no entorno do seu entendimento sobre tradição, que se alinha com o discurso dos intelectuais regionalistas, os quais entendiam por tradição o Carnaval participação e por consequência as produções tidas como da terra que demandam preparos mais “simples”. Além disso, por mais que o próprio alegasse que a retirada das arquibancadas nada tinha a ver com seu suposto desgosto com as agremiações de samba, no final de sua fala, o mesmo volta a afirmar: “em nosso Estado, a coisa é bem diferente daquilo que alguns querem imitar”, mostrando, mais uma vez, sua afinação com os dizeres regionalistas que compreendiam as agremiações de samba como caricaturas do que se produzia no Rio de Janeiro.

Vale salientar que o fato de termos Newton Elias no lugar de quem revida e se opõe em um diálogo aberto no jornal não o limita a ser apenas isso no jogo de disputas do Carnaval. Pois como podemos observar a partir das fontes jornalísticas em determinados momentos nosso mediador tenciona esse lugar de oposição e tradição, abraçando, por exemplo, a ideia de carnaval participação ao expressar a seguinte fala para o *Jornal do Commercio*: “quero agradecer a todas as escolas de samba de Pernambuco, pela maneira correta e disciplinada, como se comportaram no Carnaval. O samba demonstrou que também é participação.”

A fala em questão nos leva a investir em uma concepção própria de tradição a partir dos achados da pesquisa numa perspectiva dos sambistas. Desta forma nos questionamos: qual a ideia de tradição erguida por Newton Elias e os demais sambistas? E como estava sendo pensado esse Carnaval disciplinado que a historiografia traz com tanta força?

Em outra matéria, desta vez de 1987, para o *Diário de Pernambuco*, Newton Elias é convidado para conversar com o carnavalesco e presidente da FECAPE, Edmar Lopes. Sob um clima de tensão promovido pelo título questionador da matéria - “ samba x frevo: esta briga existe? - , ambos se colocam a desmistificar a visão de uma guerra entre as agremiações em

²²² **Sambistas não aceitam a retirada da arquibancada.** *Jornal do Commercio*. Recife, Domingo, 15 de janeiro de 1984. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Pernambuco, nos dando margem a interpretações mais fluídas a respeito do sentido de tradição elaborada pelo Newton Elias:

Samba x Frevo: esta briga existe ?

DP - As escolas de samba daqui têm a mania de imitar o Carnaval do Rio, o que é incompreensível. Por exemplo, aprenderam a estender o desfile até o amanhecer do dia seguinte, tornando-o cansativo e desgastante, não somente para o desfilante como para o público. Por que tamanha intransigência de um desfile de todas as escolas de primeira categoria na mesma noite, quando no rio, elas já estão sendo distribuídas em duas noites ?

Newton Elias - Aqui nós temos muitas agremiações, 156, para serem distribuídas nas três noites, diferente do Rio de Janeiro, que só tem samba. É agremiação demais e bem diversificadas. Por isso, na segunda feira de Carnaval, no Recife, só teremos samba. É diferente. Temos que fazer um desfile adequado ao espírito e as características do carnaval do Recife, que é bem diversificado [...]²²³

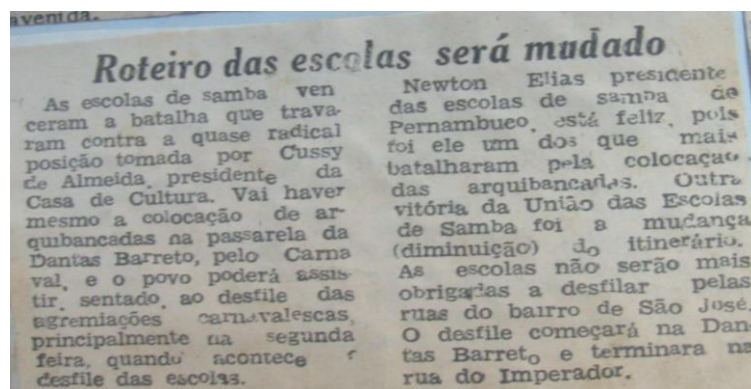
Ao ser questionado sob a ideia de que as agremiações de samba em Pernambuco são caricaturas das escolas de samba do Rio de Janeiro, nosso mediador destaca as diferenças, se afastando da referência de meras cópias. Chegando a levantar a seguinte afirmação: “temos que fazer um desfile adequado ao espírito e as características do Carnaval do Recife”, nos levando a uma lógica de pensamento que coloca Newton Elias como um personagem também tradicionalista, pois seria por meio de um “modo adequado de desfilar”, aliada a ideia de Carnaval do controle, do concurso e do regulamento, que a classe de sambistas teria uma possibilidade de ser legitimadas nos dias festivos.

No final desse samba a conquista foi dos sambistas, que mais uma vez garantiram suas pautas, e fizeram questão de se utilizar do “território das palavras” para expor sua vitória como vemos abaixo em um recorte de jornal encontrado no livro de memórias da FESAPE:

Figura 19 - Recorte de Jornal (sem identificação)²²⁴.

²²³ **Samba x Frevo: esta briga existe ?**. Jornal do Commercio, Recife, quarta-feira, 25 de fevereiro de 1987. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

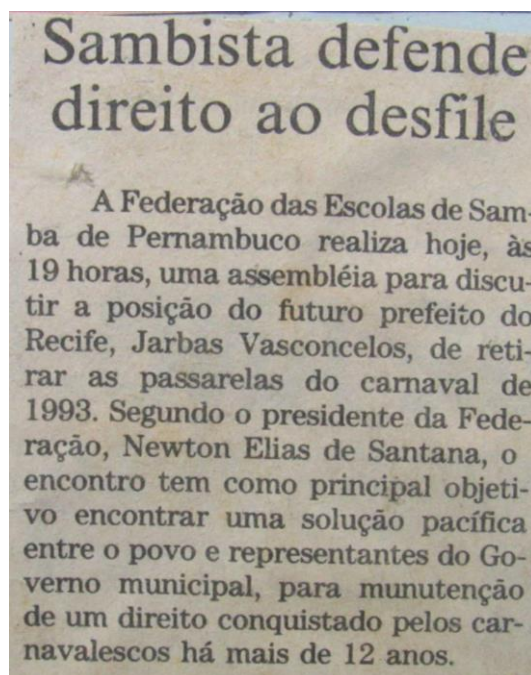
²²⁴ **Roteiro das escolas será mudado**. Recorte de jornal sem identificação. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

A pauta das arquibancadas por certo tempo foi um tema que sempre voltava à tona, mediante o governo que assumia o poder da Prefeitura do Recife. Em 1993, no mandato de Jarbas Vasconcelos, a pauta retorna aos jornais, e mais uma vez nosso mediador aparece como representante legal das agremiações de samba.

Figura 20 - Recorte de Jornal (sem identificação) 1993 ²²⁵.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

Uma das principais críticas que o modelo de carnaval espetáculo, e consequentemente as escolas de samba enfrentavam, era o de serem acusadas de cercear aos foliões o direito da

²²⁵ **Sambista defende direito ao desfile.** Recorte de jornal sem identificação. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

participação direta na folia, segundo os críticos o que restava aos ‘súditos de momo’ era a contemplação da festa. Fato que não se justifica, tendo em vista que as agremiações de samba precisavam/precisam da plateia e de uma estrutura específica para desfilar. Tendo os indivíduos que participam ativamente de seus desfiles, o compromisso de estar devidamente fantasiados e inseridos dentro do enredo, para que assim o público presente nas arquibancadas, possa entender a história ali narrada.²²⁶

Outro argumento utilizado pelos defensores do ‘Carnaval participação’ era o custo alto que o aluguel e montagem das arquibancadas gerava para a prefeitura. Atento e articulado com o campo de disputas carnavalesco da cidade, que constantemente estabelecia novos entraves para as agremiações de samba, Newton Elias, buscou realizar um levantamento orçamentário com empresas que poderiam realizar a montagem das arquibancadas. Após o levantamento, o mesmo conseguiu estabelecer um acordo com uma que cobraria a metade do valor estimado pela equipe do prefeito Jarbas Vasconcelos. Tal episódio ganhou destaque em matéria de jornal²²⁷:

Figura 21 - Recorte de Jornal (sem identificação).



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Com argumentos incisivos, nosso mediador realiza mais uma aparição no ‘território das palavras’, executando sua função de representante das escolas de samba. Levando ao público,

²²⁶ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é? (1955-1972)**. Op.cit. pág. 175.

²²⁷ **Sambista garante passarela barata**. Recorte de jornal sem identificação. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

argumentos com base no levantamento financeiro realizado por ele previamente. Além de destacar a importância das arquibancadas para as agremiações de samba, ressalta a respeito das possíveis violências que os desfilantes - “mulheres e homossexuais seminus” - estariam expostos; questiona o pagamento das instalações pela prefeitura de outros eventos culturais em decorrência do não apoio aos sambistas, bem como, aponta que a falta da estrutura dificulta na avaliação das entidades responsáveis pelo Carnaval quanto o cumprimento das regras estabelecidas pelos órgãos responsáveis pelo Carnaval da cidade.

Voltando cronologicamente, especificamente no início dos anos de 1970, observamos uma diferença na fala dos sambistas. Em matéria para o Diário de Pernambuco o amante do samba e jornalista Luiz Gonzaga ao falar sobre suas pretensões enquanto possível presidente da UNESPE afirma:

Escola de samba limonil está revoltada com os resultados

A entidade, que terá como objetivo principal o fortalecimento do samba no Carnaval pernambucano, não admitira a influência de políticos, porque pretendemos fazer do Carnaval uma festa do povo, sem objetivos eleitoreiros.²²⁸

A partir das normas que o personagem pretende executar na União das Escolas de Samba ditas em matéria, podemos interpretar que seu entendimento de festa traz nuances de um lugar tradicional, justamente quando elimina a possibilidade de acordos e conchavos com a classe de políticos - fato muito pontuado e atacado por alguns intelectuais - e afirma que pretende fazer uma festa do povo.

No processo de pesquisa encontramos outro sambista dialogando com as instituições que comandavam o Carnaval do Recife, trazendo sua perspectiva de tradição. Desta vez, temos o advogado, Djalma Xavier, o qual se apresenta enquanto possibilidade para a UNESPE nos anos de 1974 diz:

Escolas de samba estão enfrentando problemas para o próximo carnaval

Além das adversidades criadas pelos que promovem o Carnaval e vivem do saudosismo, as escolas de samba tentam com os ensaios atrair público e conseqüentemente ganhar dinheiro para não recorrerem às minguadas subversões oficiais. São elas que no Carnaval dão maior dimensão e amplitude ao tríduo momesco, mas apesar disso vivem marginalizadas, lutando contra agremiações tradicionais, falidas, mas fortes por causa da tradição.²²⁹

²²⁸ **Escola de samba Limonil está revoltada com os resultados.** Diário de Pernambuco. Recife, sexta-feira, 18 de fevereiro de 1972. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²²⁹ **Escola de samba estão enfrentando problemas para o próximo carnaval.** Diário de Pernambuco. Recife, quinta-feira, 18 de setembro de 1974. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Diferente da fala anterior temos uma outra perspectiva de festa ganhando voz. Desde o primeiro momento da narrativa as adversidades enfrentadas pelas agremiações de samba em Pernambuco são destacadas, bem como o apontamento das lutas diárias para sobreviver, seguidas de um argumento que direciona a culpa da oposição as agremiações tradicionais (colocadas como falidas), mas que seguem “fortes por causa da tradição”. Tal narrativa carrega aspectos mais combativos e diretos de luta, possibilitando identificar na fala traços de uma “tradição nova”, onde as escolas de sambas pudessem estar no centro superando as “antigas” agremiações.

Newton Elias participou de algumas reuniões importantes que ganhou espaço público através dos jornais. Uma delas ocorreu no ano de 1991, e foi realizada no auditório do *Jornal do Commercio*, na qual estavam presentes: os pesquisadores Evandro Rabelo e Elza Loureiro, o cantor Claudionor Germano, o Chefe da Divisão de Teatros e Circos da FCCR, e Isolda Pedrosa. O encontro foi pensado como forma de estabelecer novas diretrizes de organização do Carnaval da cidade, realizar reivindicações que seriam documentadas e enviadas ao Prefeito Gilberto Marques Paulo. O evento em questão foi aproveitado pelo Diário de Pernambuco sendo produzida uma matéria que ganha seu título com uma frase dita por Newton Elias:

“Frevo está ruim das pernas” garante presidente da FESAPE

A menos de sete meses do Carnaval, a Federação de Escolas de Samba de Pernambuco (FESAPE) já tem todo o esquema de desfiles pronto. Demonstrando organização incomum em carnavalescos, a entidade elaborou projeto de reestruturação da Passarela Dantas Barreto, palco a céu aberto dos artistas do samba pernambucano. Ao contrário dos 12 mil lugares existentes, a Fesape quer capacidade para 20 mil pessoas. “É o povo que pede, não temos culpa se o frevo está ruim das pernas. O que nós queremos é mostrar que somos bons,” afirma Newton Elias, presidente da FESAPE. [...] Apesar de rejeitada por folcloristas, a FESAPE não demonstra rivalidade com agremiações originais de Pernambuco como maracatus de baque virado e blocos e clubes de frevo.

RIVALIDADE

“Se o frevo diminuir, os sambistas vão perder o incentivo, a vontade de competir. A passarela ia ficar sem graça só com escola de samba”, diz Newton Elias, presidente da Rebeldes do Samba, do Jaboatão dos Guararapes. Sambista de nascimento, Newton Elias garante que o samba é o futuro do carnaval do Recife. “Somos organizados”, justifica.

[...] aliadas a questões ligadas à organização da festa, as reivindicações serão encaminhadas ao prefeito Gilberto Marques Paulo na próxima semana. O documento é resultado de debate promovido pela Editora da Cidade do Diário de Pernambuco, durante os dois últimos dias. Ontem no segundo dia de debate, compareceram ao auditório deste jornal os pesquisadores Evandro Rabelo e Elza Loureiro, o cantor Claudionor Germano, chefe da Divisão de Teatros e Circos da Fundação de Cultura

do Recife (fccr), Isolda Pedrosa, e o presidente da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco (FESAPE), Newton Elias.

Por mais de três horas, o grupo discutiu a falência do Carnaval do Centro do Recife, que necessita ser reestruturada para atender melhor a população e turistas. [...] Incomodado com o sucesso do lançamento anual dos sambas-enredos das escolas de samba campeãs, o grupo sugeriu a realização de concurso de frevo com compositores locais. “Os frevos classificados renderiam um disco, que deve possuir boa qualidade”, prevê Claudionor Germano. [...] ²³⁰

Mais uma vez podemos observar que Newton Elias volta a ‘bater na mesma tecla’: “somos organizados”, o início da matéria já direciona o leitor a captar a FESAPE como uma entidade comprometida com sua classe, que se apresenta cercada de preparo para agir mediante as adversidades. Além disso, o mesmo faz questão de pontuar tal organização em suas falas. Por meio da oralidade compreendemos que tal preocupação se estabelece pelo histórico inicial dos sambistas e suas entidades representativas em território pernambucano, que a priori não tinham tanta força nem estrutura administrativa e legal para sustentar uma representatividade das agremiações de samba.

Outro aspecto que nos chama atenção na matéria em questão, é o fato do próprio jornal ‘brincar’, de certo modo, com o ‘território de disputas’ que foi/é o Carnaval do Recife, quando coloca: “Incomodado com o sucesso do lançamento anual dos sambas-enredos das escolas de samba campeãs, o grupo sugeriu a realização de concurso de frevo com compositores locais”, ato que aponta que as táticas empreendidas pelos sambistas - sob a direção de Newton Elias - eram boas, tanto que foram utilizados pelos mesmos nomes que criticavam veementemente a presença das escolas de samba.

Figura 22 - Newton Elias em debate com pesquisadores no auditório do Jornal do Commercio, 1991²³¹.



Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²³⁰ “**Frevo está ruim das pernas**” garante presidente da FESAPE. Diário de Pernambuco. Recife, domingo, 18 de agosto de 1991. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²³¹ Imagem retirada da matéria “**Frevo está ruim das pernas**” garante presidente da FESAPE. Diário de Pernambuco. Recife, domingo, 18 de agosto de 1991. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Outro sambista da velha guarda que sempre estava sendo convocado para falar nos jornais da época quando o assunto era Carnaval, foi o José Carlos dos Santos, popularmente conhecido como Mestre Lavanca. Em matéria que tratava de uma possível crise vivida pela escola de samba do qual era mestre de bateria - a Gigante do Samba - o mesmo divulga sua ausência no Carnaval de 1972. Além da sua saúde debilitada, o sambista aponta outro aspecto que “pesou” na sua decisão:

Crise em Gigante do Samba

Realmente tenho outras queixas. No ano passado, como nos anteriores, enfrentei sérios problemas por causa da desorganização da escola. Muitos dos diretores abnegados, esforçados e trabalhadores pecam as vezes no excesso e isso complicou o meu trabalho.²³²

Como podemos observar, mais uma vez a pauta desorganização vinculada as agremiações de samba vem à tona, e dessa vez, destacada por outro sambista. Analisando as fontes em conjunto com a historiografia do tema percebemos como havia um estigma nas escolas de samba de Pernambuco de serem desorganizadas. Evidentemente que, tal perspectiva bebe da ideia de se fazer a festa de forma tradicional, ou seja, por meio de regras, trâmites e restrições. Modos operante “abarcado” por muitos sambistas, inclusive o próprio Newton Elias.

Da mesma forma que entendemos os intelectuais enquanto sujeitos diversos propensos a colidirem em uma diversidade de opiniões e posicionamentos, assim visualizamos os amantes do samba. Trazendo um contraponto, visando reafirmar mais uma vez a heterogeneidade dos sambistas, destacamos uma entrevista de Luis Rodrigues da Silva, conhecido no meio como um dos primeiros a fazer samba em Pernambuco:

O samba é espontâneo em todos os seus aspectos. Ele não tem formalidades [...] Se hoje as escolas tem estatuto é somente para seguir as determinações das autoridades, porque o estatuto do sambista ele leva consigo até a morte: é a pureza da sua naturalidade.²³³

Nesse momento chamamos a atenção do leitor para notar o tom quase romântico com que o sambista trata a respeito da “espontaneidade do samba”. A fala traz um entendimento de tradição que se opõe ao conceito de festa baseado nas regras, trazendo como mola propulsora uma naturalidade e pureza da não formalidade. Como se tais características fossem inerentes as agremiações de samba. Fator que será um forte causador de brigas entre os sambistas, onde

²³² **Crise em Gigante do Samba.** Diário de Pernambuco. Recife, quinta-feira, 27 de janeiro de 1972. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²³³

alguns abraçam a ideia de uma tradição baseada nessa "essência" da espontaneidade no fazer e outros assimilam a proposta de tradição baseada na formalidade e regras.

Um dos últimos recortes de jornais encontrados no processo da pesquisa, foi uma entrevista realizada pelo jornalista Valdir Coutinho com Newton Elias de Santana. A matéria que centraliza na história das escolas de samba em Pernambuco que acaba se fundindo com a trajetória de luta do nosso mediador, se preocupa em trazer elementos do cenário histórico de exclusão que as agremiações de samba enfrentaram desde seus primeiros passos na “terra do frevo”:

O maior orgulho do Newton Elias é contribuir para o fortalecer do samba

Newton Elias de Santana não tem complexo nenhum por ser considerado um carnavalesco maldito, reprimido e até ignorado por uns, discriminado por outros. O seu grande defeito - amar e defender o samba na terra do frevo - ele ostenta no peito, como uma estrela luminosa, e transparece no orgulho em assumir a bandeira dos sambistas. Nem sequer experimenta qualquer conflito por ter ajudado tanto, nos últimos anos, ao desenvolvimento, afirmação e projeção do samba pernambucano.

Pernambuco não é terra do frevo somente, mas do samba também. No período colonial o fluxo de negros que vieram para cá, trabalhar no plantio da cana de açúcar, trouxe consigo os elementos da cultura africana, tais como o maracatu, o afoxé, a capoeira, irmãos legítimos do samba. No maracatu, por exemplo, se a gente tira o tarol e o afoxé, está o ritmo do samba, no candomblé, quando se escuta os surdos percebe-se que o batuque é quase o mesmo, com pouca diferença”, diz Newton Elias de Santana. E vai mais além: “Somos reprimidos a cada dia, a cada momento, só porque defendemos o samba, mas não temos complexo nenhum por causa disso; muito pelo contrário, todas as vezes que assim procedem, os puristas da cultura estão acendendo mais o fogo da nossa paixão. Não se desenvolve cultura nenhuma com a morte de outra. O que entristece é saber que os puristas acham que só podem desenvolver o frevo matando o samba, daí porque perseguem os sambistas como cidadãos, negam os seus direitos de livre manifestação cultural e desconhecem as nossas instituições como sambistas. Tristeza sentimos por saber que tal comportamento tão mesquinho não contribui em nada para o brilhantismo e o desenvolvimento da cultura carnavalesca como um todo [...]”²³⁴

Figura 23 - Newton Elias realizando entrevista para veículo jornalístico²³⁵.

²³⁴ **O maior orgulho do Newton Elias é contribuir para o fortalecer do samba.** Recorte de jornal sem identificação. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²³⁵ Imagem retirada da matéria **O maior orgulho do Newton Elias é contribuir para o fortalecer do samba.** Recorte de jornal sem identificação. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.



Fonte: Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Além de fornecer ao leitor um contexto histórico das agremiações de samba na cidade do Recife, podemos captar através da análise do periódico que o próprio Newton Elias possuía um conhecimento histórico dos processos de formação da produção do samba, onde realizava conexões para justificar e legitimar a produção das mesmas em terras pernambucanas. Firme em sua argumentação evidencia o processo de luta, e logo em seguida afirma: “não temos complexo nenhum”, sendo o processo de estar em disputas por um direito de expressar-se culturalmente de forma livre o 'combustível' para continuar ‘jogando’ no cenário dos dias de momo recifense.

Como observado, o sentido de tradição para a classe de sambistas atravessa uma linha tênue entre uma ideia de “nova tradição” – na qual as agremiações de samba ocupavam o espaço das “produções da terra” –, e uma “tradição velha” - vinculada a ideia dos intelectuais regionalistas que pensavam uma festa baseada na “organização” por meio de regras, e tramites burocráticos. Não há uma posição fixa dos personagens em uma ideia só, pelo contrário, os mesmos circulam entre ambas, mudando quando lhes convém.

Desta forma, embebidos em modos diversos de buscarem sua liberdade - em todos os sentidos - a classe de sambistas foi tomando os espaços por meios estratégicos diversos. O caminhar pelo ‘território das palavras’ é apenas um dos locais que os fazedores do samba ocuparam com garra, desavenças e acordos. A classe, mesmo com suas heterogeneidades, estava buscando a nível de comunidade se fortalecer, visando não a exclusão, mas a adesão, pois como destacou nosso mediador em frase que se tornou título do presente tópico: “não se desenvolve cultura nenhuma com a morte de outra”.

4 EXISTIR PARA RESISTIR: TÁTICAS DE PERMANÊNCIA DO SAMBA EM PERNAMBUCO

O samba é a força do povo, até parece temporal. É o sol nascendo novo na manhã de carnaval [...] ²³⁶ (Fabrício do Império/Paulo George)

Como pode ser observado ao longo da trajetória demarcada até aqui, o percurso do samba em terras pernambucanas foi cercado por processos contínuos de luta e resiliência, seguindo quase que linearmente o que nos aponta a historiografia atual referente a história do negro no Brasil. Vestindo a carapuça que lhes foi ofertada de “forasteiros” em sua própria terra, lançados em um processo de disputa cansativo que inovou dia após dia nos ataques contra sua existência, os sambistas de posse de sua maior “arma” - o samba - mostravam que mesmo abatidos, seguiam renascendo como o sol na manhã de Carnaval, bem como aponta o samba imortalizado na voz de Dona Ivone Lara.

O processo de reinventar-se frente aos ataques gerou uma abertura de caminhos de resistência que apontam mais uma vez para múltiplas ações nas quais nosso personagem estava inserido no universo do samba. Neste momento, em específico, embalados pela dinâmica das produções culturais no entorno do carnaval pernambucano, lançamos luz nos feitos de Newton Elias enquanto produtor cultural, momento que ganha vida no processo de pesquisa quando notamos tamanho esforço de articulação para desenvolver bailes, festivais, concursos e um jornal, em sua maioria com um tom opositivo e por vezes de adequação aos modos de fazer a festa local.

Inseridos nas redes que possibilitaram as agitações culturais produzidas por nosso produtor em Pernambuco e articulada com um grupo de carnavalescos e sambistas, buscamos compartilhar com o leitor os processos criativos e percalços de uma mente festiva e inquieta: percorrendo desde a criação dos primeiros encontros produzidos em Jaboatão dos Guararapes com poucos recursos (rodas de samba e ensaios); e consequentemente, a realização de festividades de maior estrutura, com prolongamento de suas edições, entre outros processos que encaramos como meios de resistência e resiliência do samba em terras pernambucanas, como:

²³⁶ Samba de autoria de Fabrício do Império e Paulo George, interpretado por Dona Ivone Lara. Rio de Janeiro, 1982.

gravação de lps e discos de sambas enredo, festival de pagode, maratona estudantil do samba, encontro das baianas, mestre salas, porta bandeiras e o concurso da rainha do samba. Pontuar as atuações do samba com o social como forma de resiliência coletiva e por fim, no último tópico direcionamos nossa análise para o processo de criação do jornal independente de nome “Correio do Samba”, pensado pelo Newton Elias e desenvolvido em parceria com sua equipe, que o direciona ao leitor como canal de divulgação das produções do samba em Pernambuco. O debate ganha movimento a partir da análise crítica e união das fontes orais, jornais e imagens, as quais somadas, nos permitem ter uma dimensão mais ampla do legado do Newton Elias no âmbito da produção cultural.

4.1 Evocando um compasso dubio entre a resistência e a resiliência: concursos, encontros e festivais

O ato de festejar carrega consigo nuances de variadas realidades. Para o povo preto, o momento de celebração em conjunto vai além dos limites do entretenimento e lazer, ganhando signos outros que perpassam pela coletividade e ancestralidade. Em Pernambuco, a população negra ocupou praticamente todos os cantos - sobrados, cozinhas, ruas com o comércio ambulante, igrejas, terreiros de candomblé, lutas políticas, festas, inclusive as carnavalescas - , como nos aponta a historiadora Martha Rosa²³⁷. Tais corpos seguiram produzindo e reelaborando práticas culturais que estão, até hoje, na vida social dos filhos da terra.

A participação e elaboração de festas em dias de Momo seguiram a trajetória da família Elias de Santana como destacado no primeiro capítulo. A familiaridade com os processos de produzir culturalmente, no carnaval, a priori na região de Jaboatão dos Guararapes por meio do samba, fez com que os irmãos, sobretudo o Newton Elias, se tornassem personagens presentes nas memórias dos jaboatonenses. Dona Juleicka Lopes, antiga cidadã da região, nos direciona através de suas memórias, para o despontar dos irmãos nos processos de agitação cultural em meados de 1960:

²³⁷ QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde cultura é política: Movimento Negro, Afoxes e Maracatus no Carnaval do Recife (1979-1995)**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p.154.

Os Elias de Santana era um povo festeiro. Desde os tempos do Joaquim se ouvia falar das cantatas de violão que fazia com seu irmão e do bloco de rua nos dias de carnaval. Os filhos seguiram no mesmo caminho, só que no caso deles as festas contavam com o samba na linha de frente. Eles faziam bingos, encontros, sorteios e tudo começava e terminava em samba [...] ²³⁸

De acordo com os relatos orais, a trajetória dos irmãos na produção de festas na região, teve seu “pontapé” inicial com a volta dos mesmos de sua jornada traumática em Brasília na metade dos anos 60. Após a experiência de gestão do Clube 13 de Maio e sobretudo, criação da Rebeldes do Samba, os Elias voltaram suas produções exclusivamente para o estilo musical, intensificando uma movimentação que estava sendo realizada pelos sambistas presentes da região. Neste momento, observa-se um retorno a proposta das rodas de samba executadas anteriormente, desta vez, autônomos em todo processo, visavam continuar com a ideia de criação de um espaço para fazer samba e confraternizar com parentes e amigos.

Figura 24 - Newton Elias com amigos e familiares em roda de samba em meados de 1965.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Um fato interessante a ser colocado nesse trajeto inicial: é que as primeiras rodas de samba promovidas pelos Elias de Santana (pós desvinculação do Clube 13 de Maio) aconteciam na casa da Dona Corina - a matriarca -, isso, devido ao medo que a mesma tinha de que seus filhos fossem de alguma forma prejudicados pelo envolvimento, já que na época os sambistas não eram vistos com bons olhos - ainda mais se tratando de produtores de samba na “terra do

²³⁸ ARAÚJO, Juleicka Lopes. **Entrevista III** [out.2019] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 3 arquivos. mp3 (3h).

frevo, maracatu e caboclinho”. Como forma de alimentar a sua paixão e a de seus filhos, a então viúva de Seu Joaquim Elias abrigou o estilo musical em sua casa tal qual Tia Ciata, personagem presente na historiografia do samba e símbolo de resistência do que foi produzido no Rio de Janeiro.

Com o tempo, observando que o samba em Pernambuco foi ganhando adeptos, sobretudo, na região de Jaboatão dos Guararapes, os encontros com quantidade limitada de participantes - a priori, centrados nos familiares e amigos próximos -, foi ganhando formato de roda de samba. O famoso “boca a boca” acontecia e corria os quatro cantos de Jaboatão, renovando e fidelizando cada vez mais o público do evento promovido pelos irmãos Elias de Santana.

Era assustador como a notícia da roda de samba corria tão rápido por Jaboatão. Dizem que notícia ruim que corre os quatro cantos, né? Nesse caso era coisa boa, samba! As rodas de samba foram ficando cada vez mais conhecidas e o Newton foi trazendo umas ideias para não ficar a mesma coisa sempre, né. Ele inventou de fazer uma disputa saudável entre os sambistas que frequentavam, uma espécie de concurso de samba de improviso. As inscrições eram feitas na hora... mulher podia participar também, visse! Eu participava! (risos) botava muito macho metido a sambista para beijar meus pés, acredita meu filho? (risos) O público ficava na expectativa de assistir e sambar ao som dos duelos. [...]²³⁹

Podemos observar, de acordo com a fala acima, que com o crescimento de pessoas interessadas nas rodas de samba, Newton Elias visando manter a continuidade dos participantes, passa a pensar estrategicamente, adicionando novidades ao formato que se executava. Além dos novos ares no modo de fazer, temos a abertura do espaço para jovens sambistas/compositoras que passam a ocupar um espaço dominado por homens. Sobre o fato, ao dialogar com as fontes orais percebemos que no início poucas mulheres participavam do concurso. Nesse primeiro momento, a integrante da família que se dispunha a participar era a Laureci Elias de Santana. Com o passar do tempo e a sublevação dos duelos, outras mulheres da região foram ocupando esse espaço.

Figura 25 - Newton Elias nomeando Laureci Elias vencedora do concurso de samba de improviso em 1966.

²³⁹ SANTANA, Laureci Elias de. **Entrevista III** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2019. 8 arquivo. mp3 (4h).



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Inspirado nos ensaios que as escolas de samba do Rio de Janeiro promoviam e promovem até hoje, surge em paralelo as rodas de samba mais um tipo de evento organizado por Newton Elias, que ganha destaque no final dos anos 60: os ensaios abertos. Realizado no pavilhão da Rebeldes do Samba, entre às segundas, quartas e sextas a noite, com o propósito de deixar o público com uma prévia do que estava por vir, os ensaios foram por muito tempo o “carro chefe” da Rebeldes do Samba, pois mesmo sem cobrar um valor de entrada a entidade aproveitava o evento para vender bebidas e comidas direcionando os lucros para seu caixa. É válido destacar, que nesse momento a agremiação de samba em questão não dispunha de verba para desfilar, tendo que contar com a “vontade de fazer” dos integrantes, ajuda de patrocinadores locais e por muitas vezes dinheiro do próprio Newton Elias e seus irmãos.

Figura 26 - Newton Elias em ensaio aberto na Rebeldes do Samba.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

A quantidade de verba direcionada para a criação e manutenção de uma agremiação de samba é elevada. De acordo com a historiografia do tema, ao mesmo passo que o número de

escolas de samba surgiam, muitas fechavam suas portas, justamente pela falta de apoio dos órgãos públicos. Os tramites burocráticos erguidos pelas instituições que comandavam o Carnaval no Recife dificultavam a inserção das escolas de samba no tríduo momesco, e na maioria das vezes, mesmo passando pela barreira de inscrição e validação, muitas não conseguiam seguir devido o baixo orçamento estipulado pela Prefeitura.²⁴⁰

O questionamento levantado pelos sambista sob a representação de Newton Elias foi: como uma escola de samba poderia configurar como agremiação com o menor valor destinado pela prefeitura, sendo esta a que mais precisa de verba, tendo em vista seu nível extremo de alegoria e teatralidade? Em diversos momentos, tal questão foi erguida pela classe de sambistas nos jornais como forma de reivindicar mudanças. Enquanto isso, para sobreviver ao descaso, as agremiações tentavam se manter através da prática dos ensaios abertos, sambas e encontros, onde se cobrava uma taxa para a entrada.

Voltando a questão do tímido concurso de composição promovido pelas rodas de samba organizadas pelos Elias de Santana no final dos anos 60, podemos destacar no âmbito de seu contexto histórico - através dos jornais da época - que, nesse mesmo período, acontecia o Festival da Música Popular. O evento foi sediado no Recife e organizado pelos Diários e Emissoras Associadas do Norte e Nordeste, que abrangia os estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará. Basicamente, possuía uma estrutura grande de concurso, o qual visava promover os compositores, bem como a música produzida no Norte e Nordeste²⁴¹.

Entrecruzando as fontes, podemos conjecturar que o nosso produtor cultural tinha como inspiração o Festival da Música Popular, devido à aproximação das datas. Desta forma, temos a criação do Encontro de Compositores de Pernambuco seis anos depois, criado em uma escala menor e mais direcionado - tendo como alvos Pernambuco e o samba -, que ainda assim, demarca um lugar de espelhamento do que se produzia a nível de concursos musicais no Recife, regidos e idealizados sob uma ótica tradicional de produção. Dito isto, podemos compreender que o evento surge com uma perspectiva de adequação ao que já se produzia.

Assim, em 1984, Newton Elias aparece no Diário de Pernambuco para divulgar o “I Encontro dos Compositores”:

Sambista promove concurso

A União das Escolas de Samba de Pernambuco vai promover amanhã na quadra da Escola Império do Samba na Imbiribeira, um concurso

²⁴⁰ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p. 95.

²⁴¹ Informações retiradas da seguinte matéria: **TV Rádio Clube divulga regulamento do primeiro festival da música popular.** Diário de Pernambuco, sexta-feira, 28 de março de 1969.

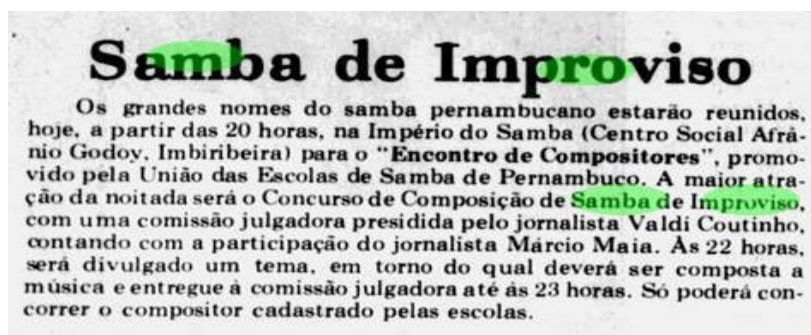
inédito em todo país. Será o “ I Encontro dos Compositores”, do qual poderão participar os 76 sambistas inscritos na entidade, os quais deverão estar na quadra às 22 horas para receber o tema da disputa.

O carnavalesco Newton Elias, presidente da UNESPE, afirmou que o concurso de composição de samba de improviso é inédito em todo Brasil e deverá reunir os componentes de Alas de Compositores das principais escolas do grande Recife e tem o objetivo de reunir os componentes de todas as agremiações.²⁴²

O concurso apresentado em tom de pioneirismo em nível nacional foi pensado, segundo o Newton Elias, como meio de reunir as agremiações filiadas a UNESPE, bem como promover e exaltar a trajetória do samba na capital pernambucana, buscando por meio de uma competição saudável propagar nomes de sambistas que estavam produzindo na região.

De forma marcante, já em sua primeira versão, o " I Encontro de Compositores” contou com o apoio e a divulgação do Diário de Pernambuco, sob a figura do jornalista Valdi Coutinho - responsável pelo caderno de cultura e lazer - que também participou como comissão julgadora:

Figura 27 - Nota do Diário de Pernambuco sobre o Encontro de Compositores de 1984.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

De acordo com as fontes, a primeira edição do “Encontro de Sambistas” - como também era chamado nos jornais -, foi um sucesso de público, fato que foi se intensificando a cada edição. Antes mesmo da disputa, uma atmosfera de curiosidade e tensão se formava, já que em um curto espaço de tempo o tema para composição do samba enredo era divulgado e os participantes tinham que entregar a letra em 1 hora para a comissão julgadora. Em 1984, a primeira edição nomeou como vencedores a dupla de sambistas da agremiação Gigante do Samba, Belo Xis e Mussolini Vieira, que com o tema: “Pernambuco Pioneiro vai de frente

²⁴² **Sambista promove concurso.** Diário de Pernambuco. Recife, sábado, 4 de agosto de 1984. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

liberal” cantaram e encantaram o público, bem como a comissão julgadora. O momento ganha destaque na matéria do caderno de Cultura do Diário de Pernambuco:

Dupla da gigante é a campeã

A dupla Belo xis e Mussolini vieira, da Escola Gigante do Samba, venceu o I Festival de samba de Improviso, promovido na noite de sábado passado, na quadra da Império do Samba, pela União das Escolas de Samba de Pernambuco, do qual participaram 20 compositores.

O tema do samba “Pernambuco pioneiro vai de frente liberal” foi anunciado às 23 horas ficando os compositores com uma hora para elaborar suas músicas e inscrevê-las. Em 2º lugar ficou Matias e em 3º Edson Vieira, ambos da Escola Galeria do Ritmo.

O presidente da UNESPE, Newton Elias de Santana, após o encontro, que alcançou o maior sucesso, anunciou a realização do concurso de sambas “Baianas, nobreza do samba”, cujas inscrições poderão ser feitas até o próximo dia 15. O concurso será realizado no dia 24, quadra da Escola Gigante do Samba, do Alto do Pascoal.²⁴³

Como integrante da dupla vencedora temos o sambista da velha guarda Antônio José de Santana, conhecido por Belo Xis, que desde os anos de 1960 construía seu legado na região. A ideia do samba enredo em questão nos chama a atenção, pois alimenta uma “fome” vigente de alguns pernambucanos da época de se alimentarem de uma tradicional visão de pioneirismo, nesse caso associado a frente liberal. Tais fatos corroboraram para a vitória com unanimidade dos votos. Aproveitando cada oportunidade como se fosse a única, nosso produtor chega a divulgar seu próximo evento intitulado “Baianas, nobreza do samba”, que buscava homenagear a ala de baianas das respectivas agremiações filiadas a UNESPE, e propiciar um momento de lazer e festividade para a população recifense.

Figura 28 - Newton Elias anunciando a vitória de Belo Xis e Mussolini, 1984.

²⁴³ **Dupla da gigante é a campeã.** Diário de Pernambuco. Recife, quarta-feira, 8 de agosto de 1984. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

O I Encontro de Compositores continuou durante os anos seguintes, mas não encontramos a cobertura do evento nos jornais após sua primeira edição. Continuando o processo de busca das fontes jornalísticas a respeito de uma continuidade do evento, encontramos matérias do Diário de Pernambuco de 1987 e 1988 sobre o “Festival de Pagode”:

Pagode premia campeão

Será realizada amanhã, na quadra da Associação dos Moradores da Torre, a finalíssima do Festival de Pagode, promovido pela União das Escolas de Samba de Pernambuco, e que reuniu 120 músicas de componentes das alas de compositores das agremiações associadas da UNESPE.

Newton Elias, presidente da entidade, informou que “esta promoção mostrou que os sambistas pernambucanos tem ótimo nível, comparando-se aos melhores do país. Os vencedores serão premiados com troféus oferecidos pela UNESPE e outras entidades que apoiaram o evento, que teve uma de suas semifinais na cidade de Igarassu”.²⁴⁴

Dez composições disputaram domingo festival de pagode

Dez composições vão participar da finalíssima do Festival de Pagode, promovido pela União das Escolas de Samba de Pernambuco, no próximo domingo, às 13 horas na quadra da escola Rebeldes do Samba na rua Osvaldo Machado, na cidade de Jaboatão.

O presidente Newton Elias da UNESPE, informou que “este foi o maior festival de música popular realizado em Recife nos últimos anos, tendo reunido nada menos que 120 composições de membros das alas

²⁴⁴ **Pagode premia campeão.** Diário de Pernambuco. Recife, sábado, 12 de dezembro de 1987. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

de compositores das diversas agremiações da área metropolitana. A finalíssima será um desfecho sensacional não tenho dúvidas.²⁴⁵

Analisando as matérias em questão em conformidade com o contexto histórico construído entendemos que a ideia pensada para o “Encontro de Compositores” em 1984 foi ampliada, ou melhor, modificada em seu nome se tornando o “Festival do Pagode”. Dialogando com a pesquisa realizada por Nei Lopes²⁴⁶ no entorno da musicalidade produzida pelo negro do Rio de Janeiro, observamos que no ano de 1984 o pagode e o partido-alto estavam em voga na cultura carioca, ganhando destaque em matérias de jornais e em canais televisivos. Tal fato nos leva a conjectura que a sublevação e alcance que o pagode foi ganhando, influenciou diretamente para a popularização do mesmo em outras regiões (como foi o caso de Recife), a qual ganhou um “Festival do Pagode”.

Dentro da discussão acima, podemos ainda pontuar que a própria ideia de trocar o nome do festival justamente quando o pagode estava ganhando reconhecimento nacional (1984), entra como uma possível estratégia de Newton Elias para chamar a atenção do público pernambucano, o qual já estava acompanhando e aderindo a prática do pagode em suas manifestações culturais locais. Pois se pararmos para observar os processos de execução das duas festas, não se nota uma diferença nos modos operantes após a mudança do nome. O que diferencia uma da outra é a disposição dos lugares que as “abrigaram”.

Ao final do evento, os sambistas vencedores recebiam um certificado de participação e um troféu.

Figura 29 - Newton Elias entregando o certificado e troféu ao vencedor no Festival do Pagode, 1987.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²⁴⁵ **Dez composições disputaram domingo festival de pagode.** Diário de Pernambuco. Recife, quarta-feira, 13 de janeiro de 1988. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁴⁶ LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical.** Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1992, p. 179-180

O evento que mantinha suas edições uma vez ao ano, passou a ser realizado duas vezes devido ao tamanho sucesso. Desta forma, podemos conjecturar que parte desse “sucesso”, deve-se a troca do nome do evento para “Festival do Pagode²⁴⁷”. É válido destacar que a popularidade da festa não era proporcional a ajuda de custos disponibilizadas, chegando alguns anos que o evento se sustentava com um esforço coletivo das agremiações e alguns patrocinadores. Analisando de forma conjunta as fotografias do acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco e os jornais podemos pontuar que o “Festival do Pagode” teve vida até os anos de 1996.

Vinculado aos festivais e concursos de samba enredo que buscavam sublevar as produções do estilo musical em Pernambuco, surge a ideia do nosso produtor cultural de registrar as músicas por meio da gravação, como forma de deixar para a posteridade um acervo de sambas enredos produzidos em Pernambuco, e sobretudo, utilizar as gravações como produto que seria vendido para ajudar a manter as produções das agremiações de samba filiadas a FESAPE. De acordo com os registros históricos, o primeiro lp foi gravado em 1989, mas só no ano seguinte, com uma segunda gravação, encontramos uma matéria no *Jornal do Commercio* noticiando o feito:

Escolas de samba gravam lp

A Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, lançou, ontem, pela gravadora Somax, um disco reunindo 10 sambas enredos do Carnaval de 1991, elaborado por mais de 30 compositores, prometendo chegar às lojas no final deste mês. Este é o segundo lp produzido pela entidade carnavalesca que ainda está tentando patrocínio para aumentar o número de cópias.

“Nossos recursos foram destinados apenas a uma tiragem de 5 mil, explica Newton Elias, presidente da FESAPE. Segundo ele, o trabalho foi totalmente bancado pelos autores, através das contribuições vindas das 76 escolas de samba do Estado. No ano passado, quando idealizaram um disco concebido somente por sambistas, a Prefeitura da Cidade do Recife e a fábrica de bebidas Pitú ajudaram no orçamento e pelo menos contribuíram para que o grupo conseguisse mais verba para a produção deste ano.

“Apesar das dificuldades, o LP teve uma boa aceitação na nossa cidade”, garante Newton Elias, acrescentando que semanas antes do Carnaval eles custavam o mesmo preço dos confeccionados pelas escolas do Rio de Janeiro e São Paulo e, ainda assim obtiveram vendagem expressiva.

Confirmado o respaldo com o público, os dirigentes das escolas arregaçaram as mangas e tocaram adiante o projeto, idealizado há mais

²⁴⁷ Para saber mais a respeito da história do pagode ver: ULLOA, Alejandro Sanmiguel. **Pagode**: a festa do samba no Rio de Janeiro e nas Américas. Rio de Janeiro: Editora Multimaís, 1998. LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical**. Op.cit. SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente**: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

de dez anos. “Escolhido o tema, cada compositor dedicou horas na musicalização dos versos até serem julgados pelos integrantes das escolas, passando pelo julgamento de cada passista”, diz Elias, 59 anos, 30 à frente da Rebeldes do Samba.

“Além de acostumar o ouvido do pessoal com o samba, a plateia já vai para a avenida cantarolando nossa harmonia concretizada em palavras tocadas anteriormente pelas rádios”, aposta Newton Elias.²⁴⁸

Enquanto representante legal dos sambistas o nosso produtor cultural toma o lugar da palavra. A fala posicionada nos direciona a pensar no quanto que as agremiações de samba precisavam se articular de diversas formas, por vezes, autônoma, para realizar suas produções. Trata-se de uma matéria de 1989 momento que, segundo os historiadores do tema, encerrava-se os “tempos de glória” das escolas de samba, fator que se intensifica com o começo dos anos 90 em diante.

Mesmo com o início de um declínio, nota-se uma vontade profunda dos sambistas de dar continuidade ao seu legado. As trajetórias destes personagens foram marcadas de estratégias diversas, a exemplo dos primeiros concursos de samba de improviso e o festival do pagode, produzidos com um intuito de gerar um acervo significativo de sambas enredos e transformá-los em áudios gravados, formando um conjunto de documentos históricos que comprovasse a marca do samba produzido em Pernambuco.

Figura 30 - Recorte de Jornal (desconhecido).



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²⁴⁸ **Escolas de samba gravam lp.** Jornal do Commercio. Recife, quinta-feira, 8 de novembro de 1990. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Achado no livro de memórias da Federação das Escolas de Samba, o recorte de jornal acima, sem identificação de data, destaca o início das vendas do disco de sambas enredo, demarcando que mesmo em fase de declínio as agremiações de samba, através da FESAPE conseguiam abertura no “território das palavras” para compartilhar de suas produções, bem como pontuar sua estratégia de documentar as músicas visando eternizar na história seu legado em Pernambuco.

Dentro da cartela de festividades e concursos promovidos por Newton Elias e sua equipe vinculada à FESAPE, temos ainda o concurso de Rainha do Samba. Por meio de um levantamento de dados históricos que apontassem a forma de introdução do mesmo no currículo de festividades promovidas por nosso produtor, notamos que a inspiração veio do concurso de Rainha do Carnaval, realizado no Recife desde o ano de 1957.

Como aponta o historiador Augusto Neves, as belas moças: atrizes, vedetes e artistas ou mesmo representante das agremiações carnavalescas da cidade deveriam candidatar-se para seleção. A coroação, como de costume, acontecia 8 dias antes do início do festejos carnavalescos, e contava com a “organização de um desfile pelas ruas do Recife com os representantes dos grupos carnavalescos que iriam naquele ano em homenagem ao momo”.²⁴⁹ A partir dessa referência, em 1994, chega em terras pernambucanas a proposta do concurso de “Rainha do Samba”.

Nesse caso, em específico, a primeiro momento, sentimos um tom de posicionamento opositivo, tendo em vista que mesmo com as semelhanças dos concursos, Newton Elias, de certo modo, provoca uma estrutura tradicional de festa, trazendo a mesma proposta com uma roupagem que coloca o samba no centro. Entretanto, podemos encarar tal estratégia como uma espécie de adequação, pois traz em seu modo de execução semelhanças como meio de aceitação no ambiente tradicional. Que no final das contas, dialogava com os modos de pensar a festa apresentada por nosso produtor e alguns de seus colegas sambistas.

Dentro do levantamento de fontes jornalísticas, não conseguimos encontrar a primeira edição do concurso de Rainha do Samba. Porém, foi encontrado no acervo da FESAPE, uma matéria na Folha de Pernambuco de 1999:

**Agora é a vez da escolha da Rainha do Samba
Dez concorrentes serão selecionadas amanhã, no Pátio de São Pedro.**

O sonho de ser escolhida como a melhor garota que irá representar uma escola de samba no Carnaval é, para muitas meninas, a maior glória. Amanhã, às 19h, no Pátio de São Pedro, 20 candidatas entre 13 e 28

²⁴⁹ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p. 47.

anos estarão passando pela eliminatória que selecionará 10 candidatas para disputar o título de “Rainha do Samba”. Promovido pela FESAPE - Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, o evento acontece desde 1994 e vem se apresentando, segundo o presidente da FESAPE, Newton Elias, com muitas dificuldades financeiras. Elias conta que as despesas de um evento desta natureza são aproximadamente R\$ 10 mil, e toda ajuda cedida pela Prefeitura do Recife foi a promessa de R\$ 2.300,00. Quem queixa-se também da falta de investimento são as próprias candidatas, muitas delas desempregadas, garantem que tiram dinheiro do próprio bolso para comprar suas fantasias e maquiagens, só para fazer parte do Carnaval. “Acho que já nasci sambando na barriga da minha mãe”, observa uma das candidatas, justificando sua atitude. Mesmo com a falta de recursos e patrocínio, a equipe da FESAPE confeccionou 2000 cds, que tem lançamento programado para hoje às 17h, na Sede da FESAPE que fica na Rua Floriano Peixoto, 85. Elias conta que o custo final do projeto ficou em torno de R\$ 20 mil e lamentou só ter viabilizado da Prefeitura do Recife apenas R\$ 1.500,00. Ele analisa a questão como desinteresse com a cultura pernambucana. ” Ultimamente tem sido muito difícil angariar recursos para a divulgação de nossas músicas, que aliás, servem para enaltecer nossa cultura”.²⁵⁰

Além de ser uma matéria que apresenta a seletiva para o concurso em questão, podemos observar que a mesma ganha nuances de exposições das dificuldades enfrentadas por nosso produto cultural e sua equipe para colocar o concurso em suas respectivas edições na rua. Em determinado momento, o espaço se torna o lugar de cobrar diretamente a Prefeitura do Recife, que contribuía com menos da metade do valor necessário.

Um fato que chama a atenção na matéria é quando as queixas são colocadas pelas participantes do concurso, as quais se empenham de forma autônoma para arcar com despesas de preparo para a seleção. Uma delas afirma já ter “nascido sambando”, como forma de sustentar seu argumento de que no final das contas faz por amor ao samba, pelo vínculo. Fato que é recorrente no discurso dos personagens envolvidos com a produção do samba.

Já no final da matéria, quando Newton Elias se coloca a falar sobre a gravação dos cds e toda dificuldade encarada no processo, o mesmo aponta para um desinteresse do poder público local com a “cultura pernambucana”, referindo-se às agremiações de samba de forma afirmativa, as direcionando para esse lugar de legitimidade e tradição. E encerra dizendo: “ Ultimamente, tem sido muito difícil angariar recursos para a divulgação de nossas músicas, que aliás, servem para enaltecer nossa cultura”, colocando agora o samba não só como parte do tradicional carnaval pernambucano, mas, também, como meio de comunicação da cultura local.

²⁵⁰ **Agora é a vez da escolha da Rainha do Samba.** Folha de Pernambuco. Recife, 1999. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Questionada sobre o processo de criação do concurso de Rainha do Samba e suas semelhanças com o concurso tradicional existente no Recife de “Rainha do Carnaval”, Edjane Elias versa:

Por que a “Rainha do Carnaval”? “A Rainha do Carnaval” representava mais o frevo, pode ver que eles pulam frevo, eles não sambam. O passo no concurso é o frevo. Aí ele pensou então vamos botar a rainha do samba. Aí a gente (FESAPE) incentivou as escolas a pegar a rainha delas e botar no concurso da gente. No final dentre as participantes, eram escolhidas três: primeiro, segundo e terceiro lugar, que era a rainha e as duas princesas do samba, pra não botar o rei e ficar igual [...] No dia do desfile, a gente entrava com um escudo, todo mundo com a camisa da FESAPE, Newton Elias na frente sempre de paletó e a rainha do samba. Ela abria o desfile, como a rainha do carnaval fazia, montada num carro. A da gente vinha sambando se acabando na avenida, abrindo o desfile de canto a canto, era muito bom, era muito lindo.²⁵¹

Analisando a fala acima, podemos identificar mais uma vez a inspiração direta ligado ao concurso de “Rainha de Carnaval”, sendo este direcionado como concurso para enaltecer a produção do Frevo. Para se contrapor ao existente, nosso produtor cria o concurso de “Rainha do Samba” e o pensa em um formato em que estivesse no pódio três vencedoras: duas princesas e uma rainha, isto para não provocar semelhanças mais severas com o outro evento. A diferença também surge no modo de apresentar a rainha, quando a entrevistada relata: “a rainha do carnaval fazia, montada num carro. A da gente vinha sambando se acabando na avenida, abrindo o desfile de canto a canto”.

Figura 31 - Newton Elias, Roseana (filha), Laurenice Elias (filha) Elias apresentando a campeãs do concurso “Rainha do Samba”.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

²⁵¹ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

Como pontuado no segundo capítulo, a citação de grandes personalidades na construção narrativa dos sambas enredos foi por muito tempo usada como estratégia dos sambistas para causar aproximação e vínculo com determinados espaços de seu interesse. Além disso, aconteciam homenagens a personalidades importantes da sociedade pernambucana que também se tornavam eventos festivos.

Como forma de colocar cada vez mais as produções das agremiações de samba em foco, nosso mediador, em conjunto com sua equipe, criou a “Confraternização de Samba de Pernambuco”, realizada no Pátio de São Pedro - Centro do Recife. Antes da festa eram escolhidos nomes de personalidades que contribuíram efetivamente no Carnaval no ano, sobretudo, com o samba. Em determinado momento da festividade, as categorias e seus homenageados eram narrados em conjunto com um mar de aplausos direcionados aos vencedores (as). No livro de lembranças da FESAPE encontramos um recorte de jornal que comprova a tática empreendida pela classe de sambistas:

Figura 32 - Recorte do Jornal Diário de Pernambuco. 1989²⁵².



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Interessante destacarmos, que ao visualizarmos os nomes que configuram a lista de homenageados - constituída pelo prefeito da cidade do Recife, diretor da Fundação de Cultura do Recife, Comissão Coordenadora do Carnaval, diretor da TV Jornal e jornalistas - podemos conjecturar os acordos que foram realizados entre as partes para que o trabalho realizado por Newton Elias - enquanto representante das agremiações de samba - pudesse ir a diante. Portanto, o momento além de homenagear tinha uma pretensão de demarcar o lugar de personalidades pernambucanas apoiadoras do samba.

²⁵² **Homenagem.** Recorte de jornal sem identificação. Acervo da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

A categoria de eventos festivos denominado de encontro foi muito utilizado por nosso produtor cultural. Dentre os quais destacamos: o Encontro das Baianas e de Mestre Sala e Porta Bandeira. De acordo com os relatos orais, os encontros aconteciam uma vez ao ano desde o início dos anos de 1980, tendo suas diretrizes organizadas pela FESAPE. Quando perguntada sobre as memórias dos encontros, Tia Dinha versa:

Pois é, ele gostava muito de fazer esses encontros. Acredito que inspiração dele veio do que já se produzia, principalmente na Gigantes do Samba. Lá tinha o encontro das baianas bem conhecido. Aí ele pegou a ideia e fez um evento mais geral, você me entende? Não era um concurso, como o de rainha do samba, era um encontro aí tinha o da baiana, mestre sala e porta bandeira. Geralmente acontecia no Pátio de São Pedro ou no pavilhão da escola campeã do ano, que geralmente era a Gigante do Samba. A gente da Fesape solicitava a presença da ala tema do encontro e as escolas filiadas mandavam alguns representantes. Eles recebiam um diploma e tinham vezes que era uma medalha. Era uma verdadeira confraternização, sabe. Todo mundo se encontrando presidente se abraçando – galeria (do ritmo) e gigantes do samba) que viviam de guerra-, era muito bom[...]”²⁵³

A respeito do Encontro de Baianas, dialogando com a pesquisa do Roberto Pergentino²⁵⁴ identificamos a importância da baiana para uma escola de samba. São elas que na maioria das vezes se encarregam de orientar os mais novos e repassar vários saberes, detentoras de um status no “íntimo da escola” como nas apresentações.

Podemos estabelecer um paralelo ainda, em que as baianas são para uma escola de samba como mães acolhedoras que estão sempre prontas para ouvir e aconselhar. É impressionante o vínculo que elas estabelecem com o espaço físico e com as pessoas. Essas mulheres sentem-se no dever de passar os saberes da escola para todos; entendendo esses saberes como tradições que precisam ser mantidas pelas novas gerações. Os saberes que elas resguardam são passados de forma oral e na prática. Tal perspectiva se configura, sobretudo, devido a relação das mesmas com o Candomblé, o qual demarca o lugar da religião de matriz afro brasileira nas agremiações de samba.

Dito isto, a respeito dos encontros de modo geral, podemos conjecturar que a ideia de celebrar a existência das agremiações de samba se mantinha viva através da feitura dos encontros, bem com as demais festividades produzidas por Newton Elias. Sem deixar de considerar, também, a ideia de beneficiar e reconhecer o esforço individual de cada ala ao se dedicar ano após ano nos desfiles. Realizar um encontro direcionado para determinada ala,

²⁵³ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

²⁵⁴ CANDEIAS, Paulo Roberto Pergentino. **Os saberes da escola Gigante do Samba**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFPE: Recife, 2019.

denota uma atenção, carinho, respeito e reconhecimento dos que davam movimento as agremiações de samba. O troféu e o certificado além de objetos simbólicos perpassam pelo lugar da conquista, motivo de orgulho para os “filhos do samba”.

O momento da festa para o nosso produtor além de ser um lugar de comemoração e confraternização com os seus, foi também, um lugar de erguer a bandeira da produção do samba como forma de dizer: “estamos vivos e produzindo!” Como apresentado, por vezes as estratégias representadas na produção dos concursos aparecem entrincheiradas em resistência opositiva, mas em outros eventos surgem com um tom de adequação e resiliência. Fator que demarca mais uma vez o lugar dos sambistas enquanto agenciadores no campo de disputas simbólicas em torno do universo tradicional da festa no Recife.

4.2 Escolas de Samba em diálogo com o social: oficinas educativas na Rebeldes do Samba

Para além das táticas forjadas pelos amantes do samba para serem inseridos no tradicional Carnaval pernambucano registrado até então, não podemos deixar de lado as constantes estratégias montadas pelos sambistas para contribuir diretamente impactando o social de suas comunidades. Por trás de uma narrativa de paixão e dedicação ao samba, por vezes, explicada com um: “tá no sangue”, existiam pessoas, na sua maioria de pele preta, que sofreram e ainda sofrem com o descaso do poder público e que antes mesmo de sambar precisavam pensar estrategicamente meios para sobrevivência.

Assumindo um papel que é do Estado, as agremiações de samba em Pernambuco além de pensarem constantemente como iriam se manter em uma forma de fazer o Carnaval por vezes excludente, também se tornaram suporte para alimentar as carências sociais das respectivas comunidades de origem, trazendo por meio da educação não formal uma possibilidade de conhecimento com um impacto social direto.

Antes de partirmos diretamente para trazer algumas das oficinas pensadas e criadas pelo nosso produtor cultural - pensado enquanto, também, representante legal da classe de sambistas - queremos trazer para a discussão especialistas da educação que pensam sobre “educação não

formal”, para que assim o leitor possa compreender como essa se fazia para além da teoria com as agremiações de samba em Pernambuco.

De acordo com a pesquisadora Maria da Glória Gohn²⁵⁵, a educação não formal é um processo de cidadania que se mostra presente em muitas lugares, inclusive, nos movimentos sociais. Partindo de uma educação com intencionalidades mesmo estando fora do ambiente escolar observa-se um objetivo no aprendizado.

Diferente da perspectiva da educação formal, nos processos de aprendizagem na educação não formal o educador não é necessariamente o professor. Nesse modo de se fazer educação “há a figura do educador social, mas o grande educador é outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos”²⁵⁶. Tal educação passa a se materializar por meio da organização de determinados grupos - como as agremiações de samba - sendo uma educação que é adquirida e passada a diante.

Como destaca o pesquisador Paulo Roberto Pergentino, o processo de aprendizagem na educação não formal aflora das vivências de situações problemáticas. Havendo sempre intencionalidades no caminho do conhecimento. Nesse aspecto, Gohn soma no diálogo, versando:

A educação não formal ocorre em ambientes e situações interativas construídos coletivamente, seguindo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é operativa, mas pode ocorrer por força de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiências e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato de escolha em dados processos ou ações coletivas.²⁵⁷

O que nos é apresentado enquanto educação não formal dialoga com as propostas empreendidas pelas agremiações de samba em Pernambuco. Pois a partir de processos vividos e que foram convertidos em experiência prática, Newton Elias e um conjunto de sambistas, buscam inserir - por meio da escola de samba - processos de aprendizagem para uma educação que possibilitaria uma possível melhora de vida, bem como, o mínimo da dignidade que lhes foi negada, fazendo, por exemplo, com que os beneficiados pudessem assinar seu nome.

Seguindo os rastros deixados por meio das fontes históricas, nesse caso específico, documento que foi redigido a próprio punho pelo nosso produtor cultural, observamos que desde a fundação da escola Rebeldes do Samba - em documento inaugural - Newton Elias faz

²⁵⁵ GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio. Educ, Rio de Janeiro, v.14, n 50, p. 27-38, 2006.

²⁵⁶ GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. Ensaio. Cortez, p. 16-17, 2010.

²⁵⁷ CANDEIAS, Paulo Roberto Pergentino. **Os saberes da escola Gigante do Samba**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFPE: Recife, 2019.

questão de pontuar a função social da entidade para além de um lazer momentâneo em tempos de folia, dizendo que:

[...] os objetivos serão: desenvolver e divulgar o samba, animar os foliões, carnavalescos internos e de rua, quer no período de carnaval, quer fora dele, dentro ou fora deste município de Jaboatão, promover o esporte, literatura e recreios em sua sede própria.[...] ²⁵⁸

O fato de ter como um de seus objetivos a educação se confirma mais uma vez quando paramos para analisar a imagem da bandeira pensada pelo Newton Elias para a Rebeldes do Samba - criada em 1962 -, que dentre as quatro figuras em destaque temos um livro. É válido destacar que por meio destas prioridades da escola que as produções culturais de Newton Elias vão ganhar vida. A educação como instrumento de mudança social é uma delas e tem seu primeiro passo em meados dos anos de 1980.

Figura 33 - Brasão da bandeira da Rebeldes do Samba.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

De acordo com os relatos orais de Tio Nino, a primeira oficina a ganhar vida foi a de alfabetização, pensada para os moradores da comunidade das Malvinas, sobretudo os integrantes da Rebeldes do Samba. Tendo como professoras as irmãs do meio Laureci Elias de Santana e Laurene Elias de Santana, as quais possuíam o magistério e atuavam no ensino público de Jaboatão dos Guararapes, as primeiras turmas (duas) com 15 alunos ingressava no ano de 1985 no mundo do letramento. Não havia uma faixa etária específica, mas a idade dos

²⁵⁸ Trecho retirado da ata da primeira reunião da Rebeldes do Samba em 1962. Acervo pessoal da família.

inscritos variava entre os 30 e 50 anos. As aulas aconteciam toda semana, no turno da noite, no pavilhão da Rebeldes do Samba.

Após o processo inicial de aprendizagem e acompanhamento, surgem em paralelo, aos domingos à tarde, oficinas de leituras abertas aos moradores da comunidade. Visando dar continuidade ao caminho de letramento, como também inserir a população no universo da literatura, as reuniões foram ganhando popularidade na região, tornando-se uma opção de lazer do final de semana para as crianças e o momento para que os adultos - alunos -, colocassem em prática sua leitura. Sobre as primeiras oficinas Nelzon Elias pontua:

O negócio das oficinas foi o seguinte: Desde o começo da escola que “Newtin” pensava nelas, ele queria muito, falava muito sobre elas, mas não sabia como começar. Mas aí, passou um tempo, muito tempo mesmo, acho que ele já tava como presidente da FESAPE, aí não teve demora, conversamos sobre, nesse tempo eu já era presidente da Rebeldes do Samba e fiquei alegre junto com meu irmão de colocar em prática um projeto que surgiu com o nascimento da Rebelde [...]. [...] “Newtin” ficava tão triste em ver as pessoas, da nossa comunidade, gente que jogava bola com a gente ou que festejava com a gente na Rebeldes sem instrução, sem um ofício, tinha formação de nada né. E “Newtin” defendia muito pra gente a importância dos estudos, ele brigava muito com pai quando ele era vivo por isso, porque nosso pai queria que a gente estudasse mas trabalhasse também. E Newton não aceitava... Aí pra começar as oficinas pensamos em alfabetizar primeiro e trabalhar com leituras dos clássicos né?! Tanta coisa bonita que os branco lia, o pessoal da comunidade precisava conhecer também.²⁵⁹

Analisando o relato oral podemos observar mais uma vez que o sonho de realizar ações sociais na comunidade surge com a criação da Rebeldes do Samba, mas a possibilidade só veio quando nosso produtor cultural passa a presidir a FESAPE, cargo e lugar que alavancou seu nome como uma referência no meio cultural, sobretudo do samba, possibilitando-lhe estar em diálogo com possíveis parceiros.

Outro aspecto que nos chama a atenção no relato de memória é como Newton Elias, enquanto homem negro, traz em seu modo de pensar a vida uma preocupação constante com os seus, algo que se reflete em toda sua trajetória erguida até aqui, que foi permeada por processos estratégicos contínuos de fazer o samba - bem como e antes de tudo -, contribuir positivamente para a sobrevivência dos seus. O modos operante de pensar baseado em um sentido coletivo é um aspecto que atravessa sua trajetória, entretanto, não se apresenta como regra, mas se compõe a partir de vivências negras registradas (em sua maioria) com base no coletivo.

²⁵⁹ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h)

Ambientado no palco dos ensaios e festas realizadas pela escola, o galpão da Rebeldes do Samba abrigou as oficinas, tornando-se um ambiente para instrumentalizar as pessoas da comunidade. Mediante as redes de sociabilidade erguidas durante sua trajetória Newton Elias contou com a parceria da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes, que disponibilizou cadeiras para os alunos, bem como as impressões dos materiais didáticos que foram disponibilizados durante o curso. O tempo foi deixando mais forte o compromisso e rigidez das oficinas, as quais cresceram em número de alunos e cursos.

Passados os primeiros cinco anos de formação continuada, são adicionados a grade de oficinas os cursos de contabilidade básica e corte e costura. O primeiro, contou com a participação do próprio Newton Elias como professor, o qual possuía experiência no ensino público, como também em escritório. Seu irmão mais novo, Nelzon Elias nos conta da tamanha alegria que seu irmão tinha em atuar como professor:

Já escutei muito por aí que para ser professor tem que ter o dom, mas muita garra para seguir no mundo do ensino. A nossa família, graças a Deus tem muito professor. O Newton mesmo era apaixonado por ensinar do mesmo tanto que era apaixonado pelo samba, meu filho. Quando as coisas foram melhorando com relação aos apoios, ele não teve demora, criou uma oficina na área dele, né? Era uma das felicidades dele ensinar o povo da escola algo fora do samba, que ele fazia muito bem, que era o ofício de contador. Ele sabia que as pessoas só precisavam de uma oportunidade para crescer na vida e fez o possível para ajudar seus alunos.²⁶⁰

A fala acima reforça a ideia de que boa parte da família Elias de Santana se identificava com o ofício de professor, fator que desemboca mais uma vez na prioridade da educação como pauta da agenda do nosso personagem. Além disso, nos coloca de frente com agremiações de samba, que queria ser uma geradora de possibilidades para um público fadado a falta de oportunidades.

Com um largo sorriso no rosto “Tio Nino” conta como ficava feliz quando um ex participante das oficinas que não sabia ler ou executar algum ofício básico, chegava em sua casa contando que estava trabalhando na área ou pensando em entrar em uma faculdade. Um em especial, lhe veio em memória:

Jorge Henrique da Silva, tinha 20 anos, trabalhava como ajudante de pedreiro para ajudar a mãe idosa que era impossibilitada de andar. Jorge era uma exceção no perfil de alunos que as oficinas abrigavam, a maioria dos alunos eram da faixa etária de 30 aos 50 anos. Lembro que depois do dia de trabalho ele se deslocava para o pavilhão da Rebeldes (do Samba). Nunca perdia uma aula, era

²⁶⁰ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h)

aluno da turma de contabilidade do ano de 1992. Jorge se mostrava um aluno tão aplicado que acabou ganhando uma ajuda de custo de seu professor (Newton), que admirava muito aquele rapaz. Depois que terminou o curso, foi chamado pelo Newton para trabalhar com alguns de seus filhos no escritório de contabilidade. Bonita história, né? Ele ajudou muita gente...²⁶¹

De acordo com as pesquisas desenvolvidas pelo historiador Augusto Neves no entorno do samba enquanto música e produção cultural, observa-se que no processo de formação acontecia um envolvimento tanto da mulher como do homem. Indo mais além, afirma-se que existiram agremiações de samba em Pernambuco fundadas e formadas apenas por mulheres, mas essas não ganham tanta luz no jogo historiográfico. No caso da Rebeldes, o sonho de formar uma escola de samba partiu dos filhos, que se aliaram à mãe, que por motivos de gênero da época, não pode participar legalmente do grupo de coordenação e presidência.

Mamãe tava com a gente quando fizemos a primeira reunião. Ela até assinou a ata dos presentes. Mas...é, é ela era mulher né, aí naquele tempo não podia, mulher direita tá envolvida nessas coisas. Coisa de ‘preto malandro’! Como filhos, nós tínhamos que preservar a imagem da nossa mãe né?! O que o povo ia falar se visse o nome dela no documento como participante da presidência. Ela não gostou muito, tinha uma personalidade muito forte, sabe? Mas não tinha como. Ai, como é? Ela ficou ajudando nos ensaios, ela fazia quase tudo que um integrante da presidência, só não podia ter o nome lá.[...]²⁶²

O papel marcante das mulheres na emblemática figura de Dona Corina, foi uma imagem que todas as integrantes (parte da família ou não) carregaram consigo, como exemplo de força e determinação. Essas tiveram seu destaque confirmado nas ruas das cidades, sob as vestimentas da alegre e contagiante rainha de bateria, no molejo e tradição das baianas, nos cortes rápidos e passos compassados da porta bandeira, na graciosidade e simplicidade do setor infantil, que dava um ar mais leve a tantas pressões vividas nos bastidores e preparação de uma escola de samba.

A imagem da figura feminina foi além das questões ligadas ao samba, tendo sua participação destacada com as oficinas de letramento como destacado, e nas oficinas de corte e costura pelas irmãs Lauriene Elias de Santana e Laureci Elias de Santana em meados dos anos de 1990. As irmãs que também eram responsáveis por parte das costuras de roupas da Rebeldes, ensinavam preceitos básicos da costura, estimulando nas alunas um ofício que com o tempo foi perdendo mão de obra, o da costureira.

²⁶¹ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h)

²⁶² Idem.

É válido salientar, que mesmo sendo um ato simples com poucos colaboradores, as oficinas contaram com uma organização, sobretudo no âmbito documental - algo característico do nosso produtor cultural -, pois além das pastas de registros e propostas para as aulas, esquematização das temáticas que seriam abordadas e material didático, a cada aula passavam as atas de frequências, tendo como objeto um controle da frequência dos alunos, que serviria como registro para a posteridade de comprovação do serviço prestado à comunidade.

Porém, como relatou “Tio Nino”, com as fortes chuvas dos anos 2000, a sede que para além dos festejos e ensaios, servia como depósito dos registros em papel da escola, troféus e grandes peças para os carros alegóricos, foi inundada, perdendo quase todas as documentações referentes à escola. Muitas coisas foram resgatadas com uma taxa menor em danos, mas outras se perderam. As atas entre outros documentos referentes às oficinas fazem partes desses últimos. O infortúnio abalou todos os integrantes da escola, que fizeram um grande mutirão para recuperar o que podiam. Mesmo com o coração dilacerado ao ver as peças em ferro dos grandes carros alegóricos enferrujando com o tempo e alguns dos documentos que certificava alguns feitos da Rebeldes do Samba perdidos ou sem chance de restauração, o presidente tirou forças de onde não tinha para superar mais um obstáculo.

Pense numa coisa difícil. Ver que a água tinha levado nossas conquistas. Mas aí eu pensei comigo, né?! Não vou deixar isso parar a Rebeldes não, se bem que por aí ela já num tava muito bem das pernas, mas eu disse: Vou pensar nisso não, não posso deixar ela morrer, muita coisa, muitas coisa mesmo que a gente passou pra conseguir ta aqui meu filho! Eu ia jogar tudo pro alto? Que nada! Não tive demora, chamei os meninos, maioria da bateria, pronto, bora recuperar as coisas que der, o que num dê não deu, mas bora tentar. As mulheres ficaram de recuperar algumas das fantasias que ficavam lá, da porta bandeira e do mestre sala, as das baianas, essas coisas, e os homens pra tirar o grosso, porque ficou muito lixo e barro nas salas onde a gente guardava as coisas.²⁶³

Ao término dos cursos, os alunos ganhavam um ‘certificado simbólico’ como forma de mostrar para eles uma conquista alcançada. Mesmo sem um valor de caráter documental, os alunos adoravam ver seus nomes em destaque, sinalizando que tinham passado por um curso que ajudaria com a parte prática de entrar no mercado de trabalho. A importância do certificado para essa população conversa muito com o novo ‘grau de liberdade’ que o sistema escravista implantou. Reconhecer seu nome em um simples papel carrega uma soma de sentimentos que vai bem além do lógico. Além dos certificados, aos alunos que se destacavam, de cada turma,

²⁶³ SANTANA, Nelzon Elias de. **Entrevista I** [jun.2018] Entrevistador: Samuel Santana, 2018. 1 arquivo. mp3 (4h)

era entregue um troféu. O Jorge Henrique, citado nos parágrafos e lembrado por “Tio Nino” foi um desses.

Figura 34 - Newton Elias realizando a entrega dos troféus no final do curso de contabilidade básica.

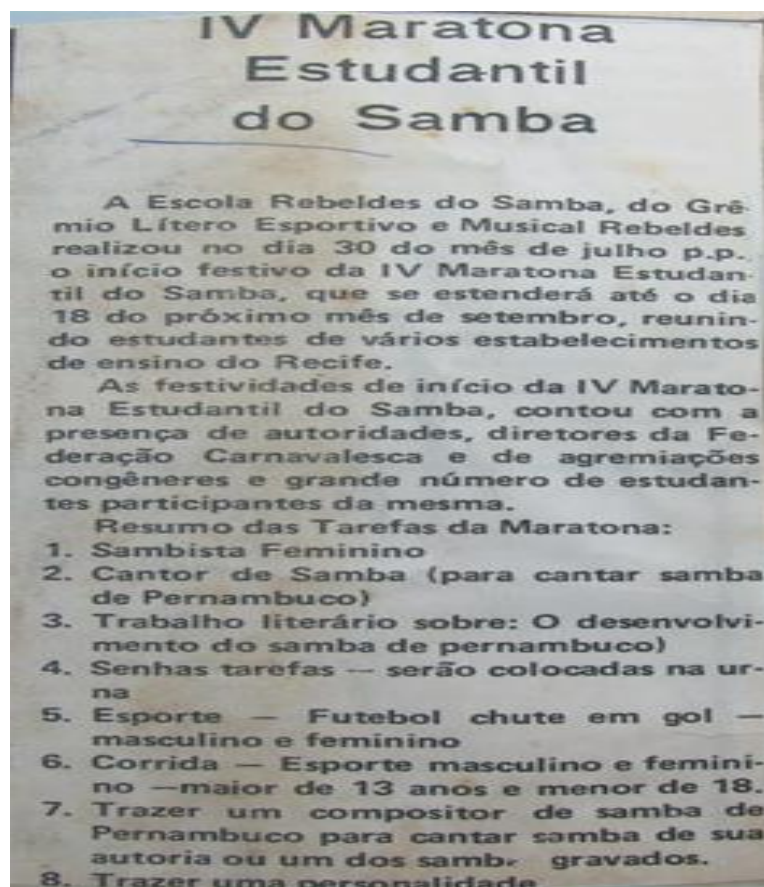


Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Além das oficinas ligadas ao âmbito da educação não formal, o nosso produtor cultural produziu também em parceria com a Rebeldes do Samba a “Maratona Estudantil do Samba”. A ideia foi gestada na própria escola, onde funcionava o “Grêmio Littero Esportivo e Musical Rebeldes”, que foi pensado pelo Newton Elias como um setor da Rebeldes que trataria dos eventos ligados ao campo de interesse da escola, ou seja, educação, esporte, música e lazer.

Mediante as pesquisas realizadas em acervos documentais em busca de uma datação da primeira maratona, encontramos três peças que citam diretamente o evento. A primeira trata de um recorte de matéria no jornal (desconhecido), sem datação - estimada ser do ano de 1980 -, encontrado no livro de memórias da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco:

Figura 35 - Recorte de jornal (desconhecido).



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

O recorte além de trazer informações mais gerais a respeito do evento, como: agremiação realizadora e datas, nos aponta uma programação completa das atividades desenvolvidas, que nos direciona a compreender como a maratona foi pensada, quais públicos visava atingir e, sobretudo, demarca mais uma vez as “diretrizes chave” da agremiação organizadora e de seu idealizador. A educação, esportes e lazer mais uma vez se fazem presentes, demarcando ainda a presença feminina em um espaço extremamente masculino.

Outro aspecto que nos chama a atenção exposto no ponto 2 e 7, é o grau de importância dado aos produtores de sambas pernambucanos, fator que somados as demais fontes em destaque nos possibilita conjecturar uma tentativa de erguer na memória cultural local um “samba à pernambucana”. Que não só visa demarcar o lugar de cantores e compositores de samba, mas também, a existência de uma produção legítima, com características locais, traços que dialogam com a maneira de pensar de alguns intelectuais regionalistas.

O segundo recorte de jornal foi encontrado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Trata-se de uma pequena nota de divulgação do “Festival do Samba” - outro evento produzido por Newton já citado - na qual também é citado a distribuição dos troféus aos colégios vencedores da “Maratona Estudantil do Samba”:

Festival do Samba

Comunicamos que se realizou no dia 4, no Cine-Teatro Samuel Campelo, em Jaboatão, a finalíssima do V Festival de Samba de Pernambuco, promovido por este Grêmio.

Na ocasião foram distribuídos vários troféus entre as escolas que desfilam no carnaval oficial de Pernambuco, denominados “Fundação de Cultura Cidade do Recife”, Moacir Luna”, “Juarez Albuquerque”, “Prefeito Geraldo Melo”, “Manoel Malta”, “Fernando Tenório” e outros, premiando sambas-enredo, sambas de outros estilos, compositores, interpretes e colégios campeões da Maratona Estudantil de Samba.²⁶⁴

A terceira, trata de uma pequena nota no caderno “interior social” do Diário de Pernambuco de 1986. Direcionado para a divulgação de eventos sociais ligados a Jaboatão dos Guararapes destacando que: “A escola Rebeldes do Samba estará enviando convites para a V Maratona Estudantil do Samba”.²⁶⁵ De acordo com a oralidade, a divulgação do evento ganha pequenas notas de divulgação, sendo de costume o envio dos convites para as escolas (privadas e públicas) para a Maratona Estudantil do Samba.

Ainda sobre a Maratona Estudantil de Samba, Tia Dinha destaca:

Essa Maratona Estudantil era assim: ele ia nas escolas e fazia o convite. Era um concurso entre as escolas. Tinham escolas particulares e municipal, era misturado. Tinham algumas competições, como: corrida, corrida no saco, e outros jogos. No final tinha samba. Cada escola botava uma menina para sambar, tinham medalhas, troféus. Isso tudo entre as escolas da região [...] Não lembro de datas porque nessa época eu era pequena, cheguei a participar como representante da minha escola. Lembro que eles anunciavam: “tá na final colégio tal”, e os meninos das escolas chegavam de ônibus com a farda[...]”²⁶⁶

Por meio da fala acima, podemos compreender o interesse de Newton Elias em produzir eventos contanto com a parceria dos colégios da região, pois ao mesmo tempo que estava gerando um lazer para as crianças vinculadas as escolas participantes, também estava “plantando” no que podemos chamar de “memória cultural” uma ligação com o samba que, por conseguinte possui uma ligação territorial, já que parte dos sambistas reafirmavam a existência de um “samba à pernambucana”.

Dentro do contexto apresentado, a escola de samba sempre foi um espaço de trocas de saberes de acordo com o que traz o dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

²⁶⁴ **Festival do Samba.** Diário de Pernambuco. Recife, quarta-feira, 14 de janeiro de 1981. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁶⁵ **Jaboatão.** Diário de Pernambuco. Recife, sábado, 27 de setembro de 1986. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

²⁶⁶ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h).

Nacional (IPHAN). Ainda segundo o referido dossiê, “o próprio termo “escola” de samba refletiria as expectativas e a responsabilidade das primeiras comunidades populares que ganham estabilidade nessas formas de organização”²⁶⁷

Além das expectativas de ser nas agremiações de samba o lugar que se aprende o samba, se analisarmos os dados históricos, notamos que o termo “escola” era utilizado muitas vezes para driblar a repressão policial que acontecia em desfavor do samba na cidade do Rio de Janeiro. A organização do samba enquanto elemento estético e musical ficou inicialmente por conta das tias baianas (donas de terreiros de candomblé); sendo a mais famosa delas a Tia Ciata (Hilaria Batista de Almeida).²⁶⁸

É válido pontuar que a dimensão escolar das agremiações de samba aparece com certa recorrência na historiografia do tema. A Gigante do Samba e suas dinâmicas com educação, por exemplo, foram analisadas por meio da dissertação de mestrado em educação desenvolvida pelo pesquisador Paulo Roberto Pergentino, o qual identifica na programação social da escola oficinas das mais variadas, possibilitando a comunidade um acesso aos meios culturais logo cedo. A maioria delas tem uma ligação com processos de aprendizagem para alimentar a própria escola, ou seja, promover o interesse e a formação de novos integrantes para a escola de samba.

Desta forma, por meio dos ensaios abertos, a população atraída pelo espaço e sonoridade passam a observar os ensaios e logo em seguida demonstram o interesse em participar efetivamente e aprender. Por meio da análise de Pergentino em diálogo com Carlos Rodrigues Brandão²⁶⁹ trata-se “de uma forma comunitária de ensinar e aprender. Tal processo, ajuda na formação de uma identidade, que significa dizer que se aprende um determinado saber que tem seu início com o processo de observar.

Entrecruzando as fontes orais nota-se que a maioria dos processos de formação das escolas de samba em Pernambuco, parte do lugar de aprendizagem pela observação. Pois grande parte das agremiações são formadas por moradores próximos do seu pavilhão. Fato que vai criando uma espécie de cultura local, onde a mensagem é passada pela oralidade do mais velho ao mais novo, criando um círculo que retroalimenta a produção do samba.

Portanto, fica perceptível que de alguma forma a educação não formal de acordo com Moacir Gadotti somado ao cenário histórico no qual as agremiações de samba em Pernambuco

²⁶⁷ IPHAN, DOSSIÊ. 10 **Matrizes do Samba no Rio de Janeiro**: partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Iphan, Brasília/DF, 2007p. 34.

²⁶⁸ DE MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

²⁶⁹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 57. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

estão inseridas, atua no campo das emoções e sentimentos²⁷⁰. Essa educação é, portanto, perpassada por gerações a partir de práticas e experiências anteriores. Em síntese, é o conhecimento do passado que organiza o conhecimento do presente.

4.3 Construindo um “território das palavras” nosso: análise do Correio do Samba

Desde o processo de oficialização do Carnaval em meados dos anos 1950 as escolas de samba sofreram perseguições em território pernambucano pela classe de intelectuais, que com o poder da palavra e espaços para disseminar suas opiniões afirmavam que as agremiações de samba era uma prática carioca e sua presença no Carnaval recifense iria descaracterizá-lo, o tornando uma caricatura dos festejos do Rio de Janeiro. Para evitar essa “invasão” a classe em pauta utilizou dos jornais da época para emitir suas opiniões a respeito e sobretudo, provocar uma formação nos leitores de uma “verdade” narrada a partir de uma perspectiva tradicional de Carnaval.

Nomes como Valdemar de Oliveira (Diário de Pernambuco), Leda Alves, Alberto Campelo (Correio do Povo - Coluna Freza Vida) e José do Patrocínio (Correio do Povo) aparecem com frequência na pesquisa de levantamento documental, escrevendo matérias que visavam rebaixar a produção das escolas de samba em Pernambuco. O fato de deter “o território das palavras” lhes atribuía tamanho poder de emissão que os sambistas por sua vez não tinham.

Após o processo de oficialização do Carnaval a pauta de defesa de uma festa tradicional continuava, mas no início dos anos 1960 o tema que passa a ganhar força é o que a antropóloga Katarina Real chama de “batalhava frevo x samba”²⁷¹, expressão tomada de empréstimo pelo pesquisador Hugo Menezes para um aprofundamento maior de análise. Por meio da pesquisa com os jornais, nota-se que os jornalistas se deliciavam com os prós e os contras que a batalha frevo-samba provocava. Assim, qualquer opinião a respeito da crise entre frevo e o samba teria grande chance de virar manchete.

²⁷⁰ GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf.

²⁷¹ NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo**. As escolas de samba no carnaval do Recife. Op.cit. p.98.

De acordo com Katarina Real²⁷² a tensão e uso da temática ganhava força devido ao aumento expressivo das agremiações de samba no Recife, sobretudo devido a ação da indústria fonográfica na divulgação nacional dos sambas enredos do Rio de Janeiro e transmissão televisiva do desfile, que passa a ocorrer em Pernambuco a partir de 1961. Desta forma, o início dos anos 1960, é marcado pela sublevação em número das escolas de samba, chegando a causar preocupações as agremiações mais tradicionais e os defensores de um Carnaval estritamente “pernambucano”.

O contexto histórico levantado nos mostra que mesmo em fase de grande projeção nos anos de 1960 a 1970, as escolas de samba só eram lembradas pelos jornalistas e suas matérias quando: tratava-se de coloca-las no lugar de “produção alienígena”, caricaturas do que se produzia no Rio de Janeiro e evidenciar uma batalha com as “produções da terra”. Pensado de forma estratégica os processos de escanteamento do samba na região se dava minando possíveis oportunidades de que os próprios sambistas pudessem caminhar pelo “território das palavras” e lançar suas vozes.

Como destacado ao longo do texto, todo e qualquer grupo não abriga em si uma homogeneidade, pelo contrário, ao longo do processo histórico notamos discursos de personagens que faziam parte do mesmo meio destoando, apresentando ruídos na narrativa. Isto pode ser observado na figura dos jornalistas, onde temos algumas personalidades do meio que não concordavam com as ideias regionalistas, chegando a se posicionar abertamente nos jornais a favor das agremiações de samba no Carnaval Pernambucano, tencionando as linhas da história.

Nesse “campo de batalha” no “território das palavras”, já no final dos anos de 1960 surge um nome do meio da comunicação que se coloca no papel de “defensor” das agremiações de samba no Carnaval recifense. Vinculado ao Diário de Pernambuco, o jornalista Valdir Coutinho passa a escrever matérias que demarcavam o lugar das manifestações culturais do samba como parte dos festejos momescos locais.

Como destaca o historiador Augusto Neves - que realizou uma entrevista com o personagem em questão -, Valdir Coutinho buscou por meio do poder da palavra condenar o posicionamento de parcela consistente dos intelectuais da cidade, a quem denominou de “puristas”. O mesmo partilhava da ideia de que “o samba, enquanto prática cultural, já estava

²⁷² REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Opt. cit. p. 54.

presente no Estado de Pernambuco há muitos anos. ” Afirmando, inclusive, a respeito de um “sufocamento” enfrentado pelas agremiações de samba no Recife.²⁷³

Ainda assim, com o apoio de jornalistas como Valdir Coutinho, os sambistas enfrentavam um cenário de batalhas constantes para ganhar voz nos veículos jornalísticos da época, para além dos dois temas já citados. Tais sujeitos estavam produzindo em torno do samba, coisas novas, que contribuíram para a formação cultural local, mas não possuíam força de voz para escoar suas produções.

Como trata-se do território de disputas carnavalesco recifense, onde os produtores de samba visavam se inserir, nasce a ideia por meio de Newton Elias de criar um canal próprio representado pela FESAPE, para noticiar as movimentações dos sambistas no âmbito cultural, lazer e educação. Inicialmente, a ideia surge como forma de manter um diálogo com as agremiações filiadas como nos aponta Tia Dinha:

Então, ele já fazia uns folhetos. Assim... a FESAPE ia fazer uma festa, a gente fazia uns folhetos, era um tamanho de folha, ele dobrava a folha em três, aí ficava: frente, meio e verso. Informativo, né ? Informando as escolas o que que a FESAPE ia fazer. Isso era lá nos anos 90, a gente primeiro fez esses folhetos pra depois começar a produzir o jornal mesmo.²⁷⁴

A partir da oralidade captamos que antes do jornal ser pensado como forma de comunicar as realizações do samba em Pernambuco, já era produzido pelo Newton Elias um folheto informativo, que funcionava como um meio de compreensão para as escolas filiadas das articulações que a FESAPE estava realizando. No início dos anos 1990, os folhetos informativos funcionaram como um "protótipo inicial para a criação do “Correio do Samba” mais à frente. Deste modo, todo trabalho de representação frente ao poder público e demais entidades organizadoras do Carnaval recifense era trazido no veículo em questão, bem como os festivais, encontros e concursos.

Todo o processo de feitura dos folhetos era pensado por Newton Elias e sua equipe que em conjunto: levantavam as informações que seriam expostas por meio das reuniões da FESAPE, criavam o slogan, elaboravam os rascunhos a mão, pensavam na diagramação e divisão dos assuntos e imagens postas na folha, dentre outros detalhes ligados a impressão. Os folhetos eram elaborados todo mês, sendo impressos na faixa de 2 mil exemplares, distribuídos entre as escolas filiadas que seguiam repartindo o material.

²⁷³ SILVA, Augusto Neves da. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Op.cit., p. 68.

²⁷⁴ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivo. mp3 (4h)

Na metade dos anos de 1990, logo após a compra das duas salas da FESAPE onde funciona sua sede até hoje, deu-se a execução da ideia de criação do informativo “Correio do samba”. De acordo com os relatos orais, o jornal segue algumas diretrizes do que já vinha se desenvolvendo com os folhetos²⁷⁵, o caráter de informar continuou sendo o foco, acrescentando outros detalhes no modo de fazer. A respeito do processo de elaboração do “Correio do Samba”, Tia Dinha destaca:

[...] Foi aí que ele veio, e pensou vamos fazer um jornal informativo para as escolas. Aí, começou a fazer. Ele teve certo apoio do Waldeck Melo que foi presidente da Fesape depois que ele morreu, que sempre estava por ali. E ele era radialista com o irmão, o Walderson Melo. Tinham alguns patrocinadores que ajudavam financeiramente a FESAPE. Aí tinha: a Pitú, Jornal do Commercio... Como não tinha um patrocínio grande pra fazer um jornal de três, quatro folhas, ele disse: “vou fazer um de duas folhas”. Quatro lados, né? Frente, duas no meio e verso. Ele mesmo que batia, ele mesmo que montava as fotos, a gente recortava as fotos dos presidentes das escolas. Botava nesse jornal a data dos ensaios das escolas, data de aniversário das agremiações e compositores. Aí uma coisa incluía a outra: o concurso incluía o jornal, o jornal incluía os encontros²⁷⁶

Além do tom informativo que permanece, o jornal em questão foi se moldando, sobretudo, a verba disponível. Nesse momento entram alguns patrocinadores, como: Pitú e *Jornal do Commercio*, A moreninha e Cidoka Joias e Bijuterias. Contando com apenas duas folhas, o Correio do Samba começa a circular - segundo análise da oralidade - na metade dos anos 1990. É válido destacar, que além do seu caráter informativo, dados como: datas de aniversário das agremiações filiadas, presidentes e compositores, bem como processos de acordos da FESAPE com o poder público também se tornavam pauta, funcionando também como um meio de mostrar o serviço que a FESAPE prestava sob o comando de Newton Elias.

Como aponta Tia Dinha, a ideia de criação do jornal não funcionava como apenas mais um serviço de produção que a FESAPE estava prestando ao samba desenvolvido em Pernambuco, mas uma forma de divulgar suas produções de forma independente, onde cada produção alimentava a manutenção da outra. Nesse sentido, gerava no final um arsenal coerente de estratégias para manter as escolas de samba ativas em terras pernambucanas.

Ao executar nosso processo de escuta e análise das entrevistas entrecruzando algumas falas, notamos que o processo de criação de um jornal informativo do samba, parte também do convívio de Newton Elias com o radialista Walderson Melo - um dos nossos entrevistados -, o

²⁷⁵ Alguns dos folhetos existentes podem ser encontrados na Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, localizada: na Rua Floriano Peixoto, Nº85, sala 226. Bairro: São José.

²⁷⁶ SILVA, Edjane Maria Elias da. **Entrevista IV** [agost.2020] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 4 arquivos. mp3 (4h)

qual atuou na Rádio Continental, onde produziu com nosso produtor um programa de nome “sambas e pagodes”. A produção em questão tinha o mesmo intuito do Correio do Samba desenvolvido anos depois: o de fazer com que as produções das agremiações de samba ganhassem ouvidos e olhares atentos, a informação que era escutada pelos ouvintes da rádio passa a ser lida por meio do jornal. Sobre tais processos Walderson Melo versa:

[...] Essa visão de criar um jornal do samba ficou muito tempo na “incubadora” sendo gestada. Seu avô era muito crítico e cauteloso, não queria fazer de todo jeito. Tive o prazer de compartilhar com o Newton Elias algumas ideias sobre esse projeto enquanto produzíamos o programa “Sambas e Pagodes”. Basicamente seria uma extensão escrita do que a gente fazia no programa, teriam as divulgações dos eventos promovidos na época pela FESAPE, leitura de um samba enredo pernambucano, exposição dos tramites burocráticos com a Prefeitura sobre o Carnaval, conversa com os diretores sobre as expectativas para o desfile do ano, entre outras coisas, acho que era isso. ah, tinha as homenagens também.²⁷⁷

Ao analisarmos a fala acima, notamos como há uma diferença nos temas abordados se olharmos a perspectiva dos folhetos executados, no início dos anos 1990, e a feitura do jornal Correio do Samba, em 1995. Além do dito, percebe-se a cautela do nosso produtor em criar a proposta da forma mais estratégica possível, fato que foi experimentado em outros formatos da comunicação, passando pelo feitura do programa “Sambas e Pagodes”(1980) a realização dos folhetos (1990).

Por ser um sujeito com amplas habilidades e sem medo de colocar a ‘mão na massa’, Newton Elias produziu as primeiras tiragens, como também fazia o levantamento das pautas em conjunto com as agremiações de samba filiadas, escrevia, pensava o posicionamento das figuras, parte onde ficavam os patrocinadores, slogan, entre outras questões. Existia uma pequena equipe - formada por duas filhas do nosso personagem: Edjane e Rosangela – que também atuavam em múltiplas posições para executar as produções culturais pensadas por Newton Elias.

O formato do jornal tem como inspiração o que se produzia no *Jornal do Commercio*, obviamente, de forma mais simplificada, contando com o nome do periódico, órgão produtor, slogan, número da edição, mês/ano e a quantidade de tiragens. Os temas das matérias (sempre com um viés informativo) abordavam desde homenagens para personalidades importantes do samba pernambucano, como poemas/sambas enredos, divulgação de festas realizadas pela FESAPE ou por alguma agremiação filiada, notas de falecimento de produtores do samba e curiosidades históricas a respeito da manifestação cultural em Pernambuco. No total, eram

²⁷⁷ MELO, Walderson. **Entrevista VI** [set.2021] Entrevistador: Samuel Santana, 2021. 7 arquivo. mp3 (4h).

impressos 2 mil exemplares que eram distribuídos nas escolas filiadas e alguns ficavam na FESAPE, sendo entregues a quem chegava na sede.

Figura 36 - Modelo de Cabeçalho do Correio do Samba.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Pensado em um nível de menor porte, o Correio do Samba manteve-se principalmente com a ajuda dos colaboradores e, sobretudo, as empresas que o patrocinavam. Essas ganhavam destaque nas notas de rodapé do jornal, ou em outros momentos ocupavam o lugar de uma matéria para divulgar seu produto - como uma publicidade em formato de matéria jornalística.

Figura 37 - Modelo de nota de rodapé com alguns dos patrocinadores do Correio do Samba.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

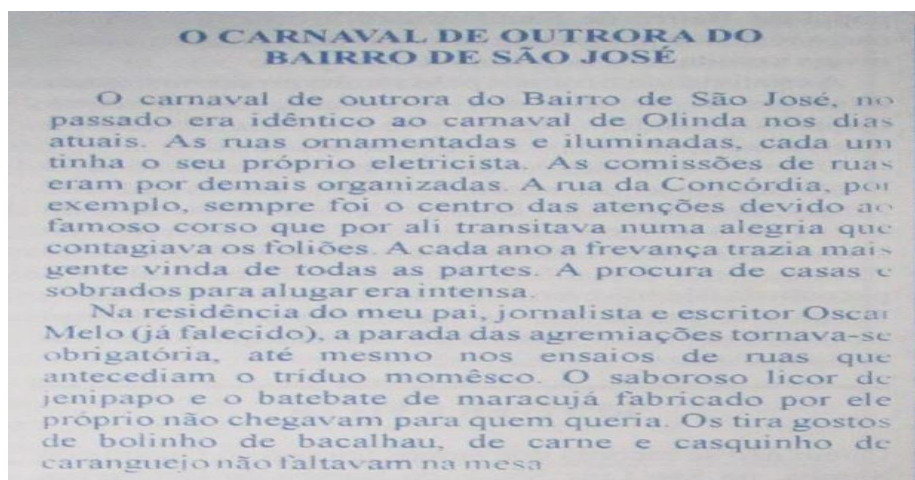
Ainda a respeito dos patrocinadores, destacamos que os mesmos são frutos de uma batalha de anos que o nosso produtor travou para formação de sua rede de sociabilidade, indo nos comércios falar diretamente com os empresários e trazer as suas propostas. Por meio da oralidade, notamos que algumas empresas patrocinadoras prestavam seus serviços as outras produções da FESAPE, por exemplo, a “Engrenagem de Produção”, que prestava o serviço de montagem das arquibancadas para os desfiles das escolas de samba. O “André Filho Produções” parceiro da FESAPE por muito tempo, responsável pelas fotos e filmagens dos desfiles e eventos produzidos pela entidade. A “Gráfica Lusitana” que realizava as impressões tanto das primeiras versões dos folhetos como das tiragens do Correio do Samba. Por fim, a Pitú, que desde as primeiras produções em Jaboatão dos Guararapes, ainda acreditava no potencial das produções de Newton Elias para o samba em Pernambuco.

É válido salientar que em meio a nossa busca pelos primeiros exemplares do “Correio do Samba” na Federação das Escolas de Samba de Pernambuco não obtivemos êxito. Trata-se de um acervo que não passou pelo processo de salvaguarda, tampouco, levantamento numérico das fontes, catalogação, limpeza, captação e armazenamento. Tal realidade, somada a mudança de presidentes e descaso do poder público - após a morte do Newton Elias em 1999 - fez com que muitas documentações se perdessem com o tempo.

Mesmo não encontrando os primeiros exemplares - que datam de 1995 -, utilizamos dos relatos orais para dar conta de formar uma narrativa histórica da produção do Correio do Samba. Ao final do processo de levantamento documental na FESAPE encontramos 2 exemplares do jornal. O primeiro data dos anos de 2005 e o segundo de 2006. De acordo com os relatos orais a estrutura do periódico permaneceu a mesma desde a primeira edição, sendo modificada e adicionada as novas pautas na estrutura previamente definida. Portanto, vamos utilizar do exemplar de 2005 para realizar uma análise do “Correio do Samba”.

A publicação de 2005 - edição de nº1-, traz como primeira pauta uma escrita que além de informativa se estabelece como um texto histórico. Sob o título: “O carnaval de outrora no bairro de São José” o escritor - Waldeck Melo -, compartilha com o leitor um pouco do seu olhar de uma infância imersa nos dias de Momo. Com um ar nostálgico e saudoso, relembra do seu lar em folia no bairro do São José, o corso e a frevança que atraía e contagiava os foliões. A casa do pai - jornalista e escritor Oscar Melo - é revisitada com espaço de “parada obrigatória das agremiações e os ensaios de rua dias antes do tríduo momesco.”

Figura 38 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.

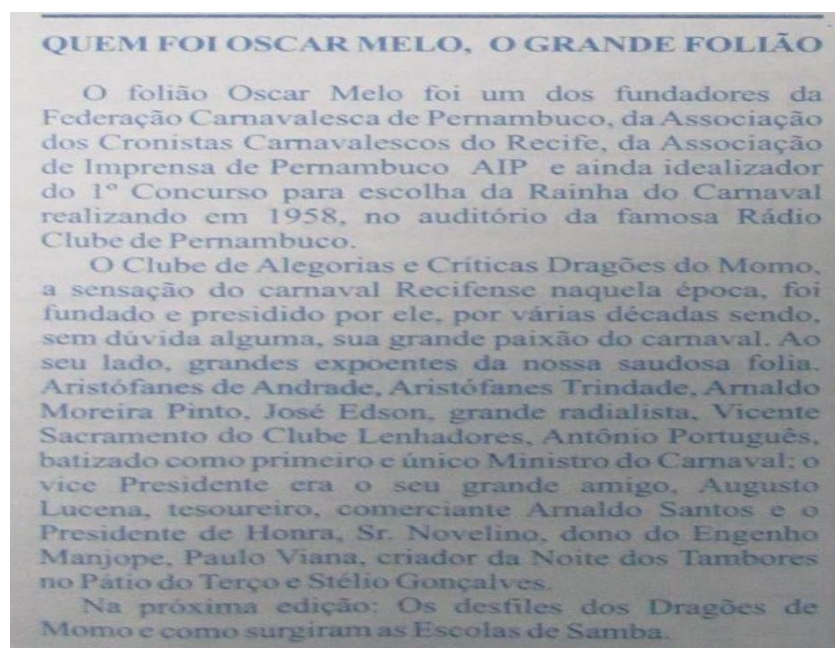


Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

O texto que possui um tom histórico traz um grau de informação através das memórias de Waldeck Melo, acessando outros tempos e outros modos de se brincar Carnaval, no qual as agremiações tomavam as ruas. Propositamente seu pai é citado, pois o segundo texto, intitulado “Quem foi Oscar Melo, o grande folião” trata de contar brevemente a partir de suas memórias quem foi seu pai, e as contribuições do mesmo para o Carnaval pernambucano.

Por meio dos dados que são postos a respeito da vivência de Oscar Melo, podemos notar que o sujeito em questão esteve envolvido em vida com boa parte das entidades que organizavam o Carnaval do Recife, são citadas a: Federação Carnavalesca de Pernambuco, Associação de Cronistas Carnavalescos do Recife, bem como foi idealizador do 1º Concurso de Rainha do Carnaval, competição essa tida como símbolo de tradição do Carnaval do Recife.

Figura 39 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.



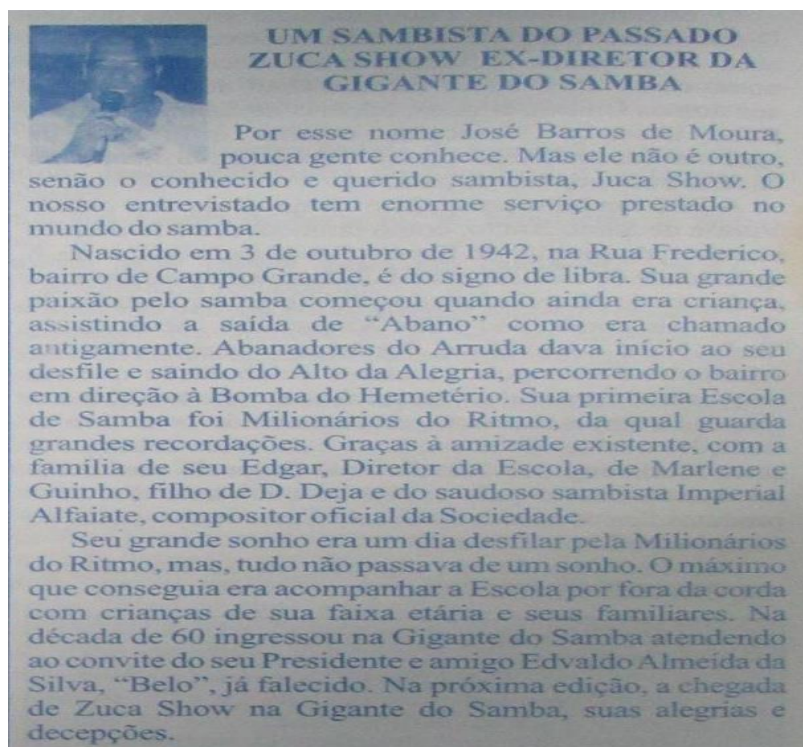
Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

Em seguida da exposição de seus feitos e colaborações como integrante das instituições que coordenavam o Carnaval do Recife, é ressaltado suas redes de sociabilidade identificados como “expoentes da nossa saudosa folia”, onde temos nomes como: Aristófanes de Andrade, Arnaldo Moreira Pinto, Antônio Português, dentre outros. Interessante notarmos que ao final do texto é identificado que na próxima edição do Correio do Samba dar-se á a continuidade as

memórias relatadas, quando afirma: “na próxima edição: os desfiles dos Dragões de Momo²⁷⁸ e como surgiram as Escolas de Samba”. Fato que é utilizado pelo Newton Elias, desde as primeiras publicações, pois segundo nosso produtor o leitor precisava ficar preso na história relatada a ponto de querer ouvir mais. Por isso a maioria dos textos históricos do jornal pontuavam a continuação do assunto ao final, tática que prendia o leitor a saber mais sobre as histórias do Carnaval da região.

Em seguida temos mais um texto com uma perspectiva histórica, intitulado: “Um sambista do passado Zuca Show ex diretor da Gigantes do Samba”. Trata-se de uma escrita que busca trazer ao presente nomes importantes do samba, nesse caso, a personalidade em questão foi o José Barros de Moura, popularmente conhecido como Juca Show. Imergindo numa pequena da biografia do sambista, notamos seus primeiros contatos com o samba, por meio dos “Abanadores do Arruda²⁷⁹” enquanto espectador e logo depois sua inserção na escola Milionários do Ritmo.

Figura 40 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

²⁷⁸ Para mais informações a respeito do Clube de Alegorias, da segunda metade do século XIX ver: ARAÚJO, Rita de Cassia Barbosa. **Festas: máscaras do tempo - entrudo, mascaradas e frevo no carnaval do Recife**. Opt. Cit.

²⁷⁹ Abanadores do Arruda é uma Troça Carnavalesca fundada em 1934, no Bairro de Água Fria. Ver: PREFEITURA DO RECIFE, Guia do Folião. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

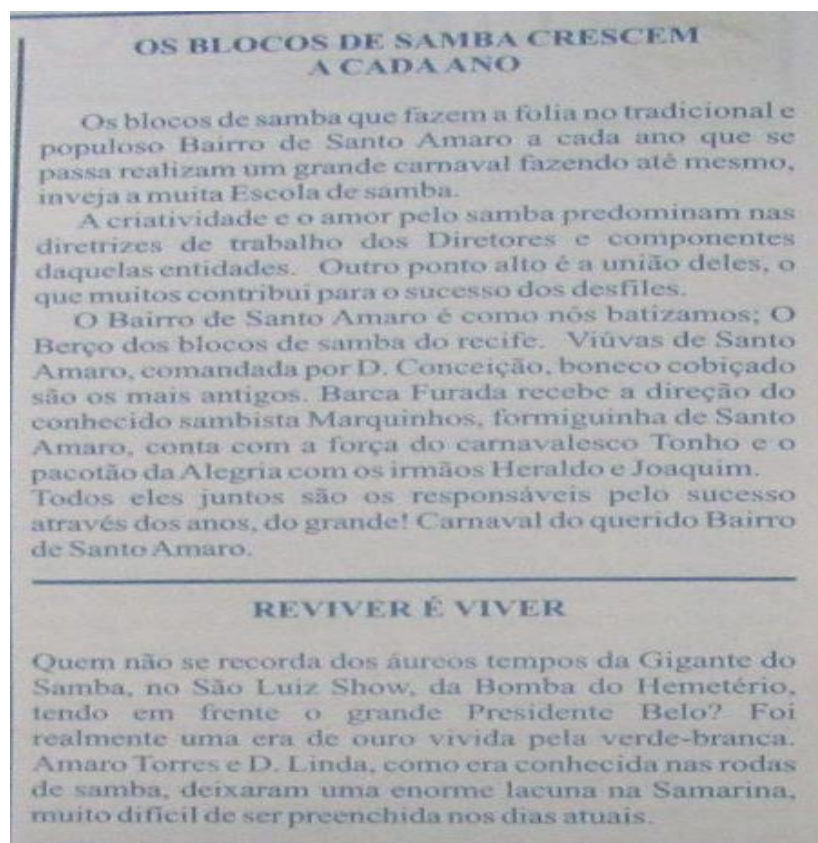
Entrecruzando as informações presentes na matéria em questão com a oralidade, percebemos o grau de importância e respeito que era atribuído as personalidades seja do Carnaval ou do samba, como forma de fazer com que os antigos participantes e brincantes recordassem de um passado próximo e os mais novos pudessem ter acesso a esse conhecimento. Sem falar que, tais matérias, vistas em conjunto, são documentos históricos que tratam - mesmo que rapidamente - do legado de produtores da cultura popular no Recife. Lançando luz em personagens como o Zuca Show, mantido nos bastidores da festa e da memória oficial, podendo a partir da matéria ter certo reconhecimento de suas colaborações e vivências nos dias de folia.²⁸⁰

Seguindo para a página 2, temos logo na primeira fileira um texto de nome: “Engarrafamento Pitú. Uma empresa da terra que prestigia o nosso Carnaval”. O escrito traz uma nota parabenizando a empresa pela parceria e incentivo as agremiações presentes no Carnaval da região. Além do que, surge como forma de divulgar a qualidade dos produtos Pitú que aparece há muitos anos como parceira dos projetos culturais elaborados pela FESAPE na figura de Newton Elias. Logo abaixo, é apresentado ao leitor, a equipe que compunha a Federação das Escolas de Samba de Pernambuco em seus respectivos cargos no ano de 2005, são eles: Presidente - Waldeck Mello; Vice Presidente - Josué Barbosa; Secretário Executivo - José Bonifácio dos Santos; Conselho Fiscal - Nilson Elias de Santana, Adagilsa Francisca Sales e Hélio José Ferreira; Colaboradores - Aristácio Ferreira; Zuca Show; Severino Bezerra e Edjane Elias de Santana.

O teor saudosista ganha destaque mais uma vez nos dois textos que compõem segunda fileira da página 2. O primeiro: “Os blocos de samba crescem a cada ano”, enfatiza na sublevação dos blocos de samba. Sobre tal aspecto é válido pontuar que os blocos de samba configuram como uma variação das escolas de samba, ou seja, uma adaptação das escolas aos tradicionais blocos recifenses. Mais um espaço ocupado pelo samba, como meio de adentrar no que se entendia enquanto tradicional, trazendo suas características. Além disso, é destacado a importância do bairro de Santa Amaro, tendo em vista que o mesmo é conhecido o berço dos blocos de samba do Recife.

Figura 41 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.

²⁸⁰ O Centro de Formação Pesquisa e Memória Cultural – CASA DO CARNAVAL, possui em seu acervo, um conjunto de entrevistas e transcrições com personalidades do Carnaval pernambucano ligadas às diversas modalidades de agremiações.

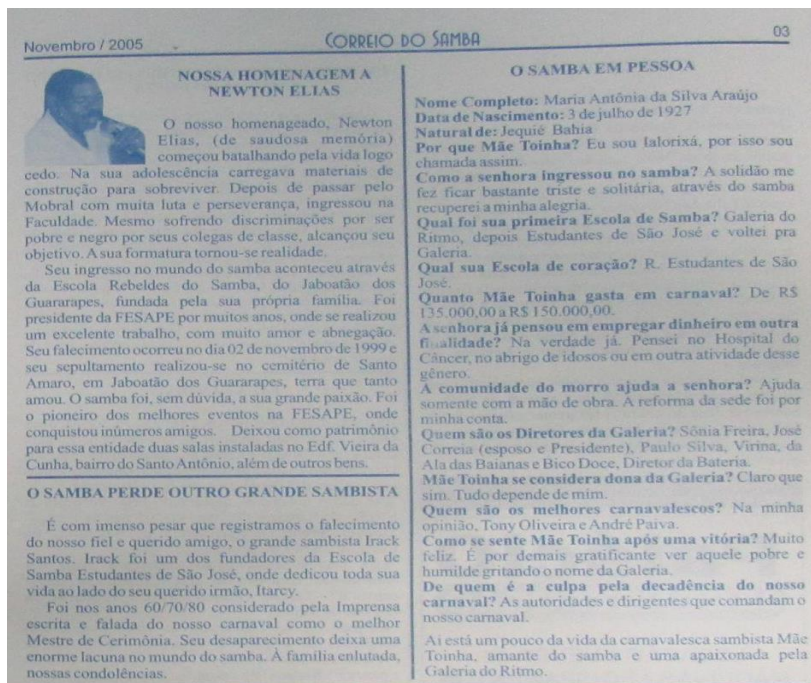


Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

O segundo texto: “Reviver é viver”, toma de empréstimo o tom saudoso do primeiro texto e demarca o lugar dos “áureos tempos da Gigante do Samba”, passeando pelas memórias dos shows realizados pela citada escola, bem como a presença de Belo X que arrematava a grandeza da Gigante.

Passando para a página 3 temos um texto que faz uma homenagem a figura de Newton Elias, o qual versa sobre aspectos biográficos do personagem em questão, contando um pouco sobre seus primeiros passos e legado com o samba desenvolvido em Pernambuco. Interessante destacar, que além dos bens imateriais deixados por nosso produtor, no texto veicula-se o ganho do espaço físico da FESAPE ao Newton Elias. Em seguida, entra uma nota de falecimento: “O samba perde outro grande sambista”. Trata-se de uma nota de pesar pela morte de Irack Santos, personalidade do samba pernambucano fundador e vinculado à escola Estudantes do São José. Trazendo para perto a oralidade, compreendemos que na forma de dispor as notas no Correio do Samba, foi estabelecido desde seu início que deveria haver um espaço para textos para homenagear produtores do samba falecidos e notas de falecimentos recentes de personalidades do meio.

Figura 42 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco.

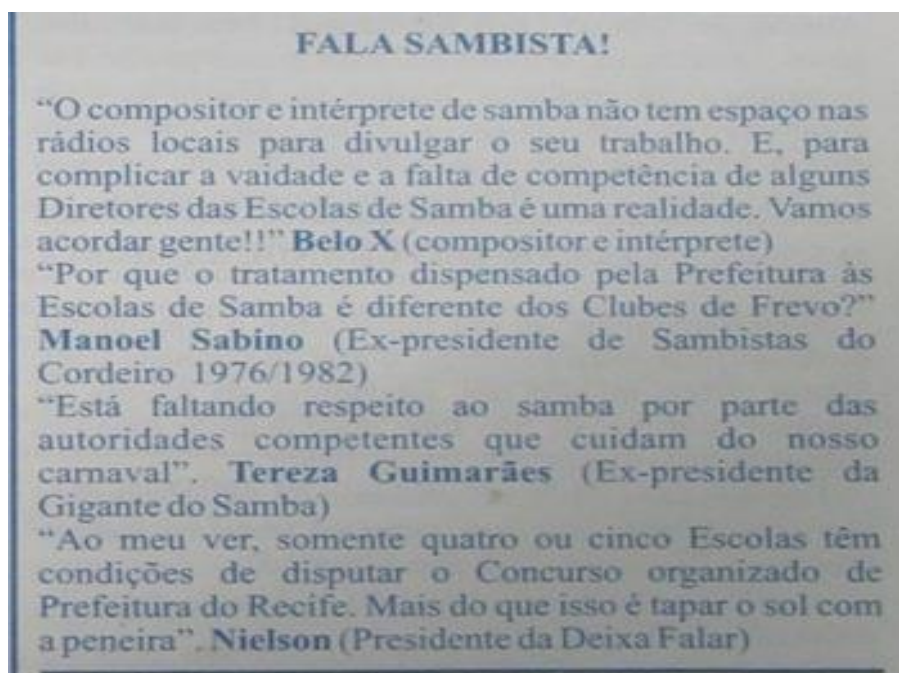
O ato de trazer a memória em vida também era pauta do Correio do Samba. Na última nota da página 3, temos uma pequena entrevista intitulada: “O samba em pessoa”, com Maria Antônia da Silva Araújo, conhecida como Mãe Toinha. A Ialorixá conta seu vínculo com o samba através da escola Galeria do Ritmo e Estudantes do São José. Por meio das perguntas, e sobretudo, das respostas obtidas podemos ter uma noção de dados como: gastos de uma escola de samba, a paixão que movia os produtores de samba fazendo os mesmos entregarem o máximo e em contrapartida o grau de independência que as agremiações de samba precisavam estabelecer para se manter na ativas.

Lançar luz na história de vida da carnavalesca e sambista Mãe Toinha, demarca um lugar de amor ao samba “estampado” no rosto de quem o produzia, e, sobretudo, direcionar nosso olhar para o descaso com o qual as agremiações de samba no Recife eram/são tratadas. Como se não valesse de nada todo um legado erguido desde os anos de 1940. Assim podemos conjecturar, que além dos textos com uma perspectiva saudosa - que prevalecem em número - existiam as notas de entrevistas curtas, visando não só enaltecer a produção de determinado sambista, mas, ir além disso, provocando no leitor uma reflexão sobre o sufocamento vivido pelas agremiações de samba no Recife.

Por fim, o último texto do jornal Correio do Samba de 2005 analisado aqui, trata de um espaço em que os sambistas tinham a oportunidade de falar suas inquietações referente às suas produções. Intitulado: “Fala sambista!” o espaço funcionava como um “microfone aberto” onde as palavras permeadas por questões diversas eram expostas.

A nota conta, com 3 sambistas: o primeiro Belo X, pontua a falta de espaço dado nas rádios locais para a divulgação de seu trabalho. O mesmo termina sua fala colocando em questão a “ vaidade de alguns diretores das escolas de samba”. O segundo, Manoel Sabino, ex-presidente da Sambistas do Cordeiro, destaca o tratamento diferenciado dado pela Prefeitura com as agremiações de samba em detrimento dos Clubes de Frevo. A terceira, Tereza Guimarães, ex-presidente da Gigante confronta as autoridades competentes pelo Carnaval pelo total desrespeito que tratam o samba. E o quarto e último Nielson, presidente da Deixa Falar, que reproduz uma fala que soma a da Tereza, já que pontua que só “quatro ou cinco escolas de samba têm estrutura e condições de disputar o concurso organizado pela Prefeitura do Recife. Fato esse, que lança luz para a discussão das dificuldades presentes para inserir as produções de samba no Carnaval do Recife, aspecto que acaba fazendo as escolas de menor porte desistirem de manter seus legados²⁸¹.

Figura 43 - Recorte de Matéria do Jornal Correio do Samba, 2005.



Fonte: Federação das Escolas de Samba de Pernambuco

²⁸¹ Os aspectos históricos das escolas citadas, podem ser encontrados em: PREFEITURA DO RECIFE/ ASSOCIAÇÃO DOS MARACATUS DE BAQUE SOLTO. Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana. Recife: Fundação de cultura Cidade do Recife, 2009.

Sem sombra de dúvidas, o jornal Correio do Samba para além de um espaço de demarcar a produção do samba em Pernambuco, surge como uma oportunidade de reconhecimento e registro desses legados corporificados em tantas personalidades que o samba forjou. As memórias dos que vieram antes se fazem presentes na dinâmica de escrita e pautas do periódico, possibilitando aos “filhos do samba” nunca esquecer de onde vieram e o caminho árduo que os espera.

Pensar que um homem negro, aparelhado por sua equipe de pessoas não brancas estavam pensando tais estratégias para se inserir no campo de batalhas que é o Carnaval do Recife, nos dar mais certeza que os nossos não cansam de se articular e ocupar os espaços que lhes foram negados. Seja por meios dos concursos, encontros, festas, educação, esportes, lazer ou pelo “território das palavras”, os sambistas demarcaram seu lugar de permanência e resiliência nos dias de Momo recifense enegrecendo o ambiente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pluralidade presente no Carnaval, sobretudo, nas agremiações de samba atuantes na capital pernambucana reflete a diversidade de quem as pratica. Como aponta Hannah Arendt “a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade dos seres singulares.”²⁸² Imersos na trilha dos produtores do samba entendemos que é impossível esgotar as mais variadas nuances de significados que os sambistas atribuíram aos dias de Momo durante o recorte proposto. A escolha de lançar luz nos processos estratégicos de permanência do samba na “terra do frevo e maracatu”, não entra na escrita como forma de “tachar” a classe em questão como seres unilaterais, presos em uma visão combativa, pelo contrário, interpretando os sentidos de tradição que defendiam, compreendemos seu caráter de táticas políticas.

Neste compasso contínuo, procuramos investigar os meios táticos de resistência e resiliência do samba nos dias festivos recifense, visando compreender os caminhos escolhidos nesses anos (1970 - 1999) por seus produtores. A tentativa de descortinar ao máximo as práticas ordinárias dos sambistas, sobretudo trazendo uma perspectiva de recorte de trajetória de vida nos possibilitou observar as atuações do grupo em questão, e suas relações, conflituosas e diplomáticas com parcela da intelectualidade local e na imprensa.

Trazer recortes da vida de Newton Elias de Santana como fio condutor para narrar os processos de permanência do samba em Pernambuco, nos possibilitou enxergar o quão múltiplos e articulados eram os “amantes do samba”. Seu despontar em um “sonho rebelde” lançou contribuições à comunidade das Malvinas. O processo de mediar em “território de disputas” entre sambistas e poder público, bem como produtor cultural, tencionou o sentido de tradição empreendido pela classe representada, que circula entre a tradição regionalista e opositiva, provocando à historiografia do tema novos caminhos.

A presente pesquisa buscou mostrar de forma inteligível as batalhas cotidianas promovidas pelo território de disputas que os dias de Carnaval e seus comandantes promoviam. Enfatizando mais uma vez o momento festivo como também um lugar de conflitos, disputas e narrativas assimétricas, que destaca mais uma vez a pluralidade dos sujeitos imersos. Levantar a discussão no entorno da participação das agremiações de samba no que se entendia enquanto

²⁸² ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 13ª Edição. Editora: Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2016.

“ terra do frevo e maracatu” mexe com uma construção de tradição que encobriu inúmeras outras memórias de sujeitos pretos que habitam o submundo das periferias. Assim, busca-se cumprir o papel da história de movimentar e trazer novos enfoques sobre o que é naturalizado.

A classe de sambistas recifenses, majoritariamente formada por pessoas não brancas foram entendidos como agentes de sua própria história, e inclusive, provedores de um modo de pensar tradicional - por vezes ligada a um modos operante a combater o regionalismo e em outros momentos aderindo a sua produção ao conceito de tradição vigente na região -, que nos leva a compreendê-los enquanto agenciadores no território de disputas momesco. “Os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual - atribuídos e negados pelo racismo moderno”.²⁸³ Desta forma, ao promover tais discussões, emerge uma história contada pelos sambistas que produz um outro horizonte historiográfico que traz um novo olhar para a história das agremiações de samba em Pernambuco.

Diferente de suas congêneres cariocas, as agremiações de samba no Recife não usufruem da mesma visibilidade, altos valores financiadores e status de comercialização e espetacularização. Em contrapartida, criavam meios de manutenção a partir de festas, concursos e encontros, que aparecem ao longo da trajetória do Newton Elias enquanto estratégia de firmação das escolas de samba no cenário em questão.

Sem dúvidas, contar a história de permanência das escolas de samba em Pernambuco a partir de uma ótica da trajetória de vida do Newton Elias, foi um processo minucioso acompanhado de muitas descobertas. Trazer para o primeiro plano, um homem negro que teve como meta de vida o reconhecimento do legado deixado pelas agremiações de samba no Recife, nos direciona para um lugar de protagonismo de uma figura não branca, o qual sua trajetória de mistura em muitos momentos com a história do Carnaval do Recife.

O cruzamento das narrativas, por vezes, assimétricas dos sambistas com outros personagens dos dias festivos, nos ajudou a quebrar com uma armadilha retórica que aprisiona os intelectuais como apenas tradicionalistas e conservadores, e os sambistas como o oposto disto, ou seja, rebeldes e subversivos. Ao tencionar a estruturação argumentativa que coloca os sambistas enquanto opostos dos intelectuais, conseguimos enxergar seus posicionamentos banhados no conceito de festa tradicional, o qual dialoga com o desejo da classe de inserção de sua produção no repertório tradicional do Carnaval pernambucano.

²⁸³ GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed.34; Rio de Janeiro:Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001, p. 41.

Portando, Newton Elias, os demais sambistas, assim como os intelectuais, estavam mais atuando como agenciadores no campo de disputas simbólicas em torno do universo tradicional e da festa do Carnaval do Recife, do que necessariamente na defesa de uma trincheira anti tradicional. A figura de um homem negro - articulado com o cenário de disputas do Carnaval - e multifacetado, atuando enquanto: sambista, mediador e produtor cultural, levanta discussões no entorno de uma dimensão racial, pois, são homens e mulheres negros que fazem o samba no Recife, enfrentando todo um ambiente hostil que foi construído para o samba.

É válido destacar que não tivemos a pretensão de esgotar o tema. Desta maneira, a pesquisa realizada é vista como uma ponte para novos trabalhos que poderão ser realizados, a partir de enfoques e outros desdobramentos não abordados na ocasião. Centrando na provocação e tencionamento de uma narrativa posta, buscamos despertar nos leitores novos questionamentos que possam diversificar os olhares sobre os dias de Carnaval em Pernambuco, sobretudo, na história das agremiações de samba na região.

Por fim, destacamos a importância de uma análise mais direcionada a narrativa e processos dos produtores de samba em Pernambuco, visando dar espaço para novos olhares e perspectivas a respeito dos dias de Carnaval, contribuindo com a historiografia do samba em Pernambuco. Newton Elias de Santana, foi um dentre outros sambistas apaixonado, que em concomitância com o legado das agremiações de samba na região foi construindo o seu de forma coletiva. Esperamos que os compassos demarcados por esta dissertação possam ser sonoridades provocadoras, dando espaço para novas análises, para que se mantenha viva o legado e a história do samba desenvolvido em Pernambuco e de seus produtores.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; MONTEIRO, Livia; BRASIL, Eric. **Cultura Negra. Festas, Carnavais e Patrimônios Negros**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Eduff, 2018.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. 4. Ed. ver. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- _____. **"Um morto vestido para um ato inaugural"**: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**, In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky (org). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ALMEIDA JUNIOR, Dilton Lopes de. **À margem**: diante da poesia, diante da cidade. Dissertação de Mestrado no curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia: UFBA, Salvador, 2017.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: Máscaras do Tempo**. Entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. 13ª Edição. Editora: Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2016.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- BARROS, José d'Assunção. **Sobre a feitura da micro-história**. OPSIS, v. 7, n. 9, 2007.
- BEHR, N. Candango In. **Brasília A-Z cidade palavra**. Brasília, 1971.
- BENJAMIN, Walter. **Mágia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 57. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural? Tradução** de Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- _____. **New perspectives on historical writing**. 2. edition. Cambridge, Reino Unido: Editora Polity Press, 2001.
- CABRAL, Geovanni Gomes. **Arte, história e narrativa**. A trajetória do poeta José Costa Leite. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

CANDEIAS, Paulo Roberto Pergentino. **Os saberes da escola Gigante do Samba**. Dissertação de Mestrado em Educação. UFPE: Recife, 2019.

CAPONE, Stefania. **A construção da África no candomblé**. Rio de Janeiro: Editora Contracapa/Pallas, 2004.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo - Ensaios sobre o Carnaval**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999.

_____. (org). **Ritual e performance**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. In: A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____. **Cultura no Plural**. 4ª edição, Campinas, São Paulo: Editora Papirus, 1995.

_____. *A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. 22ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

_____. **A invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

_____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; BASSO, Marjorie, K. J. “O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais”. São Paulo: Estudos em Comunicação nº2, 2007

COSTA, Valeria Gomes. **Trajetórias negras**. Os libertos da Costa d’África no Recife (1846-1890). Tese de doutorado em História. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2013.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os cronistas de momo: imprensa e carnaval na Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia**. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Fabiana Lopes da. **Da marginalidade ao estrelato: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Annablume, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2001.

DE MATTOS, Regiane Augusto. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

DIAS, João Ferreira. **“Chuta que é macumba”: o percurso histórico-legal da perseguição às religiões afro-brasileiras**. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano XII, Nº XXII, 2019.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. 2. ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Editora Mazza, 2007.

FANON, Franz. **Pele negras máscaras brancas**. Salvador: Editora Edufba, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3º edição. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Amado Janaína. (Org). **Usos e abusos da História Oral**. 8º edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever e esquecer**. 2º edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. 1ª edição. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

_____. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Provas e Possibilidades**, In: O fio e os rastros. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Cia das Letras, p. 334, 2007.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed.34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça**. Campinas: Educ. Soc, v. 33 n. 120, 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio. Educ, Rio de Janeiro, v.14, n 50, p. 27-38, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. Ensaio. Cortez, p. 16-17, 2010.

GUILLEN, Isabel Martins. **Maracatus-nação entre os modernistas e a tradição:** discutindo mediações culturais no Recife dos anos de 1930 e 1940. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE). Recife, v. 01, n.21, 2003.

_____. SILVA, Augusto Neves da. (Org). **Tempos de folia.** Estudos sobre o Carnaval no Recife. Recife: Editora Massangana, 2018.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Artes da memória, fontes orais e a escrita da História,** In: Cidades da mineração: memória e práticas culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: EDUFMT, 2006.

_____. **Historiografia, diversidade e história oral:** questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. *História oral, desigualdades e diferenças.* Santa Catarina. Ed. da UFSC; Recife: EDUFPE, 2011.

_____. SILVA, Augusto Neves da (org). **Tempos de folia:** estudos sobre o carnaval no Recife. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2018.

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. (Org.) **A invenção das Tradições.** 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOLSTON, J. **Cidade modernista:** uma crítica de Brasília e sua utopia. (1993), 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOOKS, Bell. **Yearning. Race, Gender and Cultural Politics.** Boston: South End Press, 1990

IPHAN, DOSSIÊ. 10 **Matrizes do Samba no Rio de Janeiro:** partido-alto, samba de terreiro, samba-enredo. Iphan, Brasília/DF, 2007

JACQUES, Paola Berenstein & JÚNIO, Dilton Lopes de Almeida. **A construção de Brasília:** alguns silenciamentos e um afogamento. São Paulo: XII EHA - Encontro de História da Arte - UNICAMP, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuições à semântica dos tempos históricos.* Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

LEOPOLDI, José Sávio. **Escolas de samba, ritual e sociedade.** Editora UFRJ. 1º edição. 2010.

LEITE, Miriam Moreira. **Morte e fotografia.** In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (org) *Imagem e memória (ensaios em antropologia visual),* 1. ed. Rio de Janeiro: Gramond, 2001.

LIMA, Solange Ferraz de; & CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. In: O historiador e suas fontes. Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (Orgs). São Paulo: Contexto, 2009.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e África**. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular. (1960-2000). Tese de Doutorado em História, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

LOPES, Nei. **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 1992.

MATOS, Maria Izilda. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: e-manuscrito, 2019.

MARTINS, Tereza Cristina Santos. **O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade**. Serv. Soc, São Paulo, n. 111, 2012.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, metodologia, memória**. Editora Contexto, 2012.

_____. **História oral, caminhos e descaminhos**. Revista brasileira de História, São Paulo, v.13, n° 25/26, 1993.

_____. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1994.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra**. Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

NATAL, Vinicius. **Memórias e Culturas nas escolas de samba do Rio de Janeiro**. Dramas e esquecimentos. Rio de Janeiro: Editora Novaterra, 2016.

NETO, Hugo Menezes. **Tem samba na terra do frevo: as escolas de samba no carnaval do Recife**. Tese de doutoramento em Antropologia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. 1º edição, São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

PASSOS, Mauro. **A festa na vida**. Significados e imagens. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PREFEITURA DO RECIFE/ ASSOCIAÇÃO DOS MARACATUS DE BAQUE SOLTO. Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana. Recife: Fundação de cultura Cidade do Recife, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. Memória. n. 3, GOMES, Ângela de Castro. MOURA, Gerson. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org). São Paulo: Editora Vertice, 1989.

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde cultura é política**: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife. (1979-1995). Tese de doutoramento em História. UNB: Brasília, 2010.

QUIRINO, Kelly T. M. Jornalismo, juventude negra e violência. Como o mito da democracia racial invisibiliza a temática étnico-racial no jornalismo. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2013.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. Fundação Joaquim Nabuco. 2. ed. Editora: Massangana. Recife, 1990.

REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife**: histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2000.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Rio de Janeiro: Editora Estampa, 1998.

RICOUER, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas. Ed. da Unicamp, 2007.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**. A experiência de trabalhadores. Brasília: Editora da Unb, 2008.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A mídia e o lugar da história**. Lugar Comum, Nº11, 2015.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 22^o edição. 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. Educ. Soc, Campinas v. 33 n. 120, 2012.

SANTOS, Mário Ribeiro. **Noites festivas de junho**. História e representações do São João no Recife (1910-1970). Recife: Editora UFPE, 2018.

_____. **Trombones, tambores, repiques e ganzás**: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife. Recife: Editora SESC PE, 2010.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente**: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. **Os Intelectuais**. In: REMÓND, René. (Org). Por uma história política. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico**: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. Anos 90: Revista do

Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.6, 1996.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação, In: BLOCH, Marc. **Apologia da História: o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001.

SILVA, Leonardo Dantas. **Elementos para a História Social do carnaval do Recife**. In: Antropologia do carnaval do Recife. Mário Souto Maior e Leonardo Dantas da Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1991.

SILVA, José Bento Rosa. **Família Cazumbá**. A peculiaridade de descendentes de africanos nos últimos anos da escravidão e no pós abolição. Editora: UFPE /Casa Aberta. 2018.

SILVA, Augusto Neves da. **Debate historiográfico sobre as escolas de samba no Recife (1955-1970)**. Monografia de Conclusão de Curso de Bacharelado em História. Recife: UFPE, 2009.

_____. **Quem gosta de samba bom pernambucano não é?** Dissertação (Mestrado em História), Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

_____. **Fazendo mesura na ponta dos pés: Carnaval e políticas públicas de cultura para o Recife nas décadas de 1970 a 1980**. Rio de Janeiro: UFF, 2017

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TELES, José. **O frevo rumo a modernidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. Editora 34. 2ª edição, 2010.

TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem**. As estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Editora: DIÁLOGO - Cultura e Comunicação. Florianópolis, 1996.

ULLOA, Alejandro Sanmiguel. **Pagode: a festa do samba no Rio de Janeiro e nas Américas**. Rio de Janeiro: Editora Multimaís, 1998.

Vaz, Paulo B.F. & MENDONÇA, Ricardo F. **A representação visual do negro no jornal impresso**. Trabalho apresentado no NP13 - Núcleo de Pesquisas Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e05, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campinas, SP: Campus, 2002.

VIDAL, Francisco Mateus Carvalho. **A fresta do Estado e o brinquedo para os populares**. Histórias da Federação Carnavalesca Pernambucana (1935-1949). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco. 2010.

VOVELLE, Michel. **Os Intermediários Culturais**, In: Ideologias e Mentalidades. Tradução de Maria Julia Cottvasser. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WITTMANN, Luisa Tombini. **O vapor e o botoque**. Imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/ SC (1850-1926). Florianópolis. Letras Contemporâneas, 2007.

Periódicos Pesquisados:

Correio do Samba: nov. 2005.

Diário da Manhã: fev. 1947/ jan. 1984.

Diário da Noite: fev. 1966/ fev. 1971/

Diário de Pernambuco: jan. 1960/ jan. 1968/ mar. 1969/ fev. 1971/ jan. 1972/ fev. 1972/ jan. 1974/ set. 1974/ mar. 1976/ fev. 1978/ jan. 1981/ jan. 1984/ jun. 1984/ agos. 1984/ set. 1986/ dez. 1987/ jan. 1988/ dez. 1989/ agos. 1991.

Folha de Pernambuco: jan. 1999.

Jornal do Commercio: fev. 1966/ jan. 1984/ fev. 1987/ nov. 1990.

Entrevistas Realizadas:

Edjane Maria Elias da Silva. Entrevista IV. Recife, agosto, 2021.

Geraldo Melo Filho. Entrevista VII. Recife, setembro, 2021.

Juleicka Lopes de Araújo. Entrevista III. Jaboatão dos Guararapes, outubro, 2019.

Laureci Elias de Santana. Entrevista II. Jaboatão dos Guararapes, agosto, 2019.

Nelson Elias de Santana. Entrevista I. Jaboatão dos Guararapes, junho 2018/ agosto 2019.

Paulo Cabral. Entrevista V. Recife, julho, 2021.

Walderson Melo. Entrevista VI. Recife, setembro, 2021

Instituições Consultadas:

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE

Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval

Federação das Escolas de Samba de Pernambuco - FESAPE

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Instituto Histórico de Jaboatão - IHJ

Sites Consultados:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<http://www.legiscidade.recife.pe.gov.br>